



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS

RAUL NELSON AFONSO AZEVEDO LIMA

**Desafios da gestão curricular em grupos-
turma do 1.º Ciclo**

**A perceção de alunos e Encarregados de
Educação do 3.º e 4.º anos de escolaridade sobre a
disciplina e os conteúdos de EMRC**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Professor Doutor Carlos Manuel Meneses Moreira

“Trabalha como se tudo dependesse de ti,
Confia como se tudo dependesse de Deus”

Santo Inácio de Loyola

Agradecimentos

Este trabalho é o resultado de um desafio e de uma jornada de dois anos de esforço e dedicação, o qual não teria sido possível sem a ajuda de várias pessoas que me incentivaram e me deram força.

Queria agradecer:

- a Deus, que me concedeu a vida, a força, a resiliência e a sabedoria para enfrentar os desafios de tantos anos já vividos e que continuarei a viver. A presença de Deus é sempre um alicerce fundamental em toda a minha trajetória de vida.

- ao meu orientador, Professor Doutor Carlos Menezes, o qual expressei o meu sincero agradecimento que ao longo destes dois anos me acompanhou. Agradeço os seus conhecimentos, a sua paciência e a sua orientação, as quais foram essenciais para dar forma a este desafio. Agradeço a dedicação, a prontidão, a rapidez e a troca de ideias que me ajudaram a ir mais além.

- ao Professor Pedro Mendes, Professor Cooperante, pelo tempo de partilha e pelos muitos telefonemas de desencontros. Agradeço a visão geral da disciplina de EMRC e seus problemas assim como a partilha de problemas por que passam os Agrupamentos de Escolas.

- de forma especial, à minha amada, querida e ilustre esposa, Cris. Agradeço por cada palavra de incentivo, pela sua paciência inabalável e pelo apoio incondicional. Foste a minha maior fonte de inspiração e o pilar que sustentou este trajeto.

- aos meus colegas de curso, obrigado pelo companheirismo e pelas trocas de ideias e experiências que tornaram a caminhada mais leve e produtiva. Agradeço a união da turma nestes dois anos.

Por fim, agradeço a todos que, de uma ou outra forma, contribuíram para a realização deste trabalho. O meu muito obrigado.

Índice

ÍNDICE DE TABELAS	7
ÍNDICE DE GRÁFICOS	8
RESUMO	10
ABSTRACT.....	11
LISTA DE SIGLAS.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
PARTE I: ENQUADRAMENTO CURRICULAR E DIDÁTICO.....	16
CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	16
1.1 Contextualização e caracterização do objeto da Prática de Ensino Supervisionada ..	16
1.2 Desafios da gestão curricular em grupos-turma do 1.º ciclo	21
1.3 Caracterização da turma	22
CAPÍTULO II: CONTRIBUTO DA EDUCAÇÃO MORAL RELIGIOSA CATÓLICA PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	30
2.1 Importância e Finalidade de EMRC	30
2.2 EMRC vs Catequese	36
2.3 O Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais do 3.º e 4.º anos	39
2.4 Aprendizagens Essenciais de EMRC vs Temas da Catequese do 3.º e 4.º anos	50
CAPÍTULO III: DO PROGRAMA/ APRENDIZAGENS ESSENCIAIS DE EMRC AO PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. MARIA II	54

3.1	A relação entre o Programa/ Aprendizagens Essenciais do 3.º e 4.º ano com o Projeto Educativo	54
3.2	A relação do Programa/ Aprendizagens Essenciais do 3.º e 4.º anos e os eixos estratégicos do Projeto Educativo	56

CAPÍTULO IV: CURRÍCULO, GESTÃO CURRICULAR E DESAFIOS DIDÁTICOS59

4.1	Planificação anual	63
4.2	Designação da Unidade Letiva I: “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância”	66
4.3	Planificação e Planos de Aula da Unidade Letiva I: “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância”	66
4.4	Designação da unidade letiva II: “Caminho de Amor e Coragem”	89
4.4	Planificação e planos de aula da unidade II: “Caminho de Amor e Coragem”	89
4.5	Desafio curricular: unidades letivas propostas e aulas desenvolvidas	105

PARTE II: REFERENCIAL TEÓRICO, CONCETUAL E METODOLÓGICO..... 111

CAPÍTULO V: REFERENCIAL TEÓRICO, PROBLEMA E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO 111

5.1	Metodologia	111
5.2	Método de recolha de dados	113

PARTE III: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS 114

CAPÍTULO VI: RESULTADOS 114

6.1	Caracterização da amostra	114
	Fonte: Elaboração Própria	118
6.2	Estatísticas descritivas	119

CAPÍTULO VII: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	140
CONCLUSÕES, LIMITAÇÕES E PISTAS DE INVESTIGAÇÃO FUTURA	147
BIBLIOGRAFIA	152
ANEXOS.....	155

Índice de Tabelas

Tabela 1: População residente de nacionalidade estrangeira (N.º) por sexo e nacionalidade	19
Tabela 2: Nacionalidades dos alunos por turmas.....	25
Tabela 3: Composição do Grupo-turma.....	28
Tabela 4: Género.....	28
Tabela 5: Nacionalidades dos alunos que compõem o grupo-turma	28
Tabela 6: Comparação do Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais de EMRC do 3.º ano de escolaridade	41
Tabela 7: Comparação do Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais de EMRC do 4.º ano de escolaridade	46
Tabela 8: Aprendizagens Essenciais do 3.º ano e eventuais temas correspondentes do Catecismo do 3.º ano	51
Tabela 9: Aprendizagens Essenciais do 4.º ano e eventuais temas correspondentes do Catecismo do 4.º ano	52
Tabela 10: Princípios e Valores do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II.....	54
Tabela 11: Eixos estratégicos do Plano Educativo	55
Tabela 12: Relação entre as unidades letivas, as aprendizagens essenciais do 3.º e 4.º ano e o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II.....	56
Tabela 13: Frequência absoluta e frequência relativa dos Encarregados de Educação acerca da idade.....	114
Tabela 14: Frequência absoluta e frequência relativa à variável sexo dos Encarregados de Educação.....	115
Tabela 15:Frequência absoluta e frequência relativa dos Encarregados de Educação acerca das habilitações académicas	115
Tabela 16:Frequência absoluta e frequência relativa dos Encarregados de Educação acerca da religião	116
Tabela 17: Frequências absolutas e frequências relativas à idade dos alunos	117
Tabela 18:Frequências absolutas e frequências relativas ao sexo dos alunos	117
Tabela 19: Frequências absolutas e frequências relativas acerca do ano de escolaridade dos alunos	118
Tabela 20: Frequências absolutas e frequências relativas acerca da frequência da catequese.....	118

Índice de Gráficos

Gráfico 1: População Residente (N.º) por sexo e grupo etário na União de freguesias de Nogueira, Fraião e Lamações.....	18
Gráfico 2: População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por sexo e nível de escolaridade mais elevado	18
Gráfico 3: População residente com ensino superior completo (N.º) por áreas de estudo	19
Gráfico 4: Alunos das Turmas: 3.º A, 3.º B, 4.º A e 4.º B	23
Gráfico 5: Género das turmas: 3.º A, 3.º B, 4.º A e 4.º B	23
Gráfico 6: Nacionalidade dos alunos	24
Gráfico 7: Apoios da Ação Social Escolar dos alunos	25
Gráfico 8: Habilitações académicas dos pais.....	26
Gráfico 9: Habilitações académicas das mães	26
Gráfico 10: Situação profissional dos pais	27
Gráfico 11: Situação profissional das mães.....	27
Gráfico 12: Inscrição em EMRC	119
Gráfico 13: Opinião dos Encarregados de Educação acerca da finalidade de EMRC	120
Gráfico 14: Acompanhamento dos conteúdos de EMRC por parte dos Encarregados de Educação.....	121
Gráfico 15: Opinião dos Encarregados de Educação quanto às unidades letivas abordadas.....	121
Gráfico 16: Opinião dos Encarregados de Educação acerca do impacto de EMRC nos educandos	122
Gráfico 17: Opinião dos Encarregados de Educação quanto ao entusiasmo dos educandos relativo às aulas de EMRC	122
Gráfico 18: Opinião dos Encarregados de Educação relativamente às condições para proporcionar uma relação com Deus e com a fé	123
Gráfico 19: Opinião dos Encarregados de Educação quanto ao papel de EMRC no tocante à promoção de uma atitude aberta e respeitosa face à diversidade cultural.....	124

Gráfico 20: Opinião dos Encarregados de Educação relativamente à relação de EMRC e a contribuição para a sensibilização de problemas humanos e sociais	124
Gráfico 21: Razões apontadas pelos Encarregados de Educação para inscrever os educandos em EMRC	126
Gráfico 22: Opinião dos Encarregados de Educação quanto aos conteúdos de EMRC	127
Gráfico 23: Opinião dos Encarregados de Educação acerca dos temas que devem integrar o currículo de EMRC	128
Gráfico 24: Razões apontadas pelos Encarregados de Educação para a não inscrição em EMRC	129
Gráfico 25: Opinião dos Encarregados de Educação que não inscreveram os seus educandos em EMRC quanto aos temas que devem constar no currículo de EMRC ...	130
Gráfico 26: Opinião dos alunos relativa à equivalência dos temas da Catequese e de EMRC	131
Gráfico 27: Opinião dos alunos quanto aos temas abordados na catequese	132
Gráfico 28: Opinião dos alunos acerca da disciplina de EMRC	132
Gráfico 29: Opinião dos alunos acerca dos temas de EMRC	133
Gráfico 30: Opinião dos alunos acerca do contributo de EMRC na formação pessoal e social	133
Gráfico 31: Opinião dos alunos acerca das temáticas abordadas em aula	134
Gráfico 32: Opinião dos alunos acerca do papel de EMRC no que respeita às competências relacionais e tomada de decisão	134
Gráfico 33: Opinião dos alunos quanto ao contributo de EMRC no tocante ao aprofundamento da mensagem cristã	135
Gráfico 34: Opinião dos alunos quanto ao contributo de EMRC relativamente à promoção do respeito pela diversidade e dignidade das pessoas	135
Gráfico 35: Opinião dos alunos quanto às razões por que estão inscritos em EMRC	137
Gráfico 36: Opinião dos alunos acerca da sua não inscrição em EMRC	138
Gráfico 37: Opinião dos alunos não inscritos acerca dos temas que devem integrar o currículo de EMRC	139

Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo analisar a percepção acerca da disciplina de EMRC e do conteúdo do seu currículo. A metodologia utilizada foi o questionário recolhido junto dos Encarregados de Educação e dos alunos do 3.º e 4.º anos da Escola n.º 2 de Lameças – Braga, Agrupamento D. Maria II sendo os dados analisados através de estatísticas descritivas. A investigação evidencia que a valorização da disciplina não depende prioritariamente do seu conteúdo programático, mas das opções pedagógicas que enquadram a prática letiva. Metodologias centradas no aluno e orientadas para a promoção de valores universais revelam-se determinantes na construção de uma percepção positiva, tanto dos Encarregados de Educação, tanto dos alunos.

Os dados obtidos demonstram que a disciplina é validada quando contribui para a formação ética, social e cultural dos alunos, aproximando-se de uma lógica de cidadania e de promoção de valores. Entre os Encarregados de Educação, observa-se uma aceitação elevada da disciplina quando esta é percecionada como promotora de respeito, solidariedade e justiça social, contrastando com resistências associadas à sua dimensão confessional. Do ponto de vista dos alunos, os indicadores confirmam elevados níveis de satisfação, reconhecendo na EMRC um espaço de crescimento pessoal e social.

Conclui-se que a percepção social da EMRC resulta do equilíbrio entre a sua identidade confessional e a capacidade de se afirmar como espaço formativo plural, capaz de promover valores transversais e contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos.

Palavras-chave: EMRC, Catequese; finalidade de EMRC; percepção; grupos-turma

Abstract

The present study primarily sought to examine perceptions regarding the subject of EMRC and the content of its curriculum. The adopted methodology consisted of a questionnaire administered to parents/guardians and to students in the 3rd and 4th grades of School No. 2 of Lamações – Braga, within the D. Maria II School Cluster. The collected data were analyzed using descriptive statistics. The findings highlight that the perceived value of the subject depends less on its programmatic content than on the pedagogical approaches underpinning classroom practice. Student-centered methodologies oriented toward the promotion of universal values emerge as decisive in shaping a positive perception, both among parents/guardians and among students.

The results further demonstrate that the subject is validated when it contributes to students' ethical, social, and cultural development, aligning with a framework of citizenship and the promotion of values. Among parents/guardians, high levels of acceptance are observed when the subject is perceived as fostering respect, solidarity, and social justice, in contrast with reservations associated with its confessional dimension. From the students' perspective, the indicators confirm high levels of satisfaction, with EMRC being recognized as a space for personal and social growth.

In conclusion, the social perception of EMRC is shaped by the balance between its confessional identity and its capacity to establish itself as a plural educational space, capable of promoting transversal values and contributing to the integral development of students.

Keywords: EMRC, Catechesis, purpose of EMRC, perception, class groups

Lista de Siglas

AE – Aprendizagens Essenciais

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

CRP – Constituição da República Portuguesa

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica

P-2014 – Programa 2014

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

A realização da Prática de Ensino Supervisionada (PES) constitui, para qualquer futuro docente, uma oportunidade única de contato direto com a realidade escolar, permitindo não apenas aplicar os conhecimentos adquiridos no percurso académico, mas também problematizar e refletir sobre a complexidade da ação educativa. O caráter opcional de EMRC implica, desde logo, um duplo desafio: por um lado, conquistar o interesse e a motivação dos alunos, integrando-se de forma harmoniosa no currículo do 1.º Ciclo do Ensino Básico; e, por outro, corresponder às expectativas dos Encarregados de Educação, que são os responsáveis diretos pela inscrição dos filhos na disciplina.

Assim, ao longo da realização da PES em EMRC no 1.º Ciclo, emergiu de forma clara a necessidade de compreender como a disciplina é percecionada tanto pelos alunos como pelos Encarregados de Educação dado estar perante um grupo-turma. Por outras palavras, surgiu desde logo a inquietação de perceber a imagem que EMRC tem perante os Encarregados de Educação e perante os alunos uma vez que a turma era composta por alunos do 3.º e 4º ano.

Ora desta feita, a pertinência deste estudo reside precisamente no facto de a EMRC, mais do que qualquer outra disciplina, se encontrar no cruzamento entre a escola, a família e a comunidade, assumindo-se como espaço privilegiado de diálogo entre saberes, valores e experiências. Neste sentido, importa questionar: Que impacto têm as opções pedagógico-didáticas na perceção dos alunos e Encarregados de Educação relativamente à disciplina de EMRC?; Qual a perceção dos encarregados de Educação e dos alunos sobre a disciplina e currículo de EMRC?; Quais os principais fatores que influenciam a perceção dos alunos e Encarregados de Educação relativamente à disciplina de EMRC?; Em que medida a perceção da relevância dos conteúdos da disciplina influencia a decisão de inscrição em EMRC por parte dos alunos e Encarregados de Educação ?. Assim, podemos dizer que o principal problema de investigação que este estudo procura responder baseia-se em: **Qual a perceção dos alunos e Encarregados de Educação do 3.º e 4.º ano de escolaridade detêm acerca da disciplina de EMRC e do conteúdo do seu currículo?**

O presente estudo encontra-se estruturado em três partes que estruturam o trabalho desenvolvido. Na primeira parte apresenta-se o enquadramento curricular e didático, estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo aborda a Prática de Ensino Supervisionada, com particular atenção à realidade concreta do grupo-turma e aos desafios que se colocam à gestão curricular no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Pretende-se,

assim, contextualizar e caracterizar o objeto da PES, identificar os principais constrangimentos e potencialidades observados na sala de aula e, finalmente, descrever a turma onde decorreu a prática pedagógica.

O segundo capítulo centra-se na análise na disciplina de EMRC e no seu contributo específico para uma educação integral. Este ponto implica refletir sobre a importância e a finalidade da disciplina, a sua relação e distinção face à catequese, a estrutura do Programa de 2014 e a forma como este se traduz nas Aprendizagens Essenciais do 3.º e 4.º anos. Uma atenção particular será dada à comparação entre as Aprendizagens Essenciais da disciplina e os temas da catequese, procurando identificar pontos de convergência e de divergência, bem como as implicações pedagógicas que daí decorrem.

O terceiro capítulo foca-se na articulação entre o Programa/Aprendizagens Essenciais de EMRC e o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II. Sendo o Projeto Educativo um documento estruturante da identidade e missão de qualquer agrupamento, importa analisar de que modo as finalidades da disciplina se relacionam com as prioridades estratégicas definidas a nível local. Neste ponto, serão exploradas as ligações entre os conteúdos de EMRC e os eixos estratégicos do Projeto Educativo, evidenciando a relevância da disciplina no desenvolvimento de competências transversais e na promoção de uma educação integral.

No quarto capítulo a atenção desloca-se para o currículo, a gestão curricular e os desafios didáticos concretos. Aqui serão apresentadas as planificações anuais, a definição e implementação de unidades letivas específicas — nomeadamente “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância” e “Caminho de Amor e Coragem” — e a reflexão sobre as dificuldades e potencialidades que emergem da planificação e desenvolvimento das aulas no tocante aos desafios didático-pedagógicos fruto da flexibilidade curricular e do contexto no qual foi desenvolvido a PES.

A segunda parte versa sobre o referencial teórico, concetual e metodológico. O quinto capítulo é dedicado ao referencial teórico, onde se apresenta a fundamentação concetual que sustenta a investigação, bem como a formulação do problema e das questões de investigação que orientam o estudo. Bem como os métodos e procedimentos adotados, com especial destaque para as técnicas de recolha de dados.

Por fim, a terceira parte versa sobre a análise e discussão dos resultados sendo estruturada por dois capítulos. No capítulo sexto, são apresentados os resultados, começando pela caracterização da amostra e prosseguindo com a análise estatística descritiva das respostas obtidas.

Já no capítulo sétimo procedemos à análise e discussão dos resultados. Este capítulo é dedicado à interpretação dos dados recolhidos à luz do quadro teórico previamente delineado, estabelecendo conexões com a prática pedagógica e com as finalidades da disciplina de EMRC.

Por último, são apresentadas as conclusões, os principais contributos, as limitações e as pistas de investigação futura.

Parte I: Enquadramento Curricular e didático

Capítulo I: Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

1.1 Contextualização e caracterização do objeto da Prática de Ensino Supervisionada

A Escola Básica n.º 2 de Lamações está situada na freguesia de Lamações na cidade de Braga, no norte de Portugal. Integra o Agrupamento de Escolas D. Maria II, sendo este um dos maiores agrupamentos da cidade de Braga. A sede do Agrupamento de Escolas D. Maria II localiza-se na Escola Secundária D. Maria II, em Braga. Esta instituição foi criada pelo Decreto-Lei n.º 45 636, de 31 de março de 1964, que determinou a fundação do então Liceu Feminino de Braga, dotado inicialmente de vinte e quatro salas de aula.

A escolha da Rainha D. Maria II como patrona do Agrupamento de Escolas D. Maria II revela-se particularmente significativa, uma vez que a sua ação política e social esteve profundamente ligada ao desenvolvimento da educação em Portugal. Nascida no Rio de Janeiro, em 1819, Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina era filha de D. Pedro IV de Portugal (também imperador do Brasil) e da arquiduquesa D. Leopoldina da Áustria. Herdou o trono português em 1826, ainda em idade muito jovem, após a abdicação do pai. O período inicial da sua vida política foi marcado por forte instabilidade, nomeadamente pela guerra civil entre absolutistas e liberais, conflito que terminaria em 1834 com a vitória liberal e a sua aclamação como rainha constitucional.

Durante o seu reinado, D. Maria II destacou-se pela implementação de uma política de modernização e de valorização da instrução pública, que lhe valeu a designação de “a Educadora”. Entre as suas iniciativas mais relevantes encontra-se a criação, em 1835, do Conselho Superior de Instrução Pública, bem como a consagração da obrigatoriedade da instrução primária. Entre 1836 e 1837, com o apoio do ministro Passos Manuel, foram introduzidas reformas estruturantes que permitiram a expansão e a diversificação da rede escolar. Neste âmbito, merecem destaque a fundação de academias e escolas especializadas, como a Academia de Belas Artes de Lisboa e do Porto, a Escola Politécnica e as Escolas Médico-Cirúrgicas¹.

¹ Agrupamento de Escolas D. Maria II, “Patrono,” *Agrupamento de Escolas D. Maria II*, consultado em 16 de abril de 2025, <https://www.aedonamaria.pt/content/patrono>

Paralelamente, a reforma do ensino secundário de 1836 determinou a criação dos liceus nacionais nas capitais de distrito, que embora só viessem a funcionar de forma plena a partir de 1851, constituíram um marco decisivo na democratização do acesso ao conhecimento. Estes liceus incorporavam tanto disciplinas clássicas, como Latim e Literatura, como áreas mais técnicas e científicas, refletindo a preocupação em formar cidadãos aptos a integrar uma sociedade em transformação.

O legado de D. Maria II ultrapassa, assim, a esfera política, inscrevendo-se também na construção de uma cultura de valorização da escola pública enquanto instrumento de progresso social e de consolidação do regime liberal. A sua dedicação à educação, associada ao sentido de dever e de responsabilidade que cultivava também no plano familiar, justificam plenamente a homenagem que lhe é prestada pelo Agrupamento de Escolas D. Maria II, instituição que prossegue a missão de formar cidadãos críticos, responsáveis e comprometidos com os valores democráticos. Assim, ao longo das décadas seguintes, a escola consolidou-se como uma referência educativa da cidade, responsável pela formação cultural e científica de várias gerações de bracarenses. De acordo com dados do próprio agrupamento, estima-se que, em mais de seis décadas de existência, tenham passado pelas suas salas de aula mais de cem mil alunos, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento educativo da comunidade local.

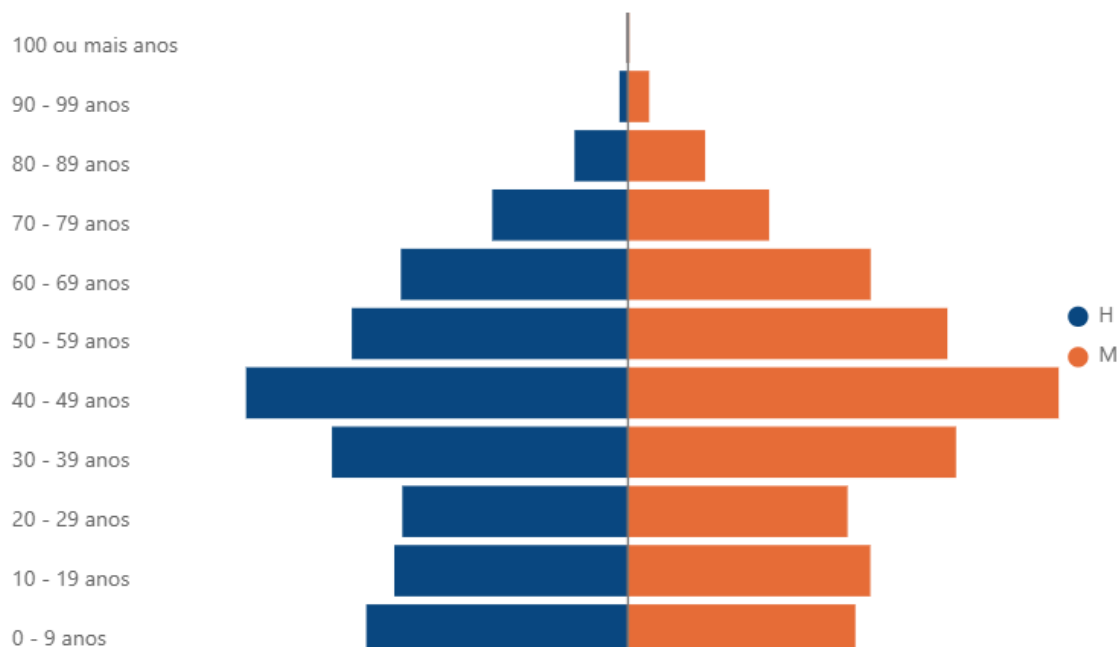
A Escola Secundária D. Maria II pode ser entendida como parte integrante de um território educativo em constante construção, adaptado pelas ações de todos os seus intervenientes (alunos, pessoal docente, pessoal não docente, família, instituições, ...). Por outras palavras, este território pode ser visto com uma configuração em rede, na medida em que a escola se articula com diversas entidades, criando assim sinergias que ampliam o seu impacto social e cultural.

Por sua vez, a Escola Básica n.º 2 de Lamações, no que respeita à área na qual se insere pode ser interpretada como um território-rede, na medida em que quer a dinâmica urbana, quer os fluxos de mobilidade, quer ainda a pluralidade cultural dos seus habitantes moldam de forma contínua o ambiente educativo. Neste sentido, podemos afirmar que Braga dado o elevado índice de crescimento populacional e de diversidade sociocultural traduz-se num contexto de elevado privilégio quer para o estudo, quer a para a prática educativa.

Se detivermos a nossa atenção na freguesia de Lamações verificámos que apresenta uma crescente densidade populacional, o que reflete o contínuo alargamento da mancha urbana bracarense. Tendo em conta os dados dos Censos 2021 constatámos ainda

que a união de freguesias de Nogueira, Fraião e Lamações é constituída por famílias jovens e com filhos em idade escolar (gráfico 1).

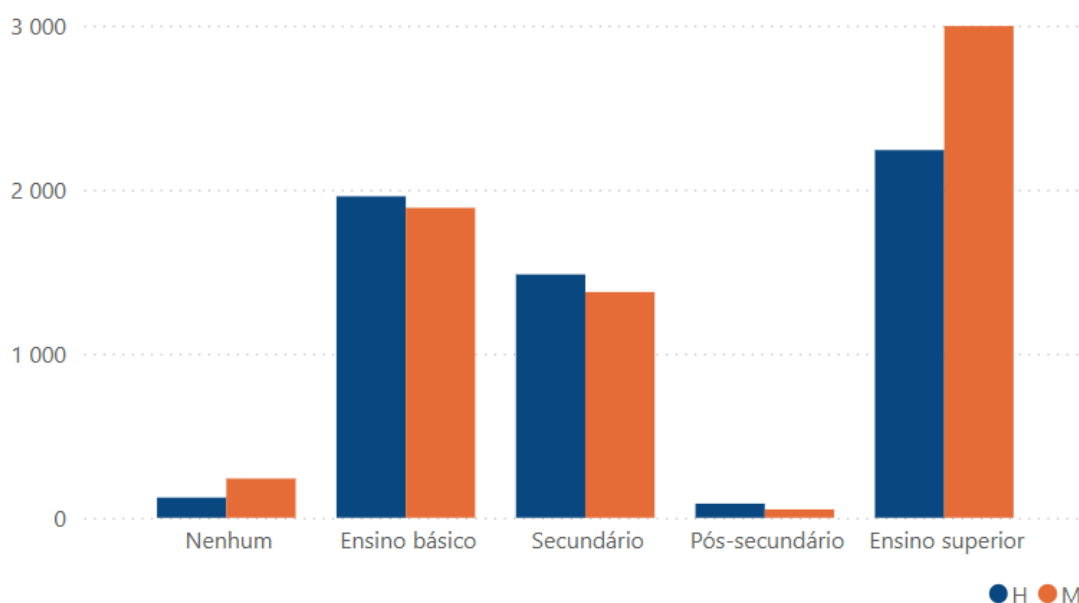
Gráfico 1: População Residente (N.º) por sexo e grupo etário na União de freguesias de Nogueira, Fraião e Lamações



Fonte: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21

A nível de formação e habilitação académica constata-se que existe um grande número de agregados familiares com formação académica o que influencia, à partida, o acompanhamento escolar dos alunos (gráfico 2).

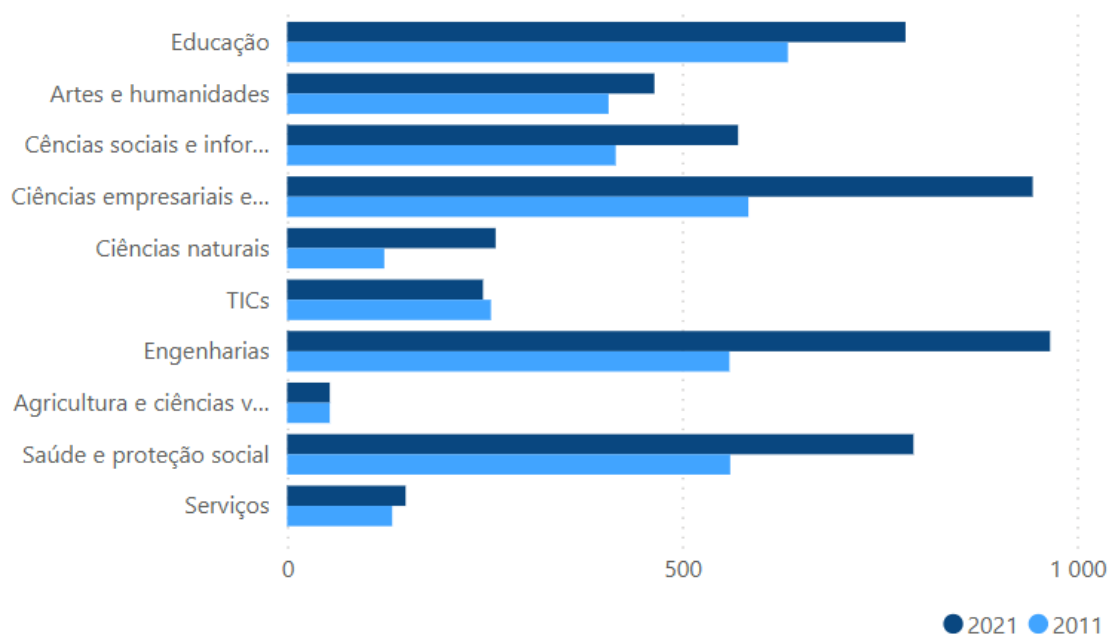
Gráfico 2: População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por sexo e nível de escolaridade mais elevado



Fonte: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21

Mais concretamente no que se refere ao ensino superior verificámos que houve um aumento de população com ensino superior concluído em áreas diversificadas quando comparados os dados de 2011 e de 2021 (gráfico 3).

Gráfico 3: População residente com ensino superior completo (N.º) por áreas de estudo



Fonte: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21

Verificámos ainda que na União de freguesias de Nogueira, Fraião e Lamações, segundo dados dos Censos 2021 que a proporção da população residente de nacionalidade estrangeira é de 4,36%. Destaque-se ainda que nesta freguesia existem várias nacionalidades a residir o que também se reflete na escola. A Escola Básica n.º 2 de Lamações reflete esta diversidade e esta multiculturalidade, o que impõe desafios de variada índole: inclusão; diferenciação pedagógica e ainda desenvolvimento de competências interculturais.

Tabela 1: População residente de nacionalidade estrangeira (N.º) por sexo e nacionalidade

Nacionalidade	Homens	Mulheres	Total
África	23	26	49
América	202	243	445
Ásia	11	6	17
Oceânia	1	0	1
Outros países - Europa	21	19	40
União Europeia	62	40	102

Fonte: adaptado de https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=CENSOS21

Tendo por base os dados analisados anteriormente em consonância com o Projeto Educativo 2022-2026 verificámos que o Agrupamento de Escolas D. Maria II procura “garantir a promoção da qualidade pedagógica e a adequação do sistema educativo à realidade local, identificando as prioridades na ação educativa.”² Neste sentido, importa salientar que um dos pilares fundamentais do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II é a educação inclusiva, na medida em que possui uma população estudantil plural e heterogénea. Nesta característica muito particular derivada da realidade local, o Agrupamento de Escolas vê nela uma oportunidade de crescimento promovendo, assim uma cultura de respeito, empatia e diferenciação pedagógica. Um outro aspeto de elevada importância consagrado no Projeto Educativo é a promoção da cidadania ativa e da formação global. Dito por outras palavras, a escola é vista como um espaço público de aprendizagem democrática, na qual se cultivam valores como a liberdade, o diálogo, a solidariedade e a responsabilidade. O Agrupamento de Escolas dinamiza várias iniciativas e projetos interdisciplinares através da designada Estratégia de Educação para a Cidadania do Agrupamento. Desta feita, permite o desenvolvimento de competências pessoais e sociais fundamentais e essenciais à participação de cada um na vida coletiva.

Importa ainda salientar que o núcleo da cultura organizacional do Agrupamento de Escolas D. Maria II assenta num conjunto de valores e princípios que subscreve o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) operacionalizados em práticas e decisões concretas, sendo eles:

- Inclusão – acesso, participação e aprendizagem completa para todos;
- Saber e Aprendizagem – centralidade do conhecimento científico e da aprendizagem ao longo da vida;
- Ousadia e Inovação – abre as portas da escola à mudança e à experiência;
- Coerência e Flexibilidade – diligencia uma gestão curricular que vá de encontro aos diversos contextos e às necessidades de cada aluno;
- Sustentabilidade e Responsabilidade Social – preocupação e compromisso com o planeta.

Face ao exposto podemos referir que o Projeto Educativo 2022-2026 revela-se num documento que assenta numa visão humanista e inclusiva. É assim visto como uma resposta consciente e estratégica não só a nível dos desafios da escola pública, como também à realidade local na qual está inserido este Agrupamento. Assim, e de forma lata,

² Agrupamento de Escolas D. Maria II, *Projeto Educativo 2022-2026*, 5, <https://www.aedonamaria.pt/content/projeto-educativo>

podemos referir que o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II elucida e define a identidade, a missão os valores e os princípios norteadores da estratégia do Agrupamento e da ação educativa. Por sua vez, o Regulamento Interno operacionaliza a visão versada no Projeto Educativo. Isto porque o Regulamento Interno procura de uma forma prática e normativa regular os direitos, deveres de todos aqueles que pertencem à comunidade educativa.

Apraz desde logo referir que quer o Projeto Educativo, quer o Regulamento Interno se alicerçam em valores e princípios inclusivos e humanistas, de destacar: a cidadania, a dignidade da pessoa, a equidade, o saber e a inovação. Ora neste sentido, podemos dizer que o Regulamento Interno se traduz no instrumento de viabilização e concretização da identidade versada no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II. Por outras palavras, e de uma forma simplista, o Projeto Educativo procura definir quem é o Agrupamento e qual o caminho que pretende seguir, ao passo que o Regulamento Interno define como o Agrupamento deve agir dia a dia para concretizar esse caminho.

Além dos documentos já referidos, um outro documento aprovado em janeiro de 2023 pelo Agrupamento de Escolas D. Maria II é a Estratégia de Educação para a Cidadania que está relacionado com a visão do agrupamento quanto não só ao papel formativo da escola, como também à importância da escola na construção da cidadania. O documento procura definir quais os domínios a trabalhar em cada nível e ciclo de Educação e Ensino. Ou seja, o objetivo principal deste documento é desenvolver, de forma contínua e integrada, as competências pessoais, sociais e cívicas dos alunos de modo a torná-los cidadãos ativos, críticos, conscientes e solidários.

1.2 Desafios da gestão curricular em grupos-turma do 1.º ciclo

A Prática de Ensino Supervisionada incidiu sobre uma turma a que designamos de grupo-turma dado que é composta por alunos do 3.º e 4.º anos de escolaridade. Importa, de antemão referir que os grupos-turma encerram em si uma combinação de dificuldades pedagógicas, didáticas e curriculares que culminam em desafios únicos para a gestão curricular de EMRC.

Desde logo, o primeiro desafio curricular versa sobre o facto de o programa de EMRC está estruturado por níveis de ensino com conteúdos específicos para cada ano letivo. Ora isto implica por parte do docente uma análise e reflexão de temáticas comuns

a fim de desenvolver “novas” unidades letivas para lecionar aos grupos-turmas. Por seu turno, esta escolha de temáticas encaminha-nos para outros dois desafios: a alteração da sequência lógica dos temas e adequação dos critérios e instrumentos de avaliação tendo em conta cada ano.

A nível pedagógico esta realidade de grupos-turma desafia-nos e, por sua vez, obriga-nos a uma planificação flexível e sensível às necessidades individuais dado que estamos perante alunos de diferentes faixas etárias. Além de que implica que os docentes, por um lado, desenvolvam atividades que motivem os alunos e, por outro lado, procurem que todos os alunos participem nas mesmas.

Por fim, a nível didático implica, sem dúvida a criação de “pontes”. Ou seja, implica que os docentes desenvolvam uma planificação que integre conteúdos dos diferentes anos letivos, através de temáticas transversais.

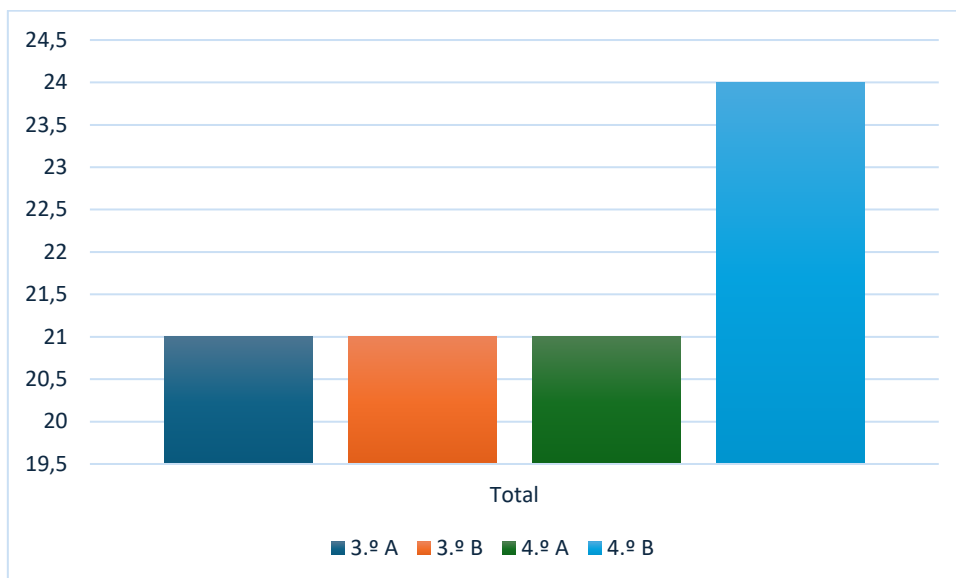
Em suma, é necessário, em termos gerais, refletir e definir as estratégias pedagógicas tendo em conta o respetivo contexto escolar. Por outras palavras, procura-se, por um lado, adaptar o core curriculum ao grupos-turma, e, por outro lado, conservar a integridade das aprendizagens essenciais de cada ano letivo.

Tendo o referido como linhas mestras procura-se definir um modelo curricular específico para o grupos-turma tendo em conta a heterogeneidade das capacidades dos alunos, bem como a promoção de uma aprendizagem inclusiva. Daí dizer-se que surge o primeiro grande desafio do docente ao ter de adaptar os conteúdos programáticos tendo em conta o contexto social, as suas necessidades, as suas pretensões e, ainda, os eixos estratégicos previstos no projeto educativo da própria escola. Implica, também, “reorganizar” os conteúdos do Programa, de modo a se tornarem mais “interessantes”, motivadores, relevantes e significativos para os alunos. Para que estes fins sejam alcançados é necessário, sem dúvida, novas metodologias de ensino aprendizagem e de gestão curricular.

1.3 Caracterização da turma

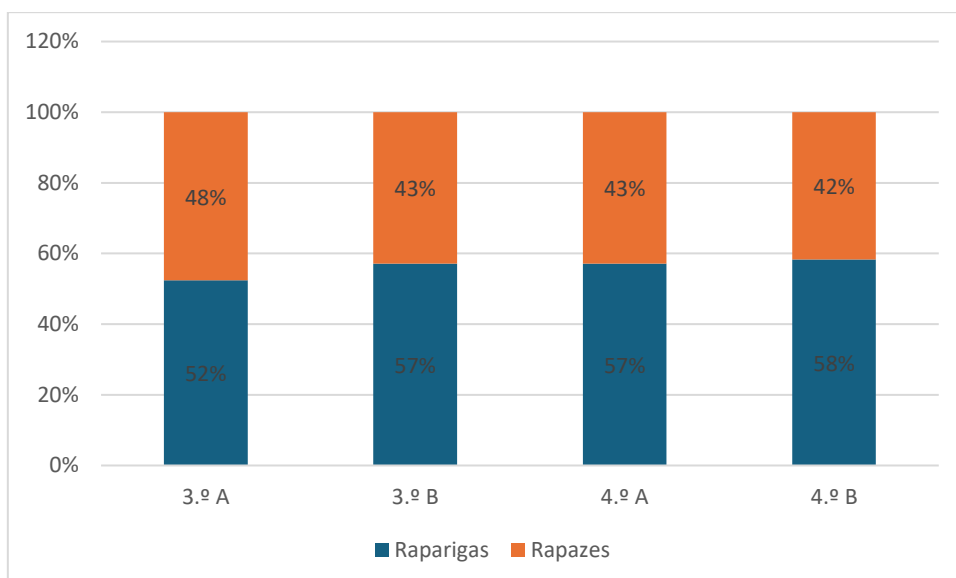
A turma que acompanhei durante a realização da Prática de Ensino Supervisionada (PES) é composta por alunos de quatro turmas do 1.º ciclo da Escola Básica n.º 2 de Lamações Braga: 3.º A, 3.º B, 4.º A e 4.º B. As turmas 3.º A, 3.º B e 4.º A são constituídas por vinte e um alunos e a turma 4.º B por vinte e quatro alunos (gráfico 4).

Gráfico 4: Alunos das Turmas: 3.º A, 3.º B, 4.º A e 4.º B



No que respeita à composição da turma do 3.º A é constituída por vinte e um alunos, dos quais onze são raparigas (52 %) e dez são rapazes (48%); a turma do 3.º B e 4.º A são constituídas por doze raparigas (57%) e nove rapazes (43%); e, por último, a turma do 4.º B é composta por catorze raparigas (58%) e dez rapazes (42%) (gráfico 5).

Gráfico 5: Género das turmas: 3.º A, 3.º B, 4.º A e 4.º B



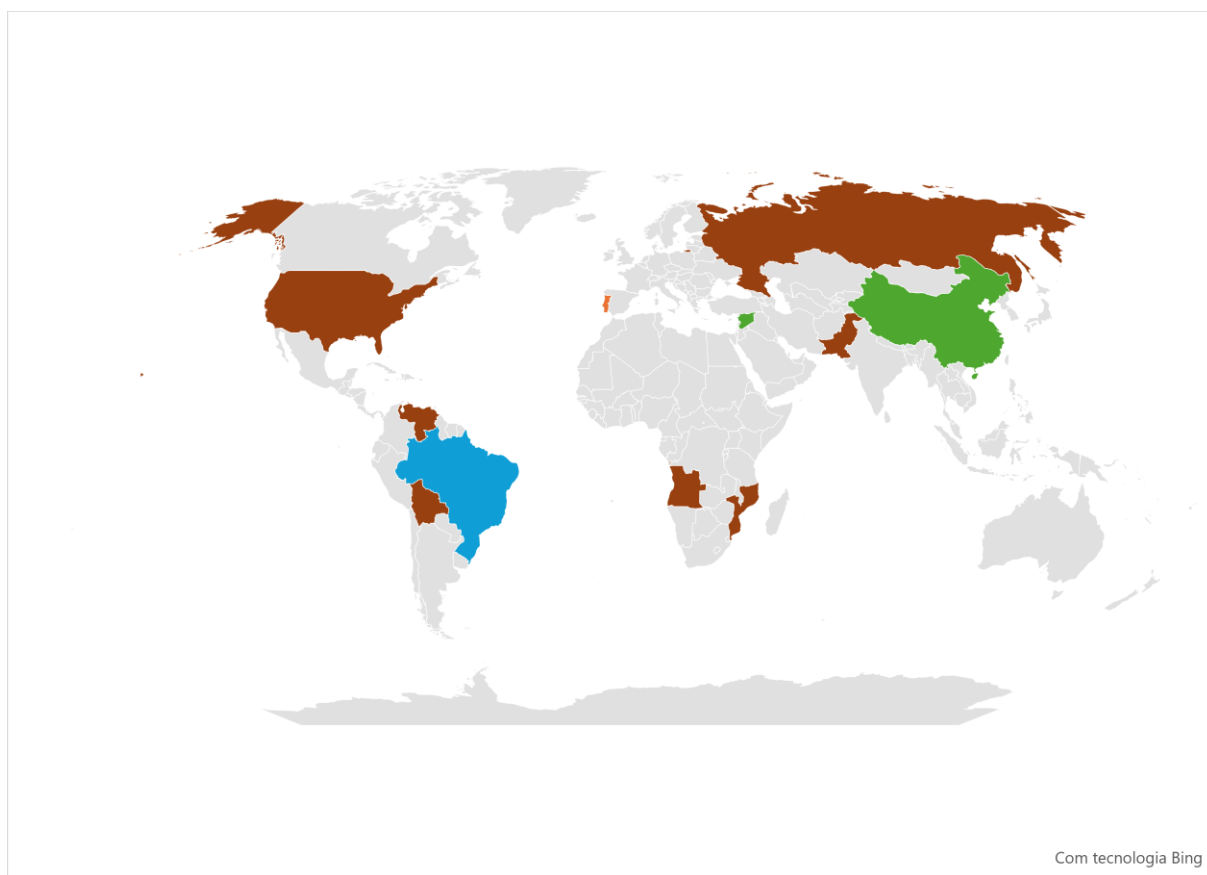
Fonte: Elaboração Própria

Em termos etários, a média de idade das turmas do 3.º A e 3.º B ronda os oito anos, com um mínimo de sete e um máximo de 9 anos. Já as turmas 4.º A e 4.º B a média de idades ronda os nove anos, com um mínimo de 8 e um máximo de 10. Verificámos ainda

que a nível do percurso escolar do 3.º A, nenhum dos alunos foi retido no ano letivo em curso e apenas um aluno apresenta uma retenção ocorrida no 1.º ano. A turma do 3.º B teve dois alunos com retenção no ano letivo em curso. Já a turma do 4.º A tem um aluno com retenção no ano letivo em curso e um aluno apresenta retenção ocorrida no 1.º ano. Por último, a turma do 4.º B não apresenta retenções nem no ano letivo em curso nem em anos letivos anteriores.

Saliente-se que as turmas são caracterizada por uma significativa diversidade cultural com alunos oriundos de nacionalidades distintas (gráfico 6).

Gráfico 6: Nacionalidade dos alunos



Fonte: Elaboração Própria

A turma do 3.º A tem alunos oriundos de Portugal (onze alunos – 52 %); Brasil (oito alunos – 38%); China (um aluno – 5%) e Síria (um aluno – 5%). Por sua vez a turma do 3.º B tem alunos provenientes de Portugal (doze alunos – 57%); do Brasil (oito alunos – 38%) e Bolívia (um aluno – 5%). Já a turma do 4.º A tem alunos originários de Portugal (quinze alunos – 71%); do Brasil (quatro alunos – 19%); da Angola (um aluno – 5%) e dos Estados Unidos da América (um aluno – 5%). Por último, a turma do 4.º B tem alunos procedentes de Portugal (onze alunos – 46%); do Brasil (seis alunos – 25%); do Paquistão (dois alunos – 8%); da Bolívia (um aluno – 4%); da Venezuela (um aluno – 4%); da

Angola (um aluno – 4%); da Rússia (um aluno – 4%); e de Moçambique (um aluno – 4%). (tabela 2).

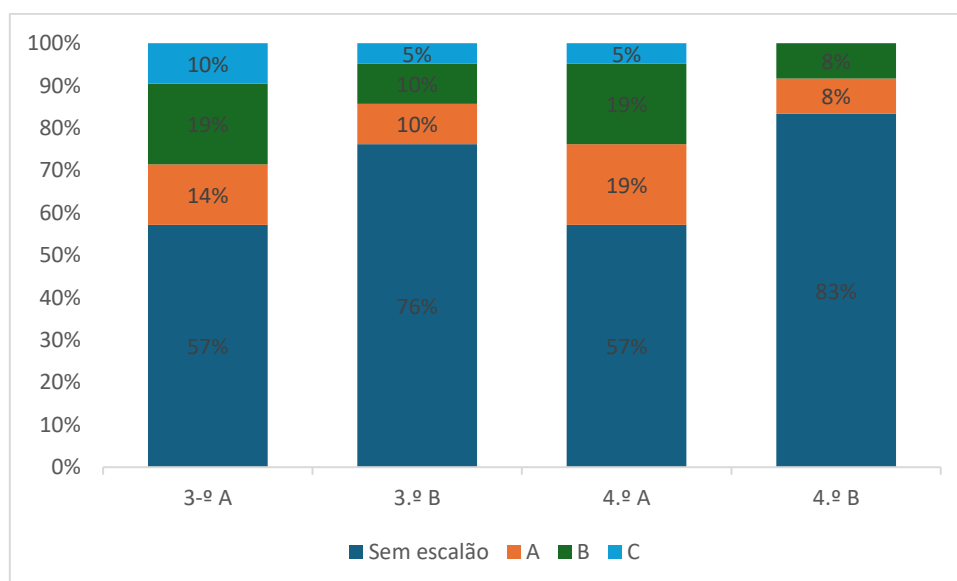
Tabela 2: Nacionalidades dos alunos por turmas

Nacionalidade	3.º A	3.º B	4.º A	4.º B	TOTAL
Portugal	11	12	15	11	49
Brasil	8	8	4	6	26
China	1	---	---	---	1
Síria	1	---	---	---	1
Bolívia	---	1	---	1	2
Angola	---	---	1	1	2
EUA	---	---	1	---	1
Paquistão	---	---	---	2	2
Venezuela	---	---	---	1	1
Rússia	---	---	---	1	1
Moçambique	---	---	---	1	1

Fonte: Elaboração Própria

Já no que respeita aos apoios da Ação Social Escolar como podemos verificar no gráfico 7 a maioria dos alunos das quatro turmas não estão abrangidos por estes apoios. De ressaltar ainda que as turmas 3.º A e 4.º A cerca de 43% dos alunos estão abarcados por apoios da Ação Social Escolar.

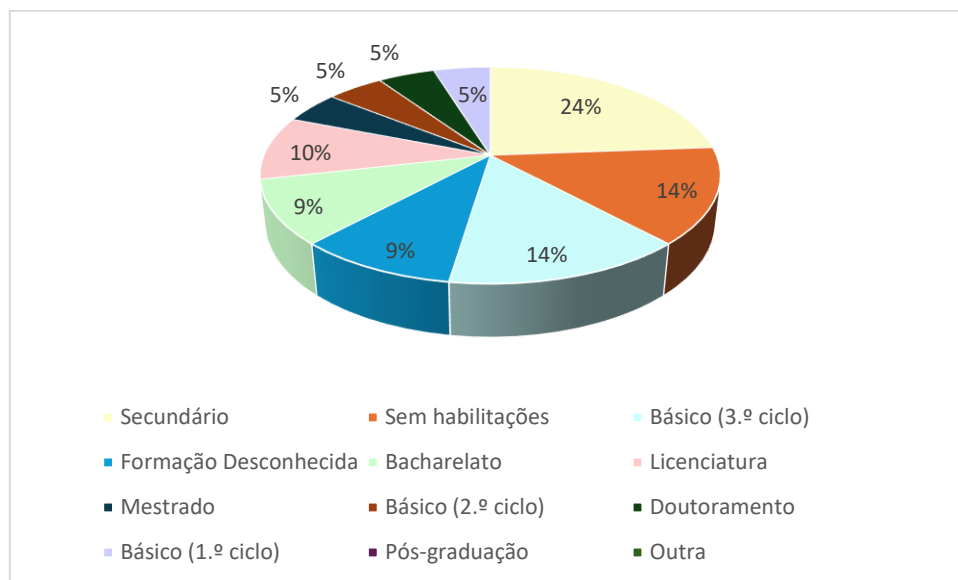
Gráfico 7: Apoios da Ação Social Escolar dos alunos



Fonte: Elaboração Própria

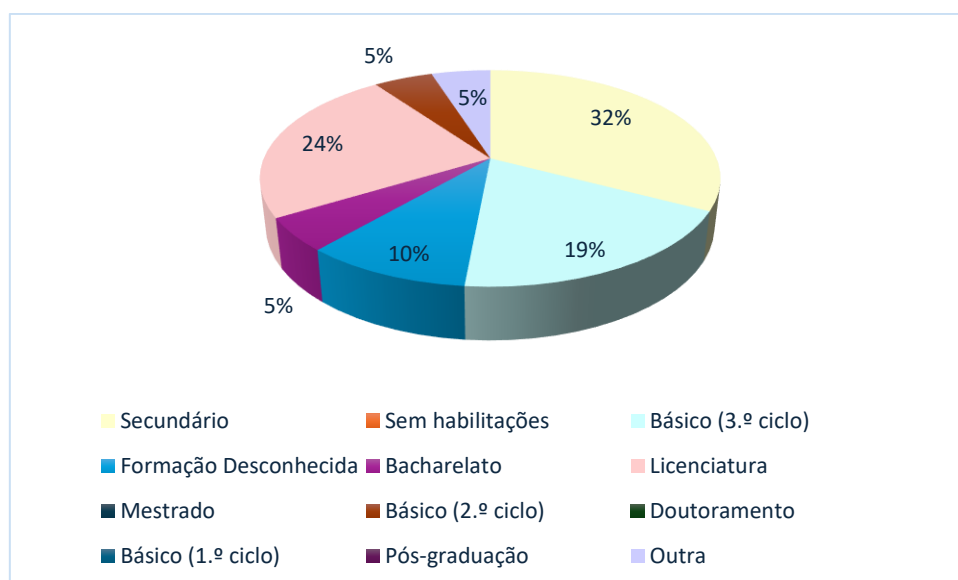
No que concerne às habilitações académicas dos pais e à situação laboral verificámos que a maioria dos Encarregados de Educação tem formação académica e trabalha por conta de outrem. A maioria dos pais e mães dos alunos tem formação académica ao nível do ensino secundário (24% e 33%, respetivamente) (gráficos 8 e 9).

Gráfico 8: Habilitações académicas dos pais



Fonte: Elaboração própria

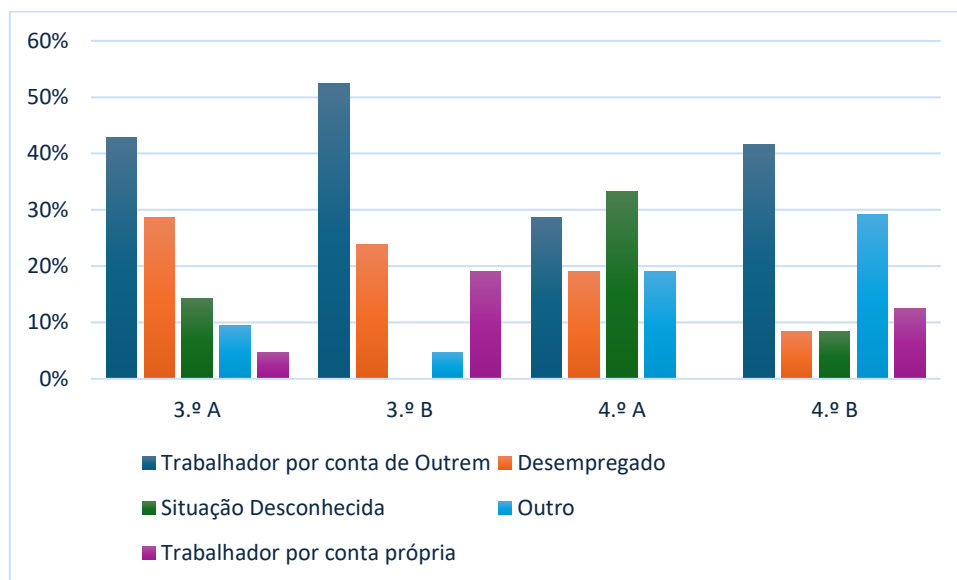
Gráfico 9: Habilitações académicas das mães



Fonte: Elaboração própria

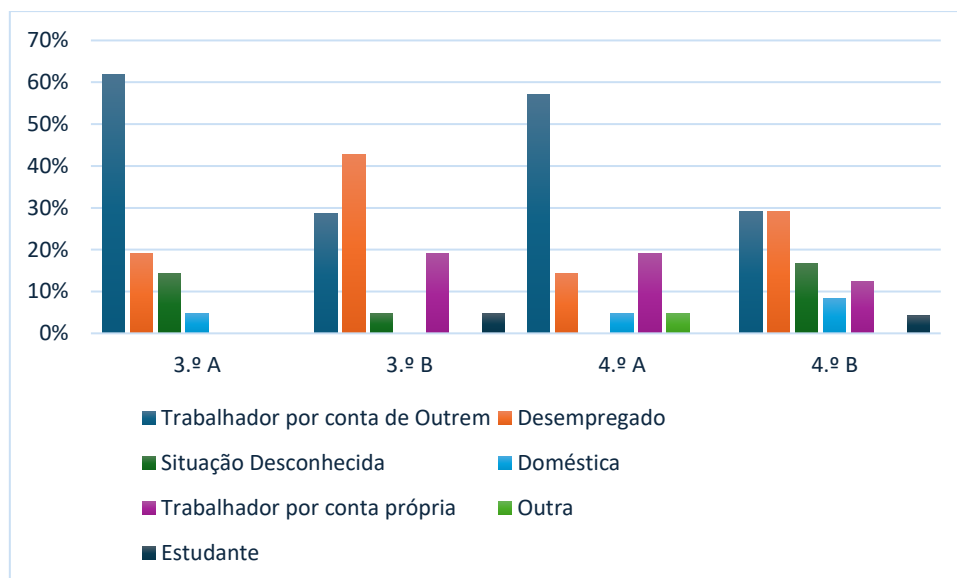
A nível da situação profissional dos pais dos alunos das turmas em análise verificámos que a maioria trabalha por conta de outrem. Refira-se, ainda, que existe ainda uma percentagem significativa de pais e mães desempregados.

Gráfico 10: Situação profissional dos pais



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 11: Situação profissional das mães



Fonte: Elaboração própria

Como referido anteriormente, a turma na qual desenvolvi a PES tratou-se daquilo a que iremos designar de um grupo-turma. Ou seja, é uma turma que resulta da junção de alunos das quatro turmas aqui analisadas. Isto significa que a PES foi desenvolvida numa turma com alunos do 3.º e 4.º anos. Assim, este grupo-turma é constituído por dezoito alunos (tabela 3).

Tabela 3: Composição do Grupo-turma

Turmas	Grupo-turma
3.º A	9
3.º B	5
4.º A	1
4.º B	3

Fonte: Elaboração própria

Este grupo-turma é composta por oito raparigas e dez rapazes que advém das turmas atrás referidas. Sendo a média de idades de nove anos (tabela 4).

Tabela 4: Género

Turmas	Género	Grupo-turma
3.º A	Raparigas	5
	Rapazes	4
3.º B	Raparigas	2
	Rapazes	3
4.º A	Raparigas	---
	Rapazes	1
4.º B	Raparigas	1
	Rapazes	2

Fonte: Elaboração própria

Estes alunos que compõem o grupo-turma, como vimos anteriormente na caracterização das turmas de forma individualizada, são oriundos de diversos países (tabela 5).

Tabela 5: Nacionalidades dos alunos que compõem o grupo-turma

Grupo-turma	Nacionalidades
	Portugal
	Brasil
	Bolívia
	Paquistão
	Rússia

Fonte: Elaboração própria

Relativamente aos Apoios de Ação Social da Escola verificámos que dos dezoito alunos nove têm apoio: três alunos têm escalão A; cinco alunos têm escalão B e um aluno tem escalão C. E os restantes nove não usufruem de apoios.

Após a análise efetuada podemos concluir que se trata de um contexto educativo marcado pela diversidade e pela heterogeneidade. Em termos gerais, as turmas apresentam uma distribuição equilibrada entre rapazes e raparigas e uma média de idades que corresponde ao esperado para cada ano de escolaridade, embora se registem alguns casos de retenção.

Um dos aspetos mais significativos observado diz respeito à diversidade cultural, com alunos oriundos de diferentes países, o que enriquece o ambiente escolar, mas também coloca desafios no que concerne à integração, à valorização das identidades e, até mesmo, ao desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas.

No que diz respeito à situação socioeconómica, verificou-se que, embora a maioria dos alunos não beneficie de apoios da Ação Social Escolar, existe ainda uma percentagem considerável de alunos abrangidos por escalões de apoio, o que evidencia desigualdades a nível económico. Quanto ao perfil das famílias, observa-se que a maioria dos Encarregados de Educação possui escolaridade ao nível de ensino secundário e exerce atividade profissional por conta de outrem, embora se destaque também a existência de situações de desemprego.

O grupo-turma da PES, composto por dezoito alunos do 3.º e 4.º anos, reflete igualmente esta diversidade a nível de género, idades, origens culturais e condições socioeconómicas. Esta heterogeneidade exige, claramente, do docente uma atenção constante à diferenciação pedagógica, à promoção da inclusão e à adoção de metodologias que valorizem as potencialidades de cada aluno, garantindo a participação ativa e equitativa de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

Em suma, a caracterização da turma evidencia um contexto plural, rico em diversidade cultural e social, que constitui simultaneamente um desafio e uma oportunidade pedagógica.

Capítulo II: Contributo da Educação Moral Religiosa Católica para uma educação integral

2.1 Importância e Finalidade de EMRC

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica denota e denotará sempre um valioso contributo para a formação da personalidade dos alunos. A Conferência Episcopal refere que

a Educação é uma tarefa fundamental da sociedade. Dela depende, decisivamente, o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e a qualidade do progresso da sociedade. Porque está em causa a pessoa humana, razão de ser e objeto central da missão da Igreja, a Conferência Episcopal Portuguesa pronunciou-se sobre a Educação, num passado relativamente próximo, através de uma carta Pastoral, em que expôs o seu pensamento e convidou todos os parceiros educativos a conjugarem esforços para melhorar a Educação em Portugal. A Igreja Católica está presente nas múltiplas instâncias promotoras da Educação, onde, na fidelidade à sua missão específica, procura proporcionar à pessoa a visão cristã do mundo, do homem e de Deus, e não se demitirá de continuar a oferecer, com total liberdade, propostas educativas.³

De facto, muito se tem discutido sobre a existência da disciplina de EMRC no percurso escolar. Para isso, importa desmitificar a ideia que diversas vezes os alunos e Encarregados de Educação detêm acerca desta disciplina. EMRC é uma disciplina que procura o diálogo, a partilha dos mais variados saberes dado que se abordam diversas temáticas de índole bastante abrangente, mas fundamental para o crescimento dos alunos: conhecimento do outro; relações humanas; reflexão do mundo e da ação do homem no mundo; importância da amizade, do amor, do espírito de entre ajuda; ...

³ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica: Um valioso contributo para a formação da personalidade* (Lisboa: CEP, 2015), 1.

É nesta perspetiva que, através de EMRC, se procura favorecer o desenvolvimento de aptidões que despertem nos alunos a prática de valores e atitudes que permita que eles façam a “diferença” na sua vida pessoal e na vida em sociedade. É de ressaltar que a ética e a moral cristã andaram e andam de mãos dadas. Isto porque, de forma genérica, debruçarmo-nos sobre o conceito de ética é dissecar sobre um ramo da filosofia que analisa/orienta/define os princípios que estão na base dos comportamentos humanos. Ao passo que a moral cristã se traduz nos princípios e valores morais versados em várias vertentes como a Bíblia, a reflexão teológica, o magistério, Será o mesmo que afirmar que a moral cristã se relaciona, de forma abrangente, com os costumes religiosos. Assim, o cristianismo sempre foi ético e não se compadece com o pouco ou o mínimo, simplesmente, aponta para o “máximo”. Aponta para um sentido para a vida vincado por valores.

Importa salientar que a disciplina de EMRC, à semelhança das demais, possui objetivos científicos, culturais e humanos, sustentados em processos científicos e pedagógicos.

Nessa perspetiva, a disciplina adquire especial relevância não apenas pelos conteúdos, mas também pelo papel dos seus docentes, que podem inspirar os alunos na procura de um sentido de vida marcado por valores e gestos que os enriqueçam interiormente.

Do mesmo modo, é possível promover junto dos alunos a consciência de que podem marcar a diferença numa sociedade cada vez mais caracterizada pela ausência do espírito de entre ajuda e do “bem comum”.

Por fim, importa ressaltar a finalidade de EMRC que aponta que o aluno

“deverá conseguir alcançar as seguintes grandes finalidades: apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; apreender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as

dúvidas sobre o sentido da realidade; aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.”⁴

Pode afirmar-se que a disciplina de EMRC procura despertar nos alunos uma formação progressiva e sólida, que abrange não apenas a dimensão escolar, mas também o desenvolvimento integral do ser humano nas suas diversas vertentes: humana, pessoal, social, cognitiva e espiritual.

O artigo 50.º da Lei de Bases do Sistema Educativo Português refere-se especificamente à disciplina de EMRC e aos respetivos planos curriculares. No n.º 3, estabelece-se que ‘os planos curriculares do ensino básico e secundário integram ainda o ensino moral e da religião católica, a título facultativo, no respeito dos princípios constitucionais da separação das igrejas e do Estado e da não confessionalidade do ensino público’.

Tais planos encontram fundamento numa formação pessoal e social que contempla dimensões como a consciência ecológica, a educação familiar, a educação sexual, entre outras, em consonância com o que é reforçado pela Constituição da República Portuguesa. Neste sentido dado as finalidades referidas acima a Igreja, Conferência Episcopal Portuguesa, assumiu procurar auxiliar os alunos na sua formação integral da pessoa humana. “O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulado dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual, pois desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social”⁵

Quanto ao contributo que a disciplina de EMRC pode oferecer aos alunos, este relaciona-se, sobretudo, com o crescimento e o desenvolvimento integral da pessoa humana nas suas diversas dimensões.

Nesse sentido, reconhece-se que ‘o contributo da EMRC para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e jovens parte do reconhecimento da componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e liberdade’.

Acrescenta-se ainda que “a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, pelo que não se poderá falar de uma educação integral sem a devida consideração dessa

⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 10.

⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Carta Pastoral Educação: direito e dever – missão nobre ao serviço de todos. CEP, 2002, n.º 2.

dimensão; do mesmo modo, a realidade social não será plenamente compreendida sem o conhecimento do fenómeno religioso e das suas expressões e influências culturais”.⁶

Por conseguinte, estas metas definem-se em três domínios: Domínio da Religião e Experiência Religiosa; Domínio da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida; e Domínio da Ética e da Moral. A disciplina de EMRC não deve ser somente para alunos cristãos, mas para todos os alunos, independentemente das suas crenças ou opções de religiosidade. O horizonte e a essência da disciplina de EMRC é sempre o ser humano na íntegra e na sua formação para a cidadania.

Além do referido, “o ensino religioso nas escolas públicas é uma manifestação da liberdade religiosa e é uma manifestação da liberdade de aprender; é uma exigência de uma sociedade pluralista; é uma exigência de uma Constituição aberta e que está em sintonia com todas as transformações do nosso mundo”.⁷ Daí que podemos constatar ao longo de várias reformas e alterações regulamentares a evolução que a disciplina de EMRC teve. Desde logo, o Decreto-lei 286/89, de 29 de agosto consagrou que a disciplina de EMRC na área de Formação Pessoal e Social tinha um carácter optativo, mais salienta no seu artigo 7.º que os alunos podem optar pela disciplina de EMRC, ou de outras confissões religiosas em detrimento da disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social. Porém, é com o Decreto lei n.º 329/98, de 2 de novembro que se oficializou o ensino da disciplina de EMRC.

No Sistema Educativo Português através da Lei de Bases do Sistema Educativo, constatamos que é reconhecida a importância que o ensino religioso escolar detém como premissa fundamental no desenvolvimento da educação no contexto escolar. Apraz dizer, desde logo, que quando nos deparamos sobre a educação, os pais, os alunos e as escolas estamos perante interlocutores e destinatários muito importantes que fruto da sociedade em que estão inseridos são muitas as questões que imperam.

Desde logo, a sociedade tem a importante tarefa de assegurar que crianças e jovens usufruam de um desenvolvimento humano, pessoal e profissional pleno. Essa tarefa denomina-se educação, como vimos anteriormente.

Compete às escolas, em complementaridade com os restantes intervenientes — nomeadamente a família — promover a formação integral dos alunos. Assim, cada disciplina deve contribuir para o crescimento dos estudantes nas suas diversas dimensões: pessoal, moral, cultural, social, afetiva e emocional.

⁶ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, p. 6.

⁷ Jorge Miranda, “A legitimidade da EMRC na Escola do Estado,” in I Congresso de Professores de EMRC: Um contributo essencial aos desafios educativos (Lisboa, 2001), p. 182.

Ao iniciarem o percurso escolar, os alunos procuram munir-se de ferramentas que os preparem para a vida pessoal e profissional futura, desenvolvendo-se como pessoas capazes de definir e alcançar objetivos.

A disciplina de EMRC integrada no currículo nacional português, tem sido alvo de debate quanto à sua legitimidade, função e pertinência no contexto escolar. A discussão centra-se frequentemente na sua natureza confessional e no papel do Estado num sistema de ensino público que se pretende laico. Todavia, uma análise do enquadramento jurídico, constitucional e pedagógico da disciplina permite compreender que a sua presença não só encontra fundamento legal, como se insere num quadro de respeito pelos princípios da liberdade religiosa e da cooperação entre Estado e Igreja.

Do ponto de vista constitucional, a Constituição da República Portuguesa (CRP) assegura, no artigo 41.º, a inviolabilidade da liberdade de consciência, de religião e de culto, incluindo a liberdade de ensino religioso no âmbito das confissões reconhecidas. Paralelamente, o artigo 67.º da mesma lei fundamental atribui aos pais o direito de escolherem o modelo educativo a proporcionar aos filhos, em conformidade com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que reconhece a primazia parental no campo educativo. Estes dispositivos revelam que a disciplina de EMRC, ao ser de frequência facultativa, respeita a liberdade individual e familiar, garantindo simultaneamente o direito de acesso a uma formação religiosa no espaço escolar.

No plano legal, vários diplomas consolidam a sua presença. O Decreto-Lei n.º 70/2013, de 23 de maio determina que a disciplina constitui uma componente do currículo nacional, de oferta obrigatória pelas escolas, mas de frequência facultativa pelos alunos. O Decreto-Lei n.º 323/83, de 5 de julho e a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro) confirmam a sua integração nos diferentes níveis de ensino, ao passo que a Portaria n.º 333/86, de 2 de julho, assegura a sua implementação desde o primeiro ciclo, equiparando-a às demais disciplinas do currículo. Assim, o legislador estabelece um equilíbrio entre a obrigatoriedade de disponibilização e a liberdade de adesão.

Quanto à legitimidade constitucional, o Tribunal Constitucional tem sido claro ao afirmar, nomeadamente através do Acórdão n.º 174/93, que a EMRC não contraria os princípios da separação entre Igreja e Estado nem o da não-confessionalidade do ensino público. Pelo contrário, o Tribunal sublinha a relevância cultural, histórica e social da religião na sociedade portuguesa, reconhecendo que o Estado não pode ignorar a dimensão social do fenómeno religioso. Deste modo, legitima-se a colaboração entre

Estado e Igreja na definição dos programas, na formação e no apoio aos professores, sem que tal comprometa a neutralidade do ensino público.

No domínio pedagógico, a EMRC apresenta-se como um espaço privilegiado de formação integral do aluno, não se limitando à transmissão de conteúdos de carácter confessional, mas promovendo valores universais, atitudes de respeito e de solidariedade, bem como competências de análise crítica da realidade social. A disciplina contribui, portanto, para a construção de uma cidadania consciente e dialogante, em que o pluralismo cultural e religioso é reconhecido como riqueza. Este carácter educativo é igualmente salientado na Concordata celebrada entre a Santa Sé e a República Portuguesa, que consagra o dever do Estado em assegurar condições para o ensino da moral e religião católicas, sem discriminação.

No contexto atual, marcado pela diversidade cultural e religiosa, a pertinência da disciplina ganha renovado significado. Se por um lado reflete a matriz cultural católica da sociedade portuguesa, por outro, abre espaço à promoção do diálogo intercultural e à valorização da diferença. A sua continuidade depende, em grande medida, da qualidade pedagógica e do compromisso dos docentes, capazes de transmitir valores e estimular a reflexão crítica. Assim, a EMRC afirma-se como disciplina relevante não apenas para os crentes, mas para qualquer aluno que procure uma educação mais ampla e humanista.

EMRC possui um estatuto jurídico e constitucional sólido, sendo de frequência facultativa, mas de oferta obrigatória nas escolas públicas. Para além da sua legitimidade legal, a disciplina revela pertinência pedagógica e social, contribuindo para a educação integral, para a promoção da liberdade religiosa e para a valorização da diversidade cultural. O seu lugar no currículo escolar justifica-se, portanto, não apenas pelo respeito da tradição cultural portuguesa, mas sobretudo pela sua função de formar cidadãos conscientes, críticos e capazes de dialogar numa sociedade plural. Daí dizer-se que as finalidades de EMRC são vastas e de diferente índole

“apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular; conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos; estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé; adquirir uma visão cristã da vida; entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso; adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social; apreender o fundamento religioso da moral cristã; conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da

simbólica cristã; formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé; estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade; aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência.”⁸

2.2 EMRC vs. Catequese

Face ao exposto podemos referir que EMRC permite aos alunos crescerem e se desenvolverem como pessoas com sentido para vida. Porém, uma questão surge que muitas vezes se prende com o facto de EMRC e a Catequese serem sinónimos ou não sinónimos. E a resposta a esta dúvida é clara: “a catequese e EMRC não são atividades em alternativa”⁹. Antes pelo contrário, complementam-se. Apesar de EMRC e a Catequese se enraizarem na tradição cristã e tenham em comum uma referência explícita de fé, não são sinónimos, possuindo naturezas, objetivos e metodologias distintas.

A disciplina de EMRC integra o sistema educativo português como uma proposta válida de formação integral, que reconhece a importância da dimensão espiritual e religiosa no desenvolvimento da personalidade. Ao passo que a Catequese se insere na comunidade cristã e constitui um itinerário de iniciação e amadurecimento da fé. Ora, cabe a cada professor de EMRC desmitificar esta ideia, pois têm naturezas diferentes e o seu exercício ocorre em espaços diferentes. Assim, EMRC parte do diálogo, do conhecimento adquirido em outras disciplinas, da construção de um projeto com sentido para a vida. Ao passo que a Catequese visa a adesão a Cristo e ao aprofundamento da fé. Ou seja, a Catequese “tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o Seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele”¹⁰. O objetivo é conduzir o crente a uma adesão pessoal e viva a Cristo, promovendo uma fé amadurecida e enraizada na vida comunitária. Para isso, a Catequese supõe simultaneamente a instrução doutrinal e a inserção eclesial: “Isso supõe o ensino orgânico e sistemático da doutrina cristã e ‘o testemunho vivo de uma comunidade cristã’¹¹.” Por isso mesmo, não pode ser entendida como um “conjunto de

⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 10

⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

¹⁰ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

¹¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 9.

aulas de religião”, mas como um processo pastoral que integra a experiência da fé no seio de uma comunidade viva.

Por sua vez, EMRC trata-se de uma disciplina que se articula com os objetivos globais da escola, funcionando como espaço de reflexão ética, cultural e religiosa. A sua especificidade está no facto de que “o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes.”¹²

Para além do anteriormente exposto, importa estabelecer uma breve distinção entre Catequese e EMRC a partir de três dimensões essenciais: o espaço, os destinatários e o educador. No que respeita ao espaço, a Catequese desenvolve-se no seio da comunidade cristã (Igreja), enquanto a EMRC se inscreve no contexto da instituição escolar (Escola). Relativamente aos destinatários, a Catequese dirige-se prioritariamente aos crentes (catequizandos), ao passo que a EMRC é destinada à totalidade dos alunos, independentemente da sua adesão ou não a uma confissão religiosa. No que concerne ao educador, a Catequese é ministrada pelo catequista, membro integrante da comunidade de fé, ao passo que a EMRC é lecionada pelo professor.

Também no plano da finalidade pessoal se verificam diferenças significativas. A EMRC orienta-se para a promoção da construção da identidade pessoal do aluno, favorecendo a elaboração do seu próprio projeto de vida. A Catequese, por sua vez, visa a formação da identidade cristã do catequizando, tendo em vista a adesão consciente à fé e o aprofundamento progressivo da mesma.

Cumprе ainda salientar que os conteúdos abordados em EMRC e na Catequese apresentam naturezas distintas. De forma geral, os conteúdos de EMRC emergem de experiências de ordem pessoal, familiar e social, enquanto os da Catequese têm como principal fundamento o conhecimento da Sagrada Escritura como poderemos constatar mais adiante na análise/reflexão realizada entre as Aprendizagens Essenciais (AE) e a Catequese.

Em suma, a distinção entre EMRC e Catequese é, portanto, necessária e inadiável. Reduzir ambas a realidades equivalentes é tão incorreto, mas acaba por ser muitas vezes uma confusão que persiste entre os agentes educativos. Enquanto a Catequese responde ao imperativo da formação da fé em comunidade, a EMRC oferece à escola a possibilidade de educar para o sentido, para os valores e para o diálogo. Ambas, se

¹² Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 10.

articuladas de forma coerente, podem contribuir para uma formação plena, onde a dimensão cultural e a vivência religiosa se enriquecem mutuamente.

Porém, importa referir que enquanto a Catequese se dirige prioritariamente aos crentes que desejam aprofundar a fé e integrar-se na vida eclesial, a EMRC é oferecida a todos os alunos, independentemente da sua pertença religiosa. Tem em vista contribuir para a formação integral, ajudando-os a estruturar a sua identidade, a refletir sobre o sentido da existência e a construir um projeto pessoal de vida. Ou seja, EMRC procura, por um lado, “formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a própria liberdade”¹³ e, por outro, “ajuda a amadurecer as interrogações sobre o sentido da vida e mostra que ‘o Evangelho de Cristo oferece uma verdadeira e plena resposta.’”¹⁴

Refira-se que a “certa confusão entre Catequese e EMRC conduz, frequentemente, a uma maior sensibilidade de muitos pais por aquela em detrimento desta, com consequências negativas para a matrícula em EMRC.”¹⁵ O reconhecimento da diferença entre a Catequese e a EMRC é essencial para que cada uma possa cumprir plenamente a sua missão. Enquanto a Catequese tem como propósito suscitar e alimentar a fé no seio da comunidade cristã, a EMRC assume no espaço escolar uma função educativa e cultural. Ambas mantêm identidades próprias, mas complementares, e apenas quando respeitadas nas suas especificidades contribuem de modo eficaz para um processo integral de formação das crianças e dos jovens, que abrange as dimensões humana, espiritual e cultural. Cumpre ainda referir que, atendendo à recorrente confusão verificada, tanto no que respeita à semelhança entre a Catequese e a disciplina de EMRC, como no que concerne aos respetivos conteúdos, se procederá, adiante, à análise dos dados recolhidos no estudo empírico.

¹³ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 5.

¹⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 4.

¹⁵ Conferência Episcopal Portuguesa, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

2.3 O Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais do 3.º e 4.º anos

De forma muito sucinta e a fim de nos debruçarmos sobre o que está consagrado no Programa 2014 (P-2014) e as AE verificámos desde logo que a abordagem realizada à luz do P-2014 visava a transmissão de conhecimentos recorrendo por exemplo memorização de conceitos, ao passo que as AE impulsionam o desenvolvimento de competências. Decorrente do exposto, podemos referir que com o P-2014 os objetivos traçados para os diferentes anos de escolaridade eram genéricos/gerais ao passo que com AE há uma maior preocupação de estabelecer objetivos mais detalhados.

No que se refere aos domínios verificámos que nas AE tem em conta as unidades letivas de cada ano letivo, ao passo que no P-2014 foram três domínios de aprendizagem (religião e experiência religiosa; cultura cristã e visão cristã da vida; ética e moral) que deram origem às metas curriculares. As metas curriculares deram origem às chamadas AE que entraram em vigor em 2018 a fim de: atualizar os conteúdos e objetivos de EMRC; facilitar e flexibilizar a organização dos próprios conteúdos e a seleção de metodologias de ensino; maior incidência e ênfase no desenvolvimento de competências essenciais a fim de contribuir para o perfil dos alunos a saída da escolaridade obrigatória estabelecido. Por outras palavras, as AE visam definir o “que deve saber e ser” no final de cada ano de escolaridade. Diria que o objetivo primordial das AE se traduz numa maior ênfase no desenvolvimento de competências essenciais para a vida dos alunos.

Mais se destaca que com as AE foram definidos para cada ano de escolaridade tendo em conta o perfil dos alunos, bem como critérios de avaliação e indicadores de desempenho (avaliação) o que não ocorria com o P-2014. Importa ainda ressaltar que as AE promovem a interdisciplinaridade e prevê-se que haja uma adaptação às necessidades dos alunos, o que no P-2014 não tinha tanta relevância.

O Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais para o 3.º ano visam aprofundar a consciência ética, espiritual e relacional da criança. Neste sentido e tendo em conta as quatro unidades letivas propostas, são lavradas temáticas essenciais: a dignidade humana, a solidariedade, o diálogo com Deus e o sentido comunitário da fé (A Igreja).

Verificámos, como podemos observar na tabela 6, que existem pontos convergentes entre o Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais relativamente à identificação da dignidade da criança como sendo um valor universal e cristão. Ou seja, quer o Programa 2014 quer as Aprendizagens Essenciais realçam a importância de reconhecer os direitos e deveres essenciais e fundamentais das crianças. Porém, as Aprendizagens Essenciais revelam uma

reformulação mais direta e clara dos objetivos da unidade: reconhecer direitos e deveres das crianças; compreender o valor das crianças na visão de Jesus e valorizar a ação das crianças no mundo. Se analisarmos com pormenor o Programa 2014 no que se refere a unidade letiva: “A dignidade das Crianças” concluímos que apresenta uma narrativa mais densa, mais complexa, ao passo que as AE simplificam e apresenta descritores mais objetivos.

Situação semelhante ocorre na unidade letiva 2: “Ser solidário”. Quer o Programa 2014, quer as AE valorizam o princípio da solidariedade cristã. Verificámos, novamente, que as AE apresentam objetivos mais claros e aplicáveis: participar em ações concretas de solidariedade. Já o Programa 2014 vai mais ao pormenor elencando práticas mais detalhadas e concretas.

Na unidade letiva 3: “Diálogo com Deus” procura-se abordar aspetos relacionados com a dimensão espiritual da pessoa humana, tendo a oração um papel primordial na relação com Deus. Enquanto o Programa 2014 propõe uma exploração mais experiencial e simbólica da oração, fazendo referência a gestos e rituais, as AE valorizam a capacidade de identificar formas de encontro com Deus – serviço aos outros, escuta do outro, atenção ao próximo, ...

Por fim, na unidade letiva 4: “A Igreja”, quer o Programa 2014, quer as AE procuram descrever a Igreja como comunidade de fé, encontro e serviço.

Tabela 6: Comparação do Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais de EMRC do 3.º ano de escolaridade

Unidades Letivas	Programa 2014			Aprendizagens Essenciais
	Metas	Objetivos	Conteúdos	
UL 1: A dignidade das crianças	- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	- Tomar consciência de que as crianças têm dignidade e valor.	- “O melhor do mundo são as crianças.” (F. Pessoa): O seu valor e a sua dignidade; - A vulnerabilidade das crianças: - Identificação de algumas situações problemáticas na vida das crianças; - A necessidade de proteção por parte dos adultos. - Infância, tempo de crescimento e de educação: as condições necessárias que a sociedade deve dar. - Exemplos de alguns direitos e deveres das crianças.	- Reconhecer os direitos e deveres fundamentais das crianças;
	- Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	- Compreender o que Jesus afirmou sobre as crianças.	- Jesus e as crianças: Mc 10, 13-16. - Um exemplo de amor à infância: O Padre Américo e a sua obra para crianças em risco. - As crianças devem ser respeitadas; - O respeito e a promoção dos direitos dos colegas que também são crianças: - Defesa dos mais vulneráveis; - Integração dos que têm mais dificuldades; - Proteção de um colega quando está a ser agredido; - A ajuda dos colegas nos estudos.	- Compreender o que Jesus afirmou sobre as crianças;

	Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	- Identificar a ação que as crianças podem ter no mundo.	- O papel das crianças junto dos pais, dos avós e dos vizinhos: - Receber e dar amor; - Prestar colaboração; - Escutar e fazer companhia.	- Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.
UL 2: Ser Solidário	Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. Identificar os valores evangélicos.	- Tomar consciência da dignidade de todo o ser humano.	- Deus criou-nos por amor, à sua imagem e semelhança: Gn 1, 27.31. - Todas as pessoas têm dignidade, por isso têm direito a viver uma vida feliz e construtiva; - O que torna a nossa vida feliz, a alegria está no dar: At 20, 35.	- Identificar que todas as pessoas são portadoras de dignidade porque criadas por Deus.
	Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	- Compreender a mensagem cristã sobre a solidariedade.	- Ser solidário é dar-se aos outros e atender às suas necessidades. - A pobreza e a exclusão resultam da injustiça; - O que é a injustiça. O pobre Lázaro e o rico: Lc 16, 19-25; - O que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário: - Partilhar e doar os bens materiais; - Entregar os dons pessoais ao serviço do bem dos outros; - Disponibilizar o tempo pessoal para realizar obras de solidariedade; - O exemplo da Rainha Santa Isabel.	- Promover o bem comum e o cuidado do outro. - Participar em ações concretas de solidariedade.

UL 3: Diálogo com Deus	- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	- Reconhecer a dimensão espiritual da pessoa humana.	- A pessoa na sua dimensão espiritual: capacidade e necessidade de se relacionar com Deus; - Deus pensa em cada um de nós e quer relacionar-se com cada um, como um amigo.	- Identificar formas da procura de Deus pelo Homem.
	- Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa. - Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.	- Perceber que a oração é um diálogo com Deus.	- Jesus ensina-nos a orar: Mt 6, 9-13; - Falamos com Deus: o valor da oração na relação com Ele; - Tipos de oração: - Usar palavras; - Fazer silêncio; - Usar gestos; - Através da arte; - Meditando a Bíblia; - Com obras. - A oração pessoal e comunitária: rezar no íntimo do meu coração e rezar com os outros em família, na Igreja.	- Reconhecer que para os crentes a oração e o serviço aos outros são expressões de relacionamento com Deus.
	- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	- Compreender que se pode encontrar Deus na história e no agir humanos.	- Podemos encontrar Deus: - No serviço aos outros; - No diálogo com os outros; - Nas experiências vividas (por mim, pelos outros, ou em conjunto).	
UL 4: A Igreja	- Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	Perceber que os cristãos encontram Deus na comunidade.	- A Igreja é: - a assembleia de crentes, reunida e convocada por Deus; - a família de Deus [Universal e local];	- Reconhecer que a Igreja é a comunidade dos que acreditam em Jesus e vivem a sua mensagem

			<ul style="list-style-type: none"> - a comunidade dos que acreditam em Jesus, onde há lugar para todos os que querem; - viver a sua mensagem: Mt 18,20. 	
	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. 	<p>Descobrir a fé das comunidades cristãs.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - As comunidades dos cristãos vivem a fé através de: <ul style="list-style-type: none"> - Testemunho e Anúncio; - Celebrações comunitárias; - Prática da caridade; - Comunhão entre os seus membros. - Cada um dos seus membros tem um lugar e um serviço na Igreja. 	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber que cada cristão tem um lugar na Igreja no serviço ao outro.

Fonte: Elaboração Própria

Já o que estabelece para o 4.º ano é uma consolidação das aprendizagens adquiridas de forma que o aluno reflita sobre si, os outros e Deus, tendo em conta temáticas específicas: a verdade; a diversidade, o perdão e a bíblia. Na unidade letiva 1: “Ser Verdadeiro” tendo em conta o P-2014 verificámos que o seu maior enfoque se centra no agir ético cristão no dia a dia. Ao passo que as AE fortalecem o papel da consciência cristã na decisão pela verdade e no sentimento de libertação interior quando reconhecemos o erro. Em termos gerais, ambos procuram enfatizar o valor da verdade destacando o seu impacto a nível ético e das relações interpessoais. Porém, o P-2014 apresenta o conceito de verdade, de uma forma mais descritiva, com maior ênfase na definição e em casos concretos de consequências da mentira. Ao passo que as AE exploram a consciência, ressaltando, assim, uma dimensão mais interior.

Na Unidade Letiva 2: “Crescer na Diversidade” verificámos que tanto o P-2014 como as AE valorizam a diversidade ainda que em distintas perspetivas. O P-2014 elenca os diferentes tipos de diferenças, ao passo que as AE procuram acolher o outro, tendo por base o amor ao próximo.

Por sua vez, a Unidade Letiva 3: “O Perdão”, tal como acontece na Unidade Letiva 1, no P-014 a abordagem é mais orientada para a própria definição, para o próprio conceito e para o processo de perdoar. Ao passo que nas AE destaca-se a preocupação em associar o perdão não apenas ao restauro das relações, mas à construção da paz, que a nível pessoal, quer a nível social.

Por fim, na Unidade Letiva 4: “A Bíblia” constatámos uma coerência, tanto no P-2014, como nas AE, no que respeita aos conteúdos relativos quer à natureza e estrutura da Bíblia, bem como do seu próprio uso. Importa destacar nas AE a importância que é dada à Bíblia no dia a dia de cada um (tabela 7).

Em suma, tal como constatámos na análise realizada ao 3.º ano, concluímos que as AE se traduzem numa atualização do P-2014, sendo que se denota uma maior personalização das aprendizagens e um alinhamento àquelas que são as exigências contemporâneas da educação.

Tabela 7: Comparação do Programa 2014 e as Aprendizagens Essenciais de EMRC do 4.º ano de escolaridade

Unidades Letivas	Programa 2014			Aprendizagens Essenciais
	Metas	Objetivos	Conteúdos	
UL 1: Ser Verdadeiro	- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	- Aprender a ser verdadeiro.	<ul style="list-style-type: none"> - O que é agir com verdade: <ul style="list-style-type: none"> - Correspondência entre o que se diz e a realidade; - Entre o que se promete e o que se faz; - Entre o que se diz e o que se pensa ou se sente. - Razões para se dizer a verdade: <ul style="list-style-type: none"> - O respeito por mim e pelo outro; - A minha consciência acusa-me quando minto e isso faz-me sentir mal comigo mesmo; - A mentira coloca problemas à minha relação com os outros; - Habituar-me à mentira faz de mim uma pessoa em quem ninguém pode confiar. 	- Identificar a verdade como um bem no relacionamento interpessoal.
	- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	- Reconhecer a importância de escutar a consciência.	<ul style="list-style-type: none"> - Na sua consciência o cristão encontra-se com Deus, que reprovava a mentira e ama a verdade; - Dizer a verdade liberta-nos: <ul style="list-style-type: none"> - do peso da consciência; - do medo de ser descoberto; - da vergonha que vem de os outros já não acreditarem em nós. - Assumir um erro é um ato de coragem; - O que devemos fazer: <ul style="list-style-type: none"> - Não jurar; - Dizer «sim» apenas quando queremos concordar com algo porque é uma coisa/ação boa; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer na mensagem Bíblica que a verdade me ajuda a superar o medo e a vergonha; - Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum.

			<ul style="list-style-type: none"> - Dizer «não» quando não concordamos com alguma coisa/ação que não é boa, mas má ou prejudicial; - A Bíblia ensina a viver em verdade: Tg 5,12. 	
UL 2: Crescer na Diversidade	<ul style="list-style-type: none"> - Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tomar consciência da experiência humana da diversidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - O nosso mundo está repleto de diversidade: diversidade animal; diversidade no mundo vegetal. - Os seres humanos também são diferentes uns dos outros: cor da pele, sexo, língua, religião, mentalidade, origem social, atividade profissional, nível de estudos. - As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida. - Nem tudo o que é diferente é necessariamente bom. - Somos todos iguais em dignidade. - Os cristãos reconhecem que a dignidade do ser humano vem de Deus criador e é por isso inalienável: Sl 8, 4-7. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a experiência humana da diversidade; - Reconhecer que as diferenças, na natureza e na Pessoa, dão beleza à vida;
	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. - Identificar os valores evangélicos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer que a diversidade enriquece a pessoa. 	<ul style="list-style-type: none"> - A diversidade como fator de enriquecimento pessoal e social. - Jesus e o cego de nascença, a afirmação da dignidade da pessoa: Mc 10, 46-52. - As limitações que nós mesmos criamos: <ul style="list-style-type: none"> - Preguiça; - Inércia; - Egoísmo. - Como ser amigo dos outros nas suas diferenças: 	<ul style="list-style-type: none"> - Assumir que todos somos iguais em dignidade enquanto filhos de Deus; - Acolher os outros nas suas diferenças.

			<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer; - Dialogar; - Partilhar; - Defender do mau trato e da indiferença. - Como acolher a diferença na nossa realidade de comunidade, escola, família. 	
UL 3: O Perdão	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os valores evangélicos. - Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer as dificuldades que surgem nas relações humanas. - Compreender a necessidade de restaurar as relações através do perdão. 	<ul style="list-style-type: none"> - A quebra de solidariedade. - A inveja. - A mentira. - O egoísmo. - O desentendimento. - O conflito. - O que é errar. - Porque erramos. - A necessidade de pedir perdão e como se faz. - Dar o perdão. - Aceitar o perdão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as dificuldades que surgem nas relações humanas. - Relacionar o perdão com o sentimento de paz a nós próprios e aos outros.
	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o fundamento evangélico do perdão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Jesus convida a perdoar sempre: Mt 18,21-22. - Jesus perdoa o malfeitor que se arrependeu: Lc 23,39-43. - O Papa João Paulo II perdoou a quem o tentou matar. - O perdão traz a paz a nós próprios e aos outros. - É sempre possível recomeçar, mesmo quando o erro cometido é grave. 	<ul style="list-style-type: none"> - Assumir, a partir da mensagem cristã, a necessidade de dar e aceitar o perdão.

<p>UL 4: A Bíblia</p>	<p>- Conhecer a mensagem e cultura bíblicas.</p>	<p>- Compreender que a Bíblia é o livro sagrado dos cristãos.</p> <p>- Conhecer a estrutura da Bíblia.</p> <p>- Aprender a consultar a Bíblia.</p>	<p>- A Bíblia é um livro religioso e narra a relação de amor de Deus com o seu Povo: Jo 3,16.</p> <p>- Os cristãos reconhecem na Bíblia a Palavra de Deus: 2Tm 3, 14-16.</p> <p>- Os cristãos leem passagens da Bíblia na oração pessoal e comunitária.</p> <p>- O estudo da Bíblia ajuda-nos a compreender a vida e a escolher o bem: Dt 30, 9b-14.</p> <p>- A Bíblia tem duas grandes divisões, o Antigo Testamento e o Novo Testamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O AT: a aliança de Deus com o Povo de Israel; - O NT: a nova aliança, a pessoa de Jesus e a sua mensagem. <p>- Os livros da Bíblia e a sua divisão:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capítulos e versículos; - O uso de abreviaturas. <p>- Como se consulta a Bíblia.</p> <p>- Como se lê a Bíblia: é necessário ter em conta o tempo histórico, o espaço geográfico, as línguas e a cultura dos autores.</p>	<p>- Identificar a Bíblia como um livro religioso;</p> <p>- Reconhecer o lugar da Bíblia na oração pessoal e comunitária dos cristãos e no agir quotidiano;</p> <p>- Compreender a estrutura da Bíblia;</p> <p>- Saber como se consulta a Bíblia.</p>
------------------------------	--	--	---	---

Fonte: Elaboração Própria

2.4 Aprendizagens Essenciais de EMRC vs Temas da Catequese do 3.º e 4.º anos

Ao procurarmos uma correspondência entre as AE previstas para o 3.º ano e os temas abordados nas catequese previstas no Guia da Catequese do 3.º ano encontramos alguns eventuais temas que é possível fazer alguma correspondência entre a Catequese e EMRC (tabela 8). Porém, importa realçar aquilo que é fundamental e, que já anteriormente referimos, que EMRC e Catequese têm propósitos e finalidades distintas. Daí, ser necessário salientar diferenças relevantes. Desde logo, no que se refere às aprendizagens essenciais da UL 1: “A dignidade das Crianças” procura-se enfatizar o valor das crianças, quer das suas ações. Também na catequese 2 – “Deixaram tudo e seguiram Jesus” procura que as crianças reflitam que também elas próprias fazem parte da comunidade e que as suas ações são importantes para dar a conhecer Jesus. Embora, consigamos encontrar aqui uma correspondência importa referir que EMRC procura focar a parte da cidadania e da ética, ao passo que a Catequese procura preparar para a adesão a Jesus.

As AE da UL 2: “Ser solidário” procura realçar a importância da solidariedade e da preocupação para com os outros, ao passo que a catequese do 3.º ano procura usar exemplos da vida de Jesus para ensinar a importância do cuidado para com o outro, nomeadamente através da catequese 17 – “Com Jesus amamos os doentes” e, procura, demonstrar também na Catequese 26 – “Padres para servir” que os padres, por vocação servem a comunidade em nome de Cristo. Ora, procura, reforçar a ideia do “valor” do serviço como entrega a Deus e aos irmãos.

Também denotamos abordagens diferentes entre a UL 3: “Diálogo com Deus” e as catequese: Catequese 15 – “Na Eucaristia damos graças ao senhor nosso Deus”; Catequese 16 – “Na Eucaristia celebramos a oferta de Jesus por nós”; Catequese 24 – “Fica connosco, Senhor”. Desde logo, importa realçar que a UL 3 procura identificar e reconhecer a oração e o serviço como formas de diálogo com Deus. Ao passo que as catequese acima referidas procuram que o catequizando viva a oração e a Eucaristia como presença real de Jesus.

Por fim, a UL 4: “A Igreja” procura que os alunos reconheçam a Igreja como uma comunidade de fé e de serviço, ao passo que a Catequese 13 – “Formamos um só corpo” e a Catequese 25 – “Celebramos o dia do Senhor” procuram que o catequizando identifique a Igreja como corpo de Cristo e o local onde se celebra a Eucaristia no Domingo.

Tabela 8: Aprendizagens Essenciais do 3.º ano e eventuais temas correspondentes do Catecismo do 3.º ano

Unidades Letivas do 3.º ano	Aprendizagens Essenciais	Eventuais correspondências com abordagens distintas aos temas do catecismo do 3.º ano
UL 1: A dignidade das crianças	- Reconhecer os direitos e deveres fundamentais das crianças.	- Catequese 2 – “Deixaram tudo e seguiram Jesus”
	- Compreender o que Jesus afirmou sobre as crianças.	
	- Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	
UL 2: Ser Solidário	- Identificar que todas as pessoas são portadoras de dignidade porque criadas por Deus.	- Catequese 17 – “Com Jesus amamos os doentes” - Catequese 26 – “Padres para servir”
	- Promover o bem comum e o cuidado do outro.	
	- Participar em ações concretas de solidariedade.	
UL 3: Diálogo com Deus	- Identificar formas da procura de Deus pelo Homem.	- Catequese 15 – “Na Eucaristia damos graças ao senhor nosso Deus” Catequese 16 – “Na Eucaristia celebramos a oferta de Jesus por nós” Catequese 24 – “Fica connosco, Senhor”
	- Reconhecer que para os crentes a oração e o serviço aos outros são expressões de relacionamento com Deus.	
UL 4: A Igreja	- Reconhecer que a Igreja é a comunidade dos que acreditam em Jesus e vivem a sua mensagem.	- Catequese 13 – “Formamos um só corpo” - Catequese 25 – “Celebremos o dia do Senhor”
	- Perceber que cada cristão tem um lugar na Igreja no serviço ao outro.	

Fonte: Elaboração Própria

Antes de uma análise mais pormenorizada entre as catequese previstas no guia do 4.º ano e as AE do 4.º ano importa, desde logo, ressaltar que as AE do 4.º ano, bem como as unidades letivas (Ser Verdadeiro, Crescer na diversidade, O perdão e A Bíblia) visa analisar e trabalhar valores universais (verdade, diversidade, perdão) tendo base cristã, mas em diálogo com outras culturas. Ao passo que as catequese do 4.º ano, fruto da essência da Catequese, os encontros são encontros de fé onde se irá aprender a leitura orante da bíblia, celebrações e, ainda a ligação entre a liturgia e sacramentos.

Como podemos verificar na tabela 9, as AE da unidade letiva 1: “Ser verdadeiro” procuram identificar a verdade como algo fundamental nas relações, pelo que todos devemos agir na verdade e para a verdade, de modo a fomentar o bem comum. Podemos, ainda que de forma muito genérica encontrar alguma correspondência com as catequeses 25 e 26 “Amarás o Senhor teu Deus” e “Amarás ao próximo como a ti mesmo”, respetivamente, uma vez que na catequese abordámos o fundamento ético-cristão da vida em verdade e amor. Digamos que quer as AE da unidade letiva 1: “Ser verdadeiro” quer as catequeses 25 e 26, ainda que de forma distinta, procuram auxiliar a formação da consciência moral e da autenticidade cristã.

As AE da UL 2: “Crescer na diversidade” procuram reconhecer que as diferenças enriquecem a vida e nos ajudam a acolher os outros. No mesmo sentido, a Catequese 4 – “Os apóstolos ensinam-nos a viver a comunhão fraterna” recorda-nos a Igreja Primitiva, de modo a viver a unidade na adversidade. Ora, deste modo, podemos dizer, com abordagens distintas, que ambas promovem a aceitação do outro e valorizam a fraternidade.

Importa ainda, referir que existe abordagens diferentes entre a UL 3: “O Perdão” e a Catequese 26 – “Amarás ao próximo como a ti mesmo”. A UL 3: “O Perdão” procura que os alunos reconheçam as dificuldades inerentes nas relações, e deste modo, aprendam a perdoar e acolher o perdão. Ao passo que a Catequese 26 – “Amarás ao próximo como a ti mesmo”, os catequizandos incluem o amor como expressão do amor. Assim, podemos dizer, que ambas procuram reforçar o perdão como caminho de paz e amor.

Por último, entre UL 4: “A Bíblia” e as Catequeses 20 – “A bíblia em dois testamentos; 27 – “A Palavra de Deus é viva”; 28 – “Toda a Escritura é inspirada por Deus”; 29 – “A Palavra de Deus na vida da Igreja” e 30 – “Quanto amo, Senhor, a Tua Palavra” encontrámos abordagens distintas. A UL4: “A Bíblia” procura que os alunos identifiquem, conheçam a estrutura e aprendam a consultar a Bíblia. Já as Catequeses 20 – “A Bíblia em dois testamentos; 27 – “A Palavra de Deus é viva”; 28 – “Toda a Escritura é inspirada por Deus”; 29 – “A Palavra de Deus na vida da Igreja” e 30 – “Quanto amo, Senhor, a Tua Palavra” reforçam os textos bíblicos como sendo a Palavra de Deus viva presente na vida da Igreja.

Tabela 9: Aprendizagens Essenciais do 4.º ano e eventuais temas correspondentes do Catecismo do 4.º ano

Unidades Letivas do 4.º ano	Aprendizagens Essenciais	Eventuais correspondências com abordagens distintas aos temas do catecismo do 4.º ano
UL 1: Ser verdadeiro	- Identificar a verdade como um bem no relacionamento Interpessoal.	- Catequese 25 – “Amarás o Senhor teu Deus”.

	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer na mensagem Bíblica que a verdade me ajuda a superar o medo e a vergonha. - Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem Comum. 	- Catequese 26 – “Amarás ao próximo como a ti mesmo”.
UL 2: Crescer na diversidade	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a experiência humana da diversidade. - Reconhecer que as diferenças, na natureza e na Pessoa, dão beleza à vida. - Assumir que todos somos iguais em dignidade enquanto filhos de Deus. - Acolher os outros nas suas diferenças. 	- Catequese 4 – “Os apóstolos ensinam-nos a viver a comunhão fraterna”.
UL 3: O Perdão	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as dificuldades que surgem nas relações Humanas. - Relacionar o perdão com o sentimento de paz a nós próprios e aos outros - Assumir, a partir da mensagem cristã, a necessidade de dar e aceitar o perdão. 	- Catequese 26 – “Amarás ao próximo como a ti mesmo”
UL 4: A Bíblia	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a Bíblia como um livro religioso. - Reconhecer o lugar da Bíblia na oração pessoal e comunitária dos cristãos e no agir quotidiano. - Compreender a estrutura da Bíblia. - Saber como se consulta a Bíblia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Catequese 20 – “A bíblia em dois testamentos - Catequese 27 – “A Palavra de Deus é viva” - Catequese 28 – “Toda a Escritura é inspirada por Deus” - Catequese 29 – “A Palavra de Deus na vida da Igreja” - Catequese 30 – “Quanto amo, Senhor, a Tua Palavra”

Fonte: Elaboração Própria

Em termos conclusivos e genéricos temos bem presente as diferenças fundamentais no que respeita à finalidade de EMRC e da Catequese, bem como o método e linguagem utilizada. As aulas de EMRC procuram a reflexão ética, a ação solidária e o diálogo cultural. Ao passo que a Catequese tem como foco principal a doutrina, a oração, as celebrações e a leitura bíblica.

Capítulo III: Do Programa/ Aprendizagens Essenciais de EMRC ao Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II

3.1 A relação entre o Programa/ Aprendizagens Essenciais do 3.º e 4.º ano com o Projeto Educativo

Tendo como premissa fundamental a ideia de que EMRC contribui para a formação integral da pessoa humana voltemos a nossa atenção para o projeto educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II, para o Programa 2014 e AE por forma a conseguirmos encontrar as temáticas a abordar na PES. Como referido anteriormente, o Projeto Educativo do Agrupamento visa, de forma clara, formar os alunos de modo integral, ou seja, não só numa perspetiva académica, como também nas diversas dimensões. Dimensões essas que estão relacionadas com a ética, a cultura, a parte humana, o ambiente, as artes, o desporto e a parte profissional. Ora perante este objetivo é primordial como estabelecido no referido Projeto Educativo, uma aposta na formação dos alunos de modo a desenvolver o espírito crítico, a criatividade, a responsabilidade e a participação. Assim, poderão os alunos contribuir para uma sociedade mais empática, justa, solidária, inclusiva e democrática. Além do referido, o Agrupamento procura acolher a diversidade, a promover a inclusão educativa e a proporcionar experiências de aprendizagem significativas. Daí poder dizer-se que os princípios e valores em que assenta o Projeto Educativo revelam um referencial ético e educativo sólido e humanista (tabela 10).

Tabela 10: Princípios e Valores do Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II

Projeto Educativo	Princípios	Dignidade Humana
		Equidade
		Sustentabilidade
		Centralidade da pessoa
		Ação educativa como meio de transformação social
	Valores	Cidadania
		Respeito pela diversidade cultural
		Responsabilidade vs. liberdade
		Integridade
		Curiosidade
		Inovação
		Reflexão crítica

Fonte: Elaboração Própria

O Projeto Educativo do Agrupamento revela ainda uma linha de ação alicerçada numa cultura escolar participativa. Ou seja, todos se devem sentir corresponsáveis pelo sucesso educativo e pelo bem-estar de todos. Desta feita, podemos dizer que a linha de ação estipula três eixos estratégicos: educação para a inclusão e sucesso; cidadania para a formação global e organização e gestão educativa (tabela 11).

Tabela 11: Eixos estratégicos do Plano Educativo

Eixos Estratégicos	Educação para a Inclusão e Sucesso	Diferenciação pedagógica
		Avaliação formativa
		Apoios especializados
		Intervenção precoce
		Promoção da assiduidade
		Formação contínua dos docentes
	Cidadania para a Formação Global	Projetos de intervenção comunitária
		Projetos de voluntariado
		Promoção de estilos de vida saudáveis
		Participação ativa dos alunos
		Valorização do comportamento ético
		Apreciação do mérito cívico
	Organização e Gestão Educativa	Promoção do envolvimento das famílias
		Parcerias locais, nacionais e internacionais
		Formação contínua
		Projetos Erasmus +
		Valorização da “expressão” dos alunos

Fonte: Elaboração própria

Feita esta análise um pouco mais pormenorizada ao Projeto de Educativo do Agrupamento por forma a auxiliar na definição dos traços orientadores das unidades letivas a desenvolver concluímos que como docentes devemos contribuir para uma escola com sentido, na qual cada aluno tem de ser acolhido, valorizado e desafiado a dar o melhor de si próprio.

3.2 A relação do Programa/ Aprendizagens Essenciais do 3.º e 4.º anos e os eixos estratégicos do Projeto Educativo

Como constatámos o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II define como princípio norteador da sua tarefa a formação integral dos alunos sustentada em princípios como a inclusão, a equidade, a inovação e a cidadania ativa. Neste sentido, podemos afirmar que EMRC vai de encontro com esta lógica de formação ampla, pois como vimos nas diferentes as unidades letivas do 3.º e 4.º anos estão organizadas em torno de três grandes domínios: Religião e Experiência Religiosa, Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida e Ética e Moral (tabela 10).

Tabela 12: Relação entre as unidades letivas, as aprendizagens essenciais do 3.º e 4.º ano e o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas D. Maria II

	Unidade Letivas previstas	Aprendizagens Essenciais	Eixos Estratégicos do Projeto Educativo	Contributo das Aprendizagens Essenciais para os Eixos
3.º ano	UL 1: A dignidade das crianças	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer os direitos e deveres fundamentais das crianças; - Compreender o que Jesus afirmou sobre as crianças; - Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação para a Inclusão e Sucesso - Cidadania para a Formação Global 	<ul style="list-style-type: none"> - Promove o reconhecimento do outro como pessoa digna; - Desperta a inclusão; - Estimula o respeito mútuo; - Desenvolve o espírito crítico sobre os direitos das crianças; - Desenvolve o espírito crítico acerca dos direitos humanos.
	UL 2: Ser solidário	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar que todas as pessoas são portadoras de dignidade porque criadas por Deus; - Promover o bem comum e o cuidado do outro; - Participar em ações concretas de solidariedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cidadania para a Formação Global - Educação para a Inclusão e Sucesso 	<ul style="list-style-type: none"> - Desperta o gosto pelo voluntariado; - Incentiva a ação comunitária; - Promove atitudes de empatia.

	UL 3: Diálogo com Deus	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar formas da procura de Deus pelo Homem; - Reconhecer que para os crentes a oração e o serviço aos outros são expressões de relacionamento com Deus. 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação para a Inclusão e Sucesso 	<ul style="list-style-type: none"> - Estimula a reflexão pessoal.
	UL 4: A Igreja	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer que a Igreja é a comunidade dos que acreditam em Jesus e vivem a sua mensagem; - Perceber que cada cristão tem um lugar na Igreja no serviço ao outro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cidadania para a Formação Global - Organização e Gestão Educativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolve o sentido de responsabilidade social; - Valoriza o sentimento de pertença.
4.º ano	UL 1: Ser verdadeiro	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a verdade como um bem no relacionamento interpessoal; - Reconhecer na mensagem Bíblica que a verdade me ajuda a superar o medo e a vergonha; <p>Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Educação para a Inclusão e Sucesso - Cidadania para a Formação Global 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolve a honestidade; - Desenvolve a autenticidade; - Estimula a responsabilidade; - Incentiva uma vida ética.
	UL 2: Crescer na diversidade	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a experiência humana da diversidade; - Reconhecer que as diferenças, na natureza e na Pessoa, dão beleza à vida; - Assumir que todos somos iguais em dignidade enquanto filhos de Deus; - Acolher os outros nas suas diferenças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação para a Inclusão e Sucesso - Cidadania para a Formação Global 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolve atitudes de empatia; - Desenvolve atitudes de respeito pela diferença; - Desenvolve competências para a convivência multicultural.

	<p>UL 3: O Perdão</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as dificuldades que surgem nas relações humanas; - Relacionar o perdão com o sentimento de paz a nós próprios e aos outros; - Assumir, a partir da mensagem cristã, a necessidade de dar e aceitar o perdão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação para a Inclusão e Sucesso - Cidadania para a Formação Global - Organização e Gestão Educativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Promove uma cultura escolar pacífica.
	<p>UL 4: A Bíblia</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar a Bíblia como um livro religioso; - Reconhecer o lugar da Bíblia na oração pessoal e comunitária dos cristãos e no agir quotidiano; - Compreender a estrutura da Bíblia; - Saber como se consulta a Bíblia. 	<ul style="list-style-type: none"> - Educação para a Inclusão e Sucesso - Organização e Gestão Educativa 	<ul style="list-style-type: none"> - Enriquece os conhecimentos a nível cultural do aluno.

Fonte: Elaboração Própria

Capítulo IV: Currículo, gestão curricular e desafios didáticos

Sustentar que a função docente e o processo de ensino-aprendizagem permanecem inalterados em relação ao que se verificava há alguns anos seria não apenas impossível, mas também impensável. O ambiente digital tornou-se parte indissociável do nosso dia a dia e, em particular, a pandemia de COVID-19 constituiu um marco decisivo, ao impor uma reflexão sobre as práticas educativas. Com efeito, este contexto pandémico trouxe para a educação um dos maiores desafios da sua história recente: a transição do ensino presencial para modalidades digitais de aprendizagem. Assim, perante as circunstâncias, a transição do ensino para a educação digital foi inevitável¹⁶ e, podemos mesmo dizer que veio para ficar. A transição não se resume à adoção de plataformas, mas implica uma profunda mudança cultural e filosófica. Era e é “urgente e necessário transitar (...) para uma educação digital em rede de qualidade”¹⁷.

Esta urgência manifesta-se, em termos pedagógicos, na necessidade de reconfigurar o papel atribuído ao professor e ao aluno. Se outrora o docente assumia uma posição central enquanto transmissor de conhecimento, atualmente é desafiado a desempenhar funções de mediador, de orientador e dinamizador de processos de interação. Tal transformação, longe de diminuir a relevância do professor, acentua a sua responsabilidade, exigindo-lhe a capacidade de orientar percursos de aprendizagem e de promover a motivação dos estudantes. No caso da disciplina de EMRC, cujo objeto de estudo se centra em valores e dimensões existenciais, esta mediação revela-se particularmente indispensável, prevenindo que a disciplina se limite à transmissão de conteúdos descontextualizados e garantindo a preservação da relação interpessoal, mesmo em contextos de turmas numerosas, heterogéneas ou organizadas em grupos-turma.

Neste sentido, a educação digital não deve ser vista como uma “ameaça”, mas como uma oportunidade. É necessário “promover práticas pedagógico-didáticas ativas e construtivistas”¹⁸ o que se traduz numa abertura a processos colaborativos de construção do conhecimento. Isto implica que a disciplina de EMRC, assim como os seus docentes, necessitem de estar atentos e de acompanhar estas transformações. Em termos mais precisos, considera-se que a disciplina apenas permanecerá fiel à sua identidade se for capaz de articular de forma equilibrada a presença física e o ambiente digital, a relação humana e a tecnologia, o diálogo e a inovação.

¹⁶ J. A. Moreira, S. Henriques e D. M. V. Barros, “Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia,” *Dialogia*, 2020, 351–64

¹⁷ Moreira, Henriques e Barros, “Transitando de um ensino remoto emergencial,” 352

¹⁸ Moreira, Henriques e Barros, “Transitando de um ensino remoto emergencial,” 355

Diria que a educação nos dias de hoje já não pode ser pensada em termos “não híbridos”: a questão não é “se devemos combinar”, mas “como combinar” diferentes espaços, tempos e tecnologias de aprendizagem¹⁹. Ou seja, não se trata de substituir radicalmente as práticas existentes, mas de lhes acrescentar valor através da articulação inteligente das inúmeras ferramentas que enquanto professores dispomos. No que se refere especificamente à disciplina de EMRC, tal implica a preservação do espaço de encontro interpessoal, do diálogo ético e religioso, mas também o seu enriquecimento através da integração de ferramentas digitais, de recursos multimédia e de experiências interativas que favoreçam uma maior personalização das aprendizagens e incrementem a motivação dos alunos. Importa, ainda salientar que a comunicação deve ser vista como elemento essencial, mais do que o professor, o aluno ou a tecnologia.²⁰ Esta ideia vai de encontro ao núcleo da disciplina de EMRC, estruturada no diálogo, na relação entre pessoas e na construção de significado.

Se durante séculos a escola foi marcada por uma pedagogia centrada na figura do professor como principal detentor e transmissor do saber, hoje as exigências sociais, culturais e tecnológicas apontam para a necessidade de repensar profundamente este modelo. À luz do que foi apresentado, aliado ao facto de que o processo de ensino-aprendizagem se encontra atualmente centrado no aluno, verifica-se a necessidade de implementar novas metodologias ativas nas escolas. Estas metodologias ativas não são mais do que “abordagens pedagógicas que colocam o aluno no centro do processo de aprendizagem, incentivando a sua participação ativa na construção do conhecimento”²¹.

Assim, a disciplina de EMRC, pela sua vocação formativa e pela presença do diálogo como forma de transmitir os seus conteúdos, surge como um espaço privilegiado para a implementação destas metodologias. Contudo, os desafios que emergem no contexto de grupos-turma são múltiplos e merecem reflexão. Desde logo, a realidade dos grupos-turma, no âmbito de EMRC, aliado ao facto de introduzir metodologias ativas e centradas no aluno, exige “um planeamento mais detalhado e cuidadoso por parte dos professores”²²

Além disso, um aspeto a ter em consideração, no que se refere às metodologias ativas centradas no aluno é a gestão do tempo. Isto porque ao contrário da aula expositiva, em que o professor controla o ritmo da transmissão, as metodologias participativas necessitam de mais espaço para debates, trabalhos colaborativos e atividades práticas. Estas dinâmicas são,

¹⁹ José António Moreira e Maria João Horta, *Educação e Ambientes Híbridos de Aprendizagem. Um Processo de Inovação Sustentada*, Revista UFG 20 (2020): 2

²⁰ Moreira e Horta, *Educação e Ambientes Híbridos de Aprendizagem*, 6

²¹ M. D. A. L. Moreira, F. L. dos Santos Zanelato, M. C. Callegari, M. M. Gregório, M. Bassini, S. de Azevedo Lima, and S. M. A. V. Santos, “Metodologias ativas na educação: desafios e oportunidades para o docente na transformação do ensino,” *Cuadernos de Educación y Desarrollo* 16, no. 10 (2024): e5943–e594, 3

²² Moreira et al., “Metodologias ativas na educação.”, 8

inevitavelmente, mais demoradas, sobretudo em grupos-turma. Isto é, o tempo de preparação e planificação das aulas implica um “tempo extra, pois o docente precisa antecipar diferentes cenários de aprendizagem e adaptar a sua aula para que os alunos participem ativamente”²³. Este aspeto é particularmente relevante em EMRC, onde o tempo semanal é limitado e onde o diálogo espontâneo dos alunos — frequentemente relacionado com experiências de vida, valores pessoais ou questões existenciais — exige uma flexibilidade que por vezes colide com o nosso planeamento prévio. Assim, o professor vê-se perante o desafio de cumprir os objetivos curriculares e ouvir o que os seus alunos têm para partilhar acerca das diferentes temáticas que vão sendo abordadas, o que torna a gestão do tempo um exercício exigente.

Um outro aspeto importante, e que deve ser tido em conta nas aulas de EMRC a fim de motivar e cativar os alunos para as temáticas alvo de reflexão e, ainda, possibilitar a reflexão e o diálogo, é a utilização de tecnologias em sala de aula. Importa salientar que as metodologias ativas não se definem pela ferramenta, mas sim pela forma como o aluno participa no processo de aprendizagem. Estas estratégias colocam, de facto, o aluno no centro, tornando-o protagonista na construção do conhecimento, em vez de mero recetor passivo da informação²⁴.

Se um professor utiliza o *PowerPoint* apenas para expor conteúdos de forma sequencial, ou se mostra um vídeo apenas como complemento da sua explicação, continua a tratar-se de uma abordagem tradicional, ainda que tenha sido utilizada uma ferramenta tecnológica. Nestes casos, a tecnologia é apenas um recurso auxiliar do professor. Ao passo que, no âmbito das metodologias ativas, o *PowerPoint*, o vídeo ou qualquer outra tecnologia podem ser valorizados de forma diferente. Ou seja, pode ser, por exemplo, o ponto de partida para desenvolver o diálogo com os alunos ou para estimular a criatividade dos alunos.

Assim, considerando o contexto de um grupo-turma, a utilização de tecnologias configura-se como uma mais-valia apenas quando integrada numa lógica de participação ativa e de reflexão dos alunos, possibilitando experiências de colaboração, de autonomia e de aplicação prática. Tal dimensão adquire particular relevância, dado que o grupo-turma, além de integrar dois anos de escolaridade distintos, evidencia ainda diversidade cultural e religiosa. Assim, compete ao professor promover um ambiente de respeito e inclusão, no qual a pluralidade seja reconhecida e valorizada.

A aplicação das metodologias ativas em grupos-turma de EMRC representa, assim, uma renovação pedagógica, mas também um caminho cheio de exigências. A adoção dessas

²³ Moreira et al., “Metodologias ativas na educação.”, 8

²⁴ Moreira et al., “Metodologias ativas na educação.”, 6

metodologias representa uma oportunidade valiosa de repensar as práticas docentes, mas o caminho é, sem dúvida, desafiador.

Face ao exposto, posso referir que a PES se traduziu numa verdadeira oportunidade para refletir sobre a complexidade e os desafios que surgem à prática docente de EMRC: contactar de forma direta com os desafios inerentes à operacionalização do currículo de EMRC a uma turma composta por alunos do 3.º e 4.º anos e, ainda, as exigências da sua gestão em contexto escolar.

Relembre-se que o currículo, sob o entendimento do conjunto de conteúdos, competências, valores e atitudes implicou requerer da minha parte uma gestão flexível e adaptada à realidade do grupo-turma. De facto, o currículo “constitui o núcleo definidor da existência da escola” e deve ser visto como “esta realidade socialmente construída que caracteriza a escola como instituição da época, e abandonarmos uma visão naturalista de currículo como figurino estável de disciplinas que nos últimos tempos têm sido ensinadas pela escola: não foram sempre essas – nem será sempre idêntico o modelo.”²⁵ Isto significa que o “conteúdo” do currículo ao ser analisado tem de ter em consideração “circunstâncias, necessidades e públicos atuais”.²⁶ O que implica obrigatoriamente, face a tudo o descrito, “gerir” o currículo. No caso em concreto do 1.º ciclo este desafio tornou-se ainda maior, na medida em que a gestão curricular é mais exigente o que obrigou naturalmente a uma reflexão: “onde estou e para onde quero ir”; a recorrer a diversas estratégias e a ajustar materiais e metodologias didáticas de modo a respeitar as AE, bem como o ritmo de aprendizagem de cada criança. Ou seja, implicou “decidir o que ensinar e porquê, como quando, com que prioridades, com que meios, (...) com que resultados, ...”²⁷

Posto isto, e no que se refere à operacionalização do próprio currículo tive em consideração alguns princípios orientadores: o currículo deve organizar-se de forma a que as aprendizagens dos alunos seja significativa e haja progressão curricular; os objetivos, os conteúdos e as metodologias de ensino devem pautar-se, por serem claras, relevantes, diversificadas e adequadas às características dos alunos; e a avaliação dever ser contínua a fim de que haja o “efetivo” desenvolvimento dos alunos. Já no tocante à avaliação da aprendizagem foram tidos em consideração mecanismos, instrumentos e procedimentos que iam de encontro com os objetivos de aprendizagem, bem como o contexto e as características dos alunos.

²⁵ Maria do Céu Roldão e Sara Almeida, *Gestão Curricular para a Autonomia das Escolas e Professores* (Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2018), 9.

²⁶ Roldão e Almeida, *Gestão Curricular para a Autonomia das Escolas e Professores*, 9.

²⁷ Roldão e Almeida, *Gestão Curricular para a Autonomia das Escolas e Professores*, 9.

Assim, o grande desafio dado a realidade do grupo-turma centrou-se em adaptar o currículo e experienciar que, de facto não deve ser visto de forma rígida, como sendo um modelo único, um padrão a ser seguido. Não esquecendo, como é óbvio quer as AE, quer as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO).

Surgiram, aliado a este, outros desafios didáticos no sentido de manter o interesse e o envolvimento dos alunos com idades e níveis de maturidade distintos. E, ainda, promover aprendizagens significativas num contexto heterogéneo.

Importa, no entanto, referir que apesar de desafiante a flexibilidade curricular traduz-se numa ferramenta que usada com responsabilidade e tendo em conta as características dos alunos/turma, e do próprio contexto da escola se traduz numa mais valia para a própria escola, para os agentes educativos, nomeadamente os alunos.

Após todo um processo de análise e reflexão elaboramos a planificação anual, bem como as unidades letivas a desenvolver tendo em conta as especificidades do grupo-turma no qual desenvolvi a PES.

4.1 Planificação anual

A planificação anual constitui uma ferramenta essencial na organização e orientação de todo o trabalho letivo a desenvolver no decorrer do ano letivo. Ou seja, permite que o docente estruture, de forma articulada e sequencial, os objetivos a alcançar e o número de aulas previstas em cada um dos períodos tendo como referência os documentos curriculares orientadores, nomeadamente o PASEO e as AE. Em termos globais podemos referir que a planificação anual se traduz numa intenção pedagógica clara, permitindo uma visão global do percurso de ensino aprendizagem.

Planificação da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica – 3.º Ano

Ano Letivo 2024/2025

Domínios	Ponderação	Objetivos	Calendarização Aulas previstas	Descritores do Perfil dos Alunos	Descritores de Desempenho	Processos de Recolha de Informação
Domínio 1 - Comunicação da Cultura e Visão Cristã da Vida	35%	A Dignidade das Crianças: Reconhecer os direitos e deveres fundamentais das crianças; (CD; P; Exp. Art.) Compreender o que Jesus afirmou sobre as crianças; Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo. (CD)	+ - 8 aulas (1.º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Comunicar em diferentes contextos utilizando ferramentas analógicas e digitais;	Registos e observação em sala de aula
Domínio 2 – Conhecimento da Religião e Experiência Religiosa	30%	Ser Solidário: Participar em ações concretas de solidariedade. (CD; P) Identificar que todas as pessoas são portadoras de dignidade porque criadas por Deus; Promover o bem comum e o cuidado do outro; (CD) Diálogo com Deus: Identificar formas da procura de Deus pelo Homem; Reconhecer que para os crentes a oração e o serviço aos outros são expressões de relacionamento com Deus.	+ - 8 aulas (1º/2º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Revelar facilidade na compreensão, aquisição, mobilização e aplicação de conhecimentos; Desenvolver/adquirir as aprendizagens essenciais definidas;	Trabalhos individuais e/ou de grupo Ferramentas Google Apresentações Oraís Plataformas Digitais Dramatizações Caderno diário
Domínio 3 – Compreensão da Ética e Moral	35%	A Igreja: Reconhecer que a Igreja é a comunidade dos que acreditam em Jesus e vivem a sua mensagem; Perceber que cada cristão tem um lugar na Igreja no serviço ao outro.	+ - 8 aulas (2º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Revelar interesse, empenho, ser responsável, autónomo e sociável;	Auto e hetero avaliação
			+ - 6 aulas (3º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Estabelecer consigo próprio e com os outros, uma relação harmoniosa e salutar.	

Planificação da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica – 4.º Ano

Ano Letivo 2024/2025

Domínios	Ponderação	Objetivos	Calendarização Aulas previstas	Descritores do Perfil dos Alunos	Descritores de Desempenho	Processos de Recolha de Informação
Domínio 1 - Comunicação o da Cultura e Visão Cristã da Vida	35%	Ser Verdadeiro: Reconhecer na mensagem Bíblica que a verdade me ajuda a superar o medo e a vergonha; Identificar a verdade como um bem no relacionamento interpessoal; (CD) Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum. (CD)	+ 8 aulas (1.º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Comunicar em diferentes contextos utilizando ferramentas analógicas e digitais;	Registos e observação em sala de aula
Domínio 2 – Conhecimento da Religião e Experiência Religiosa	30%	Crescer na Diversidade: Identificar a experiência humana da diversidade; (CD; P) Reconhecer que as diferenças, na natureza e na Pessoa, dão beleza à vida; (Est. Meio; Exp. Art.) Assumir que todos somos iguais em dignidade enquanto filhos de Deus; Acolher os outros nas suas diferenças.	+ 8 aulas (1.º/2.º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Revelar facilidade na compreensão, aquisição, mobilização e aplicação de conhecimentos;	Trabalhos individuais e/ ou de grupo
Domínio 3 – Compreensão o da Ética e Moral	35%	O Perdão: Relacionar o perdão com o sentimento de paz a nós próprios e aos outros; Identificar as dificuldades que surgem nas relações humanas; Assumir, a partir da mensagem cristã, a necessidade de dar e aceitar o perdão.	+8 aulas (2.º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Desenvolver/adquirir as aprendizagens essenciais definidas;	Ferramentas Google
		A Bíblia: Compreender a estrutura da Bíblia; Saber como se consulta a Bíblia; Identificar a Bíblia como um livro religioso; Reconhecer o lugar da Bíblia na oração pessoal e comunitária dos cristãos e no agir quotidiano.	+ 6 aulas (3.º Período)	A, B, C, D, E, F, G, H, I, J	Revelar interesse, empenho, ser responsável, autónomo e sociável;	Apresentações Orais
					Estabelecer consigo próprio e com os outros, uma relação harmoniosa e salutar.	Plataformas Digitais
						Dramatizações
						Caderno diário
						Auto e hetero avaliação

4.2 Designação da Unidade Letiva I: “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância”

Após a análise do P-2014 e das AE designei a primeira Unidade letiva como “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância”. Isto porque e tendo em conta que a turma é composta por alunos do 3.º e 4.º anos procuramos ter em consideração as duas primeiras unidades letivas dos dois anos em questão: “A Dignidade das Crianças” e “Ser Verdadeiro”. A unidade letiva desenvolvida procura enfatizar o relevo que a formação moral e ética deve ter nas crianças desde tenra idade. Assim, tem-se como objetivos gerais refletir acerca de princípios e valores como a coerência, a honestidade, o respeito, o cuidado e o amor. E, ainda, demonstrar o quanto esses valores são fulcrais para o desenvolvimento de um carácter íntegro. Neste sentido, todas as palavras que compõem o título da unidade letiva foram pensadas a fim de justificar a importância desta unidade letiva. “Educar” salvaguarda a importância de reforçarmos a ideia de que os valores não são única e exclusivamente inatos, antes pelo contrário devem ser ensinados e cultivados ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem das crianças. Saliente-se que as crianças devem ser educadas não só academicamente, mas também moralmente e emocionalmente. Já as palavras “Verdade” e “Autenticidade” salientam um dos conteúdos do currículo do 4.º ano (Ser Verdadeiro) que facilmente podemos relacionar com o conteúdo do 3.º ano que enfatiza o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com mundo (Dignidade das Crianças). Ensinar a verdade às crianças é importante, é essencial, e diria mesmo, é fundamental para que cresçam como indivíduos confiantes, responsáveis e autênticos. As crianças, por natureza, demonstram autenticidade, pois revelam, expressam, transmitem aquilo que sentem de forma espontânea e honesta. Importa reforçar a ideia que à medida que as crianças vão crescendo não devem ser influenciadas por fatores externos que, muitas vezes, conduzem a esconder a sua verdadeira essência. Destaca-se ainda que os valores que as crianças vão adquirindo são fundamentais nesta fase da vida para a formação do carácter de cada um ao longo da sua vida.

4.3 Planificação e Planos de Aula da Unidade Letiva I: “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância”

Ano Letivo 2024/2025

Unidade letiva: Educar para a Verdade e Autenticidade: valores na infância					
Total de Aulas: 8					
Aprendizagem Essenciais		Conteúdos P-2014		Conteúdos	Objetivos
3.º ano	4.º ano	3.º ano	4.º ano		
Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	Identificar a verdade como um bem no relacionamento interpessoal.	Infância, tempo de crescimento e de educação: as condições necessárias que a sociedade deve dar.	O que é agir com verdade: - Correspondência entre o que se diz e a realidade; - entre o que se promete e o que se faz; - entre o que se diz e o que se pensa ou sente.	Definição de coerência Importância da coerência na vida do dia a dia Importância de as crianças agirem sempre com verdade	Reconhecer a importância da harmonia entre o que se pensa, faz e diz para viver de forma verdadeira Reconhecer que a conduta dos adultos é importante para o crescimento das crianças
Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	Identificar a verdade como um bem no relacionamento interpessoal.	Infância, tempo de crescimento e de educação: as condições necessárias que a sociedade deve dar.	O que é agir com verdade: - Correspondência entre o que se diz e a realidade; - entre o que se promete e o que se faz; - entre o que se diz e o que se pensa ou sente.	Importância da verdade nas relações interpessoais Consequências da falta de verdade: tristeza, desconfiança e conflitos	Analisar as consequências que a falta de verdade pode causar nas relações humanas e no bem-estar pessoal
Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã.		O nascimento de Jesus: a Palavra e o Amor de Deus que chegam até nós.		História do nascimento de Jesus Relação entre o Natal e valores como: amor, solidariedade, partilha e gratidão	Reconhecer o nascimento de Jesus como o centro da celebração cristã do Natal
Compreender o que Jesus afirmou sobre as crianças.	Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum.	Jesus e as Crianças.	Assumir um erro é um ato de coragem.	Conceito de autenticidade e genuinidade Autenticidade das crianças	Identificar o valor de ser genuíno nas diversas situações do quotidiano

Aprendizagem Essenciais		Conteúdos P-2014		Conteúdos	Objetivos
3.º ano	4.º ano	3.º ano	4.º ano		
Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum.	“O melhor do mundo são as crianças”: o seu valor e a sua dignidade.	Razões para dizer a verdade: - habituar-me à mentira faz de mim alguém que ninguém pode confiar.	Relação entre ser autêntico e valores como: justiça, honestidade, respeito e amor Importância das crianças serem honestas, verdadeiras e genuínas	Conhecer o exemplo de Jesus como modelo de autenticidade
Promover o bem comum e o cuidado do outro.	Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum.	O papel das crianças junto dos pais, dos avós e dos vizinhos: - receber e dar amor; - prestar colaboração; - escutar e fazer companhia.	Razões para se dizer a verdade: - a mentira coloca problemas à minha relação com os outros.	O modo de agir influencia o próximo	Compreender a verdade como um valor para o bem comum
Promover o bem comum e o cuidado do outro.	Identificar a experiência humana da diversidade.	Todas as pessoas têm dignidade, por isso têm direito a viver uma vida feliz e construtiva.	Os seres humanos também são diferentes uns dos outros. As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida.	Importância do cuidado com o próximo e da construção do bem comum	Reconhecer a diversidade nas experiências humanas
Identificar sinais que manifestem amor		O papel das crianças junto dos pais, dos avós e dos vizinhos: - receber e dar amor;		Explorar formas de expressar o amor e a amizade no quotidiano – Dia de São Valentim	Identificar gestos concretos que demonstram amor e amizade. Desenvolver atitudes de respeito, cuidado e partilha nas relações interpessoais.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 27.11.2024
Aula: n.º 1/8

SUMÁRIO: A história do “Sapo Aldrabão”. Dizer a verdade sempre!

Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	Identificar a verdade como um bem no relacionamento interpessoal.	<ul style="list-style-type: none"> Definição de coerência Importância de as crianças agirem sempre com verdade Importância da coerência na vida do dia a dia 	<ul style="list-style-type: none"> Acolhimento Registo do sumário Visualização de um <i>powerpoint</i> com a história “O Sapo Aldrabão” Diálogo horizontal e vertical Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada. Atividade “Princesa e o Sapo” 	Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/organizador (A, B, C, I, J) Participativo/colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Marcadores Computador Projetor Papel Caneta	5 min 20 min 10 min 10 min 15 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	Agir com verdade e coerência é essencial para construirmos relações autênticas e sermos felizes connosco e com os outros.						

Relatório de Reflexão Individual: 1.ª aula

A aula iniciou com o momento de acolhimento e o registo do sumário. Como introdução ao tema, o Professor Estagiário lançou à turma a questão: “*Quem é que nunca mentiu?*” Esta pergunta provocatória teve como objetivo despertar a curiosidade dos alunos e criar um clima de participação ativa desde o início. Face às respostas obtidas, o Professor Estagiário destacou a importância de cada pessoa agir de acordo com o seu coração, remetendo para a autenticidade como princípio orientador das relações humanas.

De seguida, foi colocada a seguinte questão: “*Como é o vosso coração? Bom ou mau?*” Este momento promoveu a reflexão individual e coletiva sobre a bondade intrínseca do ser humano, permitindo ao Professor Estagiário sublinhar que, por natureza, o coração é bom e verdadeiro. A partir desta perspetiva, foi enfatizada a necessidade de pautar as relações interpessoais pela verdade e pela honestidade, evitando a mentira enquanto atitude contrária à dignidade humana.

Com o intuito de reforçar esta mensagem, foi apresentada em formato *PowerPoint* a história “O Sapo Mentiroso”. Através do diálogo, os alunos foram conduzidos à conclusão de que a mentira, tal como exemplificada pelo protagonista da história, compromete as relações e afasta as pessoas. Esta atividade revela-se didaticamente pertinente, pois traduziu em linguagem simbólica e acessível um valor ético central, facilitando a interiorização da importância da verdade. Permitiu, ainda, que os alunos refletissem sobre a sua própria experiência de vida.

Refira-se, ainda que, o recurso à história “O Sapo Mentiroso” apresentada em suporte digital, permitiu a articulação entre a dimensão literária e a formação de valores. A exploração do vocabulário e o debate subsequente contribuíram, por um lado, para o desenvolvimento da competência linguística dada a especificidade da turma, e, por outro lado, permitiu consolidar a mensagem ética da narrativa.

No término da aula, o Professor Estagiário reforçou a ideia de que a felicidade pessoal e comunitária depende da coerência entre sentimentos e ações, insistindo na necessidade de viver na verdade como condição para relações autênticas. Por forma a consolidar o tema, foi proposta uma atividade prática: os alunos receberam uma ilustração de um sapo e de uma princesa para colorir, cuja dobra da folha revelava a imagem da princesa a beijar o sapo. Esta dinâmica lúdica visou articular o conteúdo da aula com um exercício criativo e simbólico, transmitindo a ideia de que os sonhos podem concretizar-se quando se vive de forma verdadeira. Importa referir que esta opção foi ajustada ao nível etário em causa, na medida em que promoveu o envolvimento emocional e a compreensão simbólica da importância da verdade.

Em suma, do ponto de vista didático, esta aula procurou combinar estratégias interrogativas, narrativas e expressivo-motoras, promovendo uma abordagem integral que não se limita à transmissão de conteúdos, mas fomenta o desenvolvimento pessoal e social dos alunos.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 27.11.2024
Aula: n.º 2/8

SUMÁRIO: A verdade faz-nos felizes!							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	Identificar a verdade como um bem no relacionamento interpessoal.	<ul style="list-style-type: none"> • Importância da verdade nas relações interpessoais • Importância das crianças para Jesus • Consequências da falta de verdade: tristeza, desconfiança e conflitos 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • Visualização de imagens • Diálogo horizontal e vertical • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada. • Música: “A verdade faz-nos felizes” 	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J) Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Imagens Papel Caneta	5 min 20 min 10 min 10 min 15 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	A importância de agir com verdade e honestidade para promover relações alicerçadas na confiança.						

Relatório de Reflexão Individual: 2.^a aula

A forma como esta aula foi pensada e desenvolvida assenta, desde logo, num conjunto de opções didáticas que visam alcançar os objetivos pelos quais foi planeada. Assim, ao iniciar a aula com a apresentação, recorrendo à metáfora da árvore, teve uma intenção clara: promover a integração. Ou seja, se em todas as turmas a apresentação dos alunos é importante, nesta turma, em especial, importa reforçar o conhecimento e o valor de cada aluno, uma vez que estamos perante dois anos de escolaridade. Além disso, importa dar a cada aluno um lugar simbólico na turma e reforçar a ideia de comunidade/grupo de aprendizagem.

Posteriormente, a estratégia de interpretação de imagens afixadas no quadro e conseqüente associação a um “coração feliz ou triste” permitiu, em termos didáticos, tornar visível, de uma forma simples e acessível, a relação entre as ações concretas e os valores éticos. Ou seja, a utilização de imagens e símbolos (neste caso, os corações) visava contribuir para a captação da atenção dos alunos, uma vez que facilitava a ligação entre conceitos abstratos (verdade/mentira) e a experiência emocional concreta.

Em seguida, a introdução da história teve como principal premissa a identificação dos alunos com situações quotidianas. Esta opção pedagógica teve como principal finalidade estimular a empatia e a reflexão moral. Ou seja, esta opção permitiu auxiliar os alunos no reconhecimento das conseqüências emocionais da mentira. Neste aspeto, o desafio curricular prendeu-se com encontrar formas de articular os conteúdos de EMRC (verdade/mentira) com a realidade diária dos alunos. Visou-se assegurar que a aula, em sentido restrito, e a disciplina, em sentido lato, não fosse apenas teórica, mas alicerçada em experiências que são do conhecimento dos alunos.

Por fim, a conclusão da aula com uma canção procurou consolidar a aprendizagem de uma forma lúdica e participativa.

Em suma, esta aula, refletiu um conjunto de opções pedagógicas e didáticas: acolher e integrar os alunos; valorizar o diálogo; usar recursos simbólicos; ligar conteúdos de EMRC à vida concreta dos alunos. Apesar de algumas limitações, como a euforia e agitação por parte dos alunos que conduziu a diversas intervenções para restabelecer a atenção e o foco da turma, considera-se que os objetivos foram alcançados, nomeadamente no que respeita à sensibilização da importância da verdade como fundamento das relações humanas.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 11.12.2024
Aula: n.º 3/8

SUMÁRIO: Viver o Natal							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã.	Saber que o Natal é a celebração do Nascimento de Jesus e a realização da esperança cristã.	<ul style="list-style-type: none"> • História do nascimento do Jesus • Relação entre o Natal e valores como: amor, solidariedade, partilha e gratidão 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • Visualização de imagens • Diálogo horizontal e vertical • Roteiro de questões acerca das imagens • Leitura do Texto Bíblico: Lucas 2, 1-20 • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada. • Atividade: “Anjinho” 	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J) Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Imagens Papel Caneta	5 min 20 min 10 min 10 min 15 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	Natal: tempo de vivência de valores como a verdade, o amor e a entreatjada, que devem orientar a forma como nos relacionamentos com os outros ao longo do ano.						

Relatório de Reflexão Individual: 3.ª aula

A opção por trabalhar em aula a temática do Natal como “tempo de amor e verdade” visa a articulação curricular entre os valores éticos (verdade) e a dimensão cristã celebrativa. Ora, esta transição deu sentido ao percurso de aprendizagem e aportou o novo tema numa festividade próxima e significativa para os alunos, promovendo a motivação e a pertinência do conteúdo.

A dinâmica visual e participativa (observação das imagens acerca do Natal) mobilizou competências de observação, expressão oral e argumentação, colocando, desta forma, o aluno no centro da aprendizagem. Ao solicitar aos alunos a escolha da imagem permitiu favorecer a personalização do significado do Natal, respeitando, deste modo, a diversidade de perspetivas e experiências. Em termos didáticos, tratou-se de uma estratégia que fomentou a reflexão crítica e promoveu o diálogo em torno do verdadeiro sentido e significado da festa.

Por último, ao fazer referência que o Natal é o momento de celebrarmos o nascimento de Jesus e realçar a importância da ajuda e do amor, procurou-se, não só transmitir informação religiosa, mas a estimular atitudes de solidariedade e cuidado. Mais se salienta que este momento da aula procurou-se reforçar a dimensão experimental da disciplina, no sentido em que se procurou demonstrar que o Natal não se limita “às prendas”, mas a um tempo de relação e de cuidado para com os outros.

Posteriormente, foi apresentada a narrativa bíblica do nascimento de Jesus. A opção por recorrer a esta história visou proporcionar uma experiência de escuta atenta e de reflexão sobre a mensagem central da celebração. Ao questionar os alunos acerca do que poderiam aprender com a história e sobre como viver o espírito de Natal, fomentou-se a ligação entre o texto sagrado e a vida concreta de cada um. A metáfora da estrela que guia os Magos foi explorada como imagem pedagógica poderosa, traduzindo de forma acessível a ideia de que cada pessoa pode ser “luz” para os outros através das suas atitudes.

A aula concluiu com uma atividade plástica: a pintura de um anjinho de Natal. Este momento foi pensado para consolidar os conteúdos de forma simbólica e criativa, permitindo aos alunos expressarem-se artisticamente e levarem o produto da sua aprendizagem para além da sala de aula. O anjinho, colocado na árvore de Natal ou noutra espaço significativo, funcionou como lembrança material da reflexão vivida na aula. Contudo, esta atividade trouxe o desafio de gestão do tempo, já que nem todos os alunos terminaram ao mesmo ritmo, exigindo atenção à planificação futura para equilibrar momentos de reflexão e de execução prática.

De um ponto de vista global, esta aula destacou-se pela articulação entre diferentes metodologias — diálogo, observação de imagens, narrativa bíblica e atividade plástica. As opções

tomadas revelaram-se intencionais e adequadas, respondendo ao desafio curricular de integrar a mensagem cristã com a vivência concreta dos alunos. A diversidade metodológica mostrou-se uma mais-valia para o envolvimento da turma, ainda que a gestão do tempo tenha constituído uma dificuldade.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 02.01.2025
Aula: n.º 4/8

SUMÁRIO: Ser autêntico e genuíno como as crianças. A história “O Pedro e o Lobo”.							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Jesus e as Crianças.	Assumir um erro é um ato de coragem.	<ul style="list-style-type: none"> • Conceito de autenticidade e genuinidade • Autenticidade das crianças 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • Atividade: “Teia da Verdade” • Diálogo horizontal e vertical • Roteiro de questões acerca do vídeo • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada. 	Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/organizador (A, B, C, I, J) Participativo/colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Novelo de lã Computador Projetor Papel Caneta	5 min 40 min 15 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	A verdade é essencial para a construção de relações baseadas na confiança, onde honestidade e a autenticidade são essências para amizades genuínas e duradouras.						

Relatório de Reflexão Individual: 4.^a aula

Ao iniciar a aula com um breve diálogo relativo à vivência do Natal em família traduz-se numa opção metodológica que visa favorecer a valorização das experiências pessoais dos alunos e, ainda, permitir existência de um clima de confiança e proximidade.

Posteriormente, foi introduzida a dinâmica intitulada “Teia da Verdade”. Nesta atividade, cada aluno, segurando um novelo de lã, era convidado a partilhar algo verdadeiro sobre si ou sobre os seus sentimentos, transmitindo em seguida o novelo a um colega. Ao assumir a primeira partilha — *“estou feliz porque gosto de estar convosco”* —, o Professor Estagiário desempenhou um papel de modelo, incentivando a autenticidade e o respeito nas intervenções subsequentes. Do ponto de vista didático, esta estratégia revelou-se pertinente, uma vez que materializou de forma simbólica o impacto da verdade nas relações interpessoais, tornando visível, através da teia de lã formada, a importância da sinceridade enquanto elemento agregador do grupo.

A reflexão subsequente permitiu consolidar as aprendizagens decorrentes da atividade. As questões colocadas — *“O que acontece quando partilhamos verdades?”* e *“Como seria se alguém tivesse dito algo falso?”* — estimularam a capacidade de pensamento crítico dos alunos e conduziram à compreensão de que a verdade constitui um fator essencial na construção de relações de amizade autênticas. A metáfora da teia constituiu, assim, um recurso pedagógico com potencial didático, favorecendo a interiorização do valor da verdade através de uma experiência coletiva e significativa.

Em seguida, o vídeo “Pedro e o Lobo” procurou ser uma forma de reforçar a temática já abordada. Assim como o diálogo orientado por questões como: *“Por que razão as pessoas deixaram de acreditar no Pedro?”* e *“O Pedro criou uma teia de confiança com quem o rodeava?”*, conduziu os alunos à percepção de que a mentira fragiliza a confiança mútua e compromete a vida comunitária. Este recurso narrativo visava exemplificar, de forma concreta, os conceitos trabalhados na atividade inicial.

Na conclusão da aula, o Professor Estagiário reforçou a centralidade da verdade enquanto fundamento das relações humanas, associando-a à confiança e à autenticidade. A referência à valorização das crianças por parte de Jesus permitiu estabelecer uma ponte entre a dimensão ética e a dimensão cristã da disciplina, sublinhando a importância da pureza e da genuinidade como valores a preservar ao longo da vida.

De um ponto de vista global, esta aula caracterizou-se pela articulação de metodologias diversificadas — partilha pessoal, dinâmica simbólica, diálogo e recurso audiovisual —, o que contribuiu para aprendizagens significativas e para a consolidação de valores fundamentais no âmbito da EMRC.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 15.01.2025
Aula: n.º 5/8

SUMÁRIO: Sermos crianças honestas e verdadeiras. A história do “Zaqueu”.							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
“O melhor do mundo são as crianças”: o seu valor e a sua dignidade.	Razões para dizer a verdade: - habituar-me à mentira faz de mim alguém que ninguém pode confiar	<ul style="list-style-type: none"> • Relação entre ser autêntico e valores como: justiça, honestidade, respeito e amor • Importância de as crianças serem honestas, verdadeiras e genuínas 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • Questões acerca de como se veem e como os outros nos veem • Diálogo horizontal e vertical • <i>Powerpoint</i> com a história de “Zaqueu” • Roteiro de questões acerca da história • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada. 	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J) Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Novelo de lã Computador Projetor Papel Caneta	5 min 20 min 20 min 15 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	A história de Zaqueu como ponto de partida para a importância da honestidade e da autenticidade demonstrada pela vivência dos valores do coração.						

Relatório de Reflexão Individual: 5.^a aula

A aula iniciou-se com o momento de acolhimento, seguido da revisão dos conteúdos lecionados na aula anterior, com particular enfoque na reflexão em torno da narrativa “Pedro e o Lobo”. Esta estratégia permitiu reforçar a continuidade da aprendizagem, consolidando os conhecimentos previamente trabalhados e favorecendo a criação de uma ligação lógica entre as diferentes aulas. O Professor Estagiário sublinhou, desde o início, a importância da honestidade e da genuinidade como atitudes fundamentais para a construção da confiança mútua, situando, desde logo, os alunos naquilo que seria o foco principal da aula.

De seguida, foi proposta uma atividade de reflexão individual, estruturada em torno de três questões orientadoras relativas à autoimagem e à percepção que os outros têm de cada aluno. A opção metodológica por um exercício escrito, seguido de uma partilha em grupo, revelou-se pertinente do ponto de vista pedagógico, na medida em que promoveu a introspeção, o autoconhecimento e o desenvolvimento da capacidade de expressão pessoal. O momento de diálogo subsequente, suscitado pela questão “*Como foi olhar para si mesmo e pensar nestas perguntas?*”, contribuiu para criar um espaço de escuta e de valorização das experiências pessoais de cada um dos alunos. A ênfase colocada no “olhar para o coração” constituiu um reforço simbólico e espiritual da importância da autenticidade enquanto dimensão integral da pessoa.

Posteriormente, procedeu-se à leitura da narrativa bíblica de Zaqueu, recorrendo a um *PowerPoint*. O suporte multimédia facilitou a compreensão do texto, tornando-o mais acessível e apelativo para os alunos. As questões colocadas — “*Quem era Zaqueu?*”, “*Por que razão ele queria ver Jesus?*” e “*O que Jesus fez?*” — fomentaram a participação ativa e orientaram a análise dos acontecimentos centrais da narrativa. O diálogo desenvolvido em torno destas perguntas permitiu explorar as atitudes e sentimentos de Zaqueu, favorecendo a identificação dos alunos com a sua experiência de mudança interior.

Seguidamente, o Professor Estagiário questionou a turma sobre o significado da atitude de Jesus e sobre a importância de viver com autenticidade à semelhança d’Ele. Este momento constituiu o eixo central da reflexão, uma vez que possibilitou a articulação entre a mensagem bíblica e o quotidiano dos alunos, promovendo aprendizagens éticas e espirituais integradas.

A aula foi concluída com a síntese de que, tal como Jesus, cada pessoa é chamada a compreender e a acolher o que existe no coração do outro. Evidenciando, assim, a intencionalidade pedagógica da aula, ao destacar a dimensão relacional e espiritual da disciplina, procurando traduzir a mensagem bíblica em atitudes concretas de vida.

Em suma, a aula integrou metodologias diversificadas — reflexão individual, partilha em

grupo, utilização de suportes digitais, leitura bíblica e diálogo. Esta diversidade permitiu responder a diferentes estilos de aprendizagem e contribuiu para consolidar os valores de autenticidade, acolhimento e verdade.

Ano: 3.º e 4.º ano

Data: 22.01.2025

Aula: n.º 6/8

SUMÁRIO: As crianças recebem e dão amor se viverem na verdade e se forem autênticas. Revisão dos conteúdos lecionados.							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
<p>O papel das crianças junto dos pais, dos avós e dos vizinhos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - receber e dar amor; - prestar colaboração; - escutar e fazer companhia. 	<p>Razões para dizer a verdade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a mentira coloca problemas à minha relação com os outros. 	<ul style="list-style-type: none"> • O modo de agir influencia o próximo 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • <i>Powerpoint</i> com conjunto de afirmações • Diálogo horizontal e vertical • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada • Música: “Esta luz pequenina” 	<p>Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, C, I)</p> <p>Criativo (A, C, D, F)</p> <p>Crítico/Analítico (A, B, C, D)</p> <p>Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J)</p> <p>Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)</p>	<p>Quadro Branco</p> <p>Papel</p> <p>Caneta</p>	<p>5 min</p> <p>30 min</p> <p>15 min</p> <p>10 min</p>	<p>Cumprimento das regras de sala de aula</p> <p>Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores</p> <p>Atenção/concentração</p> <p>Motivação/interesse</p>
Síntese de aula	Cada pessoa é chamada a ser uma “luz” que ilumina positivamente o mundo à sua volta.						

Relatório de Reflexão Individual: 6.^a aula

A aula iniciou-se com o acolhimento habitual e com o relembrar dos conteúdos abordados na aula anterior, em particular a narrativa de Zaqueu. Partindo deste enquadramento, o Professor Estagiário questionou os alunos acerca da transformação vivida por Zaqueu, promovendo o diálogo em torno da importância de pensar antes de agir. A reflexão conduziu à ideia de que nem todas as ações são benéficas para si próprio ou para os outros, sublinhando o valor da consciência e da responsabilidade pessoal.

Este momento constituiu o ponto de partida para a introdução do tema central da aula: “*viver como irmãos*”. Através das questões iniciais, os alunos foram incentivados a identificar o significado desta expressão, reconhecendo como dimensões essenciais da mesma a entreatada, a harmonia, o respeito, a sinceridade e a verdade. Esta abordagem revelou-se pertinente, pois permitiu relacionar o valor da verdade, trabalhado em aulas anteriores, com uma vivência ética mais ampla, orientada para a fraternidade.

Com o intuito de avaliar a compreensão da turma relativamente ao valor da verdade, o Professor Estagiário recorreu a uma apresentação em *PowerPoint* que apresentava um conjunto de frases a classificar como verdadeiras ou falsas. Esta estratégia, de carácter interativo, permitiu verificar de forma imediata o nível de assimilação dos conteúdos, ao mesmo tempo que promoveu a participação ativa dos alunos. A utilização do recurso digital mostrou-se adequada para diversificar metodologias e reforçar a motivação da turma.

A aula concluiu-se com a aprendizagem e interpretação da canção “Uma luz pequenina”, realizada de forma entusiasta por toda a turma. Este momento musical funcionou como recurso de síntese e interiorização simbólica, pois permitiu aos alunos refletirem sobre a importância dos pequenos gestos e da vivência da verdade no quotidiano. A letra da canção reforçou a dimensão relacional do conteúdo, sublinhando que a autenticidade e a bondade podem “iluminar” e transformar positivamente o ambiente em que cada um se insere.

Em termos conclusivos, a aula destacou-se pela continuidade pedagógica face à aula anterior, pelo recurso a metodologias diversificadas — diálogo, exploração de conceitos, exercício interativo e expressão musical — e pela intencionalidade didática em articular valores cristãos com atitudes concretas da vida quotidiana.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 29.01.2025
Aula: n.º 7/8

SUMÁRIO: Para sermos felizes temos de contribuir para o bem comum.							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Todas as pessoas têm dignidade, por isso têm direito a viver uma vida feliz e construtiva.	Os seres humanos também são diferentes uns dos outros. As diferenças complementam a natureza e a pessoa e dão beleza à vida.	<ul style="list-style-type: none"> • Importância do cuidado com o próximo e da construção do bem comum 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • Vídeo: “O Leão e o Rato” https://youtu.be/YJyy3VeTXFQ?si=-pTSaZ1C70RXGQfG • Roteiro de questões acerca da história • Diálogo horizontal e vertical • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada • Atividade: “Tornar o mundo mais feliz!” 	Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/organizador (A, B, C, I, J) Participativo/colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Papel Caneta	5 min 30 min 10 min 15 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	Todas as pessoas, independentemente das suas diferenças, têm valor e podem contribuir para o bem comum.						

Relatório de Reflexão Individual: 7.^a aula

A aula iniciou-se com o acolhimento da turma e uma breve revisão dos conteúdos da aula anterior, destacando-se a canção “Esta luz pequenina”, utilizada como conclusão na aula anterior. Este recurso à memória da aula anterior permitiu reforçar a continuidade pedagógica e dar sentido à sequência das aprendizagens. O Professor Estagiário voltou a enfatizar a importância de sermos “luz” na vida dos outros, associando esta metáfora a valores fundamentais como a bondade, a amizade, a compreensão e a fraternidade. Esta introdução visou enquadrar os alunos num horizonte ético relacional, que constitui a base própria disciplina de EMRC.

Seguidamente, foi apresentada a fábula “O Leão e o Rato”. Após a visualização, foi conduzido um diálogo reflexivo, apoiado num guião de questões previamente elaborado, que orientou a análise da narrativa. As perguntas — “*O leão acreditou que o rato o poderia ajudar?*”, “*O que o rato fez para ajudar o leão?*” e “*Como o leão se sentiu depois disso?*” — permitiram aos alunos identificar o valor de cada pessoa, independentemente da sua aparência ou estatuto. A história salientou que, apesar da fragilidade física do rato, foi ele quem libertou o leão da armadilha, revelando que todos possuem capacidades e que ninguém deve ser subestimado. Este recurso narrativo revelou-se didaticamente pertinente, na medida em que promoveu a reflexão sobre a dignidade humana e a importância do reconhecimento mútuo.

O Professor Estagiário reforçou, ainda, a dimensão ética desta aprendizagem, sublinhando a necessidade de cultivar a gratidão e de responder com atitudes de bondade para contribuir para o bem comum. Este conceito, introduzido como novidade, foi inicialmente explorado através de questões aos alunos, cujas respostas permitiram avaliar os seus conhecimentos prévios. Perante algumas indefinições, o Professor Estagiário explicitou que o bem comum corresponde a tudo o que favorece o bem-estar coletivo e que deve ser construído de forma partilhada. Esta clarificação conceptual constituiu um momento relevante de aprendizagem, permitindo aos alunos integrar um valor central da doutrina social da Igreja no quadro da disciplina.

A aula concluiu-se com uma atividade prática de carácter simbólico: cada aluno escreveu, num coração, uma ação concreta que pudesse realizar para promover o bem comum e respeitar as diferenças. Os corações foram colocados em torno de uma imagem de um globo sorridente, simbolizando que o bem comum é um presente construído em conjunto. Esta atividade, de natureza visual e participativa, possibilitou a apropriação pessoal e coletiva do conceito,

permitindo que os alunos associassem o valor estudado a compromissos concretos da sua vida cotidiana.

De forma global, a aula caracterizou-se pela articulação entre narrativa, diálogo reflexivo e atividade simbólica. Esta diversidade metodológica permitiu responder a diferentes estilos de aprendizagem, favorecendo a compreensão e a interiorização do valor do bem comum.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 12.02.2025
Aula: n.º 8/8

SUMÁRIO: Celebrar o Dia dos Afetos e do Amor.							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Identificar sinais que manifestem amor	Identificar sinais que manifestem amor	<ul style="list-style-type: none"> Formas de expressar o amor e a amizade no quotidiano – Dia de São Valentim 	<ul style="list-style-type: none"> Acolhimento Registo do sumário Vídeo: “A lenda de São Valentim” https://youtu.be/rnYoToAoWas?si=2mg6QKZR91jkFuWP Roteiro de questões acerca da história Diálogo horizontal e vertical Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada Atividade: “Coração” 	<p>Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, C, I)</p> <p>Criativo (A, C, D, F)</p> <p>Crítico/Analítico (A, B, C, D)</p> <p>Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J)</p> <p>Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)</p>	<p>Quadro Branco</p> <p>Papel</p> <p>Marcadores</p> <p>Tesoura</p> <p>Caneta</p>	<p>5 min</p> <p>30 min</p> <p>10 min</p> <p>15 min</p>	<p>Cumprimento das regras de sala de aula</p> <p>Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores</p> <p>Atenção/concentração</p> <p>Motivação/interesse</p>
Síntese de aula	O amor e amizade são valores fundamentais na vida cristã.						

Relatório de Reflexão Individual: 8.^a aula

A aula iniciou-se com o acolhimento da turma e a revisão dos conteúdos trabalhados na aula anterior, nomeadamente a atividade do “coração”. O Professor Estagiário procurou dar continuidade à reflexão prévia, questionando os alunos acerca do que os faz sentir felizes e sobre as pessoas mais importantes das suas vidas. Este momento inicial permitiu suscitar uma reflexão espontânea em torno dos sentimentos de amor e amizade, destacando a sua relevância para a construção do bem comum.

A partir desta introdução, foi apresentado o tema da aula: o Dia de São Valentim. Através de questões de diagnóstico — “*Já ouviram falar do Dia de São Valentim?*”; “*O que acham que se celebra nesse dia?*” —, foi possível avaliar os conhecimentos prévios dos alunos e despertar o seu interesse pelo tema. Para aprofundar a compreensão da sua origem, o professor recorreu à apresentação da Lenda de São Valentim. O recurso narrativo mostrou-se pertinente, na medida em que oferece um enquadramento histórico e simbólico que sustenta as aprendizagens subsequentes.

Após a visualização, foi dinamizada uma atividade de verdadeiro/falso, com o objetivo de avaliar a compreensão dos alunos e de clarificar eventuais equívocos:

- ✓ São Valentim foi um rei.
- ✓ Ele ajudava os cristãos e acreditava no amor.
- ✓ O dia de São Valentim é apenas celebrado pelos namorados.

Esta atividade revela-se importante para verificar a aquisição de conhecimentos e, simultaneamente, para reforçar a mensagem de que o Dia de São Valentim não deve ser entendido apenas como celebração do amor romântico, mas também como ocasião para valorizar todas as formas de afeto, incluindo a amizade e o cuidado mútuo.

O Professor Estagiário orientou o diálogo em torno das questões: “*O que aprendemos com São Valentim?*” e “*Porque é que ele arriscou a sua vida para ajudar os outros?*”. Estas interrogações conduziram à interiorização de que o amor e a amizade constituem valores centrais da vivência cristã, expressos através de gestos concretos de entrega e solidariedade.

No término da aula foi realizada uma atividade prática: cada aluno foi convidado a recortar um coração e a escrever nele uma mensagem dirigida a alguém de quem gosta. Esta dinâmica, de carácter expressivo e relacional, permitiu valorizar os afetos e reforçar a importância das relações interpessoais, transformando o conteúdo da aula num compromisso pessoal.

De forma global, a sessão articulou momentos de diálogo, narrativa, verificação de conhecimentos e atividade simbólica, possibilitando, assim, aprendizagens significativas. A diversidade metodológica contribuiu para a participação ativa dos alunos e para a consolidação de valores éticos e cristãos.

Em resumo, esta aula procurou evidenciar a relevância de explorar tradições culturais e religiosas, como o Dia de São Valentim, enquanto oportunidades pedagógicas para promover os valores da amizade, do amor e da solidariedade.

4.4 Designação da unidade letiva II: “Caminho de Amor e Coragem”

Esta unidade letiva procura dar continuidade à unidade letiva anteriormente desenvolvida tendo como objetivo que os alunos reflitam acerca de valores como a fé, o amor, a solidariedade, a coragem, ... apresentando-os como valores norteadores do caminho da vida de cada um deles. Procura-se que os alunos reflitam e tracem um percurso ou caminho que deve iniciar no seu coração, de modo a se projetar no mundo que os rodeia. Neste sentido, foi atribuído à unidade letiva a designação de “Caminho de Amor e Coragem”. A palavra “Caminho” alerta para a imagem de percurso ou trajeto que os alunos têm à sua frente para percorrer não só a nível pessoal, como também a nível do processo de aprendizagem e de crescimento. Dia após dia, ano após ano, os alunos vão construindo de forma progressiva a visão que têm quer do mundo, quer de si. A palavra “Caminho” patenteia a ideia de que o “caminho” não deve ser feito de forma solitária, nem egoísta. Pelo contrário, devemos viver diariamente de forma conjunta e solidária para com o próximo (colegas, família, ...). Representa, também, que ao percorrermos o “caminho” da vida teremos de superar várias dificuldades ou problemas pelo que devemos ser perseverantes. Este “caminho” tem de ser vivido com amor e coragem. “Caminho de amor” é o mesmo que dizer que a nossa vida é um caminho de relação: connosco; com os outros; e ainda, com Deus.

Digamos que o Amor é temática central das várias abordagens que serão alvo de análise nesta unidade letiva. Isto porque o Amor exterioriza-se na empatia e gratidão; na valorização do outro; e, nas atitudes de acolhimento e abertura ao próximo. É também expressão do perdão e do espírito solidário. Aliado ao perdão e ao espírito solidário, surge outra forma de expressão do amor: a coragem. Procuramos que os alunos compreendam e reflitam que o “ser corajoso” é fundamental no seu crescimento. Ao abordarmos o tema “superar dificuldades juntos” e “acreditar que conseguimos vencer” procuramos incentivar os alunos a acreditarem em si, nas suas capacidades, por forma a enfrentar e ultrapassar os obstáculos. Confiando, claro, no apoio dos outros e de Deus.

Por outras palavras, procuramos que os alunos reflitam que “ser corajoso” é muito mais do que ter força física. “Ser corajoso” é ir ao encontro do próximo; é saber pedir ajuda; é agradecer e reconhecer tudo aquilo que nos é dado; é saber perdoar.

4.4 Planificação e planos de aula da unidade II: “Caminho de Amor e Coragem”

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 18.02.2025
Aula: n.º 9/14

SUMÁRIO: Superar dificuldades juntos.							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Participar em ações concretas de solidariedade.	Identificar as dificuldades que surgem nas relações humanas	<ul style="list-style-type: none"> Definição de solidariedade Dificuldades nas relações interpessoais Importância da solidariedade para a superação de dificuldades e fortalecimento de laços 	<ul style="list-style-type: none"> Acolhimento Registo do sumário Visualização de imagens Leitura da História Diálogo horizontal e vertical Atividade: “Quando e como fui solidário?” Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada 	<p>Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, C, I)</p> <p>Criativo (A, C, D, F)</p> <p>Crítico/Analítico (A, B, C, D)</p> <p>Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J)</p> <p>Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)</p>	<p>Quadro Branco</p> <p>Papel</p> <p>Marcadores</p> <p>Projetor</p> <p>Computador</p> <p>Caneta</p>	<p>5 min</p> <p>25 min</p> <p>20 min</p> <p>10 min</p>	<p>Cumprimento das regras de sala de aula</p> <p>Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores</p> <p>Atenção/concentração</p> <p>Motivação/interesse</p>
Síntese de aula	A solidariedade traduz-se em gestos simples, mas significativos para a construção de um mundo mais justo e fraterno.						

Relatório de Reflexão Individual: 9.^a aula

A aula iniciou-se com o momento de acolhimento e a revisão dos conteúdos abordados na aula anterior. O Professor Estagiário procurou estabelecer uma ligação com o trabalho previamente realizado, retomando a atividade do “coração” dirigido a alguém especial. Este ponto de partida permitiu introduzir as temáticas da amizade, do amor e da solidariedade, sublinhando a sua relevância na vida quotidiana e nas relações interpessoais.

De seguida, foi proposta uma atividade de observação e interpretação de imagens. Os alunos foram convidados a descrever as situações representadas e, a partir das suas partilhas, o Professor Estagiário orientou o diálogo com questões como: “*O que significa ser solidário?*” e “*Que dificuldades encontramos quando nos relacionamos com os outros?*” Esta dinâmica promoveu a reflexão crítica e permitiu aos alunos identificar desafios e oportunidades ligados à vivência da solidariedade.

Após a recolha das respostas, foi enfatizado que a solidariedade se concretiza em gestos simples e quotidianos, como ajudar um colega que caiu, partilhar o lanche, colaborar em atividades escolares, doar alimentos, apoiar idosos ou cuidar de espaços comuns. Esta contextualização contribuiu para aproximar o conceito da experiência concreta dos alunos, reforçando a ideia de que a solidariedade é uma prática acessível e transformadora.

Para dar continuidade à reflexão, foi apresentada uma história alusiva à temática. Através da leitura e subsequente diálogo, orientado pelas questões “*Como esta história demonstra a solidariedade?*” e “*Quais foram as dificuldades enfrentadas pelas personagens?*”, foi possível explorar, em profundidade, a dimensão ética e relacional da solidariedade. A narrativa revelou-se um recurso pedagógico adequado, permitindo aos alunos compreender, de forma simbólica e experiencial, os obstáculos e potencialidades da solidariedade.

Na fase de síntese, o Professor Estagiário sublinhou que a solidariedade deve estar presente em múltiplos contextos da vida, constituindo uma responsabilidade partilhada por todos. Enfatizou-se que cada indivíduo desempenha um papel ativo na ajuda ao próximo, sendo este um princípio essencial para a construção de uma comunidade justa e fraterna.

A atividade final consistiu na escrita de situações reais em que os alunos já tinham vivido experiências de solidariedade. Posteriormente, cada um partilhou a sua experiência com a turma, criando um espaço de valorização de atitudes positivas e de aprendizagem colaborativa. Esta dinâmica promoveu não apenas a expressão pessoal, mas também o reconhecimento mútuo de comportamentos solidários, reforçando a dimensão comunitária da disciplina.

Em suma, a aula destacou-se pela diversidade metodológica — diálogo, interpretação de

imagens, narrativa e partilha de experiências — que favoreceu a interiorização do valor da solidariedade e a ligação entre teoria e prática. Esta experiência pedagógica evidenciou a importância de trabalhar a solidariedade como valor cristão e universal, articulando reflexão, narrativa e prática concreta.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 25.02.2025
Aula: n.º 10/14

SUMÁRIO: O Perdão e a Procura de Deus.							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Identificar formas de procura de Deus pelo Homem	Relacionar o perdão com o sentimento de paz a nós próprios e aos outros	<ul style="list-style-type: none"> Definição de perdão O valor do perdão e o recomeço Importância de reconhecer os erros e de saber pedir desculpa 	<ul style="list-style-type: none"> Acolhimento Registo do sumário Leitura da Parábola “O Filho Pródigo” Diálogo horizontal e vertical Visualização de imagens Diálogo horizontal e vertical Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada 	<ul style="list-style-type: none"> Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/organizador (A, B, C, I, J) Participativo/colaborador (B, C, D, E, F) 	<ul style="list-style-type: none"> Quadro Branco Papel Mochila Livros Projektor Computador Caneta 	<ul style="list-style-type: none"> 5 min 25 min 20 min 10 min 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	O perdão como forma de liberdade interior.						

Relatório de Reflexão Individual: 10.^a aula

A aula iniciou-se com o acolhimento e a revisão dos conteúdos trabalhados na aula anterior, tendo o Professor Estagiário recordado a importância da solidariedade. Este momento inicial permitiu reforçar a continuidade pedagógica e retomar aprendizagens prévias como ponto de partida para a nova temática da aula.

Posteriormente, foi introduzido o tema do perdão, através de uma abordagem prática e simbólica centrada na utilização de uma mochila. Inicialmente, os alunos foram questionados acerca do peso da mochila vazia e convidados a transportá-la, concluindo que era fácil carregá-la. De forma gradual, o professor foi acrescentando livros à mochila, sempre que os alunos identificavam situações em que se tinham magoado ou testemunhado alguém a ser magoado, representando simbolicamente o peso emocional acumulado quando não se perdoa. Ao final da experiência, a questão “*É agora fácil carregar a mochila?*” orientou os alunos para a compreensão de que a ausência de perdão se traduz num fardo interior.

Em continuidade, os alunos foram convidados a indicar formas concretas de pedir ou oferecer perdão, como pedir desculpa, aceitar um pedido de desculpas ou rezar por alguém. À medida que partilhavam, o Professor Estagiário retirava progressivamente os livros da mochila, ilustrando simbolicamente o alívio e a leveza interior proporcionados pelo perdão. Esta dinâmica revelou-se didaticamente eficaz, ao conjugar experiência prática e simbolismo, potenciando a interiorização do valor em estudo.

A reflexão foi aprofundada com a apresentação da parábola do Filho Pródigo, adaptada ao nível dos alunos. A leitura da narrativa foi acompanhada de questões orientadoras — “*Como se sentiu o filho ao regressar a casa?*”, “*Como reagiu o pai?*” e “*O que aprendemos com esta história?*” — que favoreceram a compreensão da parábola como expressão do amor incondicional, do acolhimento e da reconciliação. Este recurso bíblico, em articulação com a dinâmica inicial, permitiu consolidar o valor do perdão, mostrando-o como dimensão essencial da experiência cristã e das relações humanas.

Na fase conclusiva da aula, foram apresentadas imagens ilustrativas de diferentes formas de procurar Deus — no silêncio, na oração, na natureza, na solidariedade e na comunidade (Igreja). Este momento final estabeleceu uma síntese pedagógica, associando o perdão à busca de Deus e à experiência de paz interior. O Professor Estagiário destacou que, tal como o ato de perdoar alivia e pacifica o coração, também a procura sincera de Deus conduz a uma vivência mais plena e harmoniosa.

De forma global, a aula destacou-se pela diversidade metodológica — dinâmica simbólica, diálogo reflexivo, narrativa bíblica e recurso a imagens — que permitiu trabalhar o valor do perdão. A utilização da mochila como recurso simbólico constituiu uma estratégia particularmente eficaz, ao traduzir uma realidade abstrata em experiência concreta, acessível à faixa etária dos alunos.

Ano: 3.º e 4.º ano

Data: 12.03.2025

Aula: n.º 11/14

SUMÁRIO: O poder da empatia e gratidão							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum.	<ul style="list-style-type: none"> Definição de empatia e gratidão Importância de se colocar no lugar do outro Importância de desenvolver atitudes de gratidão 	<ul style="list-style-type: none"> Acolhimento Registo do sumário Vídeo: “O poder da empatia e gratidão” https://youtu.be/h6dQEtwCQ?si=tfyyWj9F4HLYKK6J Diálogo horizontal e vertical Atividade: “Mural da Gratidão” Diálogo horizontal e vertical Atividade: “Sapatos do Outro” Diálogo horizontal e vertical Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada 	Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/organizador (A, B, C, I, J) Participativo/colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Papel <i>Post it</i> Cartolina Projetor Computador Caneta	5 min 15 min 30 min 10 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	A empatia e a gratidão fortalecem as relações interpessoais.						

Relatório de Reflexão Individual: 11.ª aula

A aula iniciou-se com o acolhimento e a redação do sumário, seguindo-se a revisão dos conteúdos trabalhados na aula anterior. O Professor Estagiário retomou a temática do perdão, sublinhando que este gera paz interior, mas acrescentou que existem outras atitudes igualmente promotoras desse sentimento, como a empatia e a gratidão. Esta introdução constituiu um momento relevante de articulação entre aprendizagens anteriores e novos conteúdos, assegurando a continuidade pedagógica da unidade.

Seguidamente, os alunos foram questionados sobre o significado dos conceitos de empatia e gratidão. Após a partilha espontânea de respostas, o Professor Estagiário procedeu à clarificação conceptual, explicando que a empatia consiste em “*colocar-se no lugar do outro e sentir o que o outro sente*”, enquanto a gratidão corresponde a “*reconhecer as coisas boas que temos e que os outros fazem por nós*”. Este momento favoreceu a construção de aprendizagens significativas, pois partiu do conhecimento prévio dos alunos, alargando-o e consolidando-o com rigor nos termos: empatia e gratidão.

Com o intuito de ilustrar estes valores, foi apresentado um vídeo demonstrativo sobre o poder da empatia e da gratidão. A exploração do recurso audiovisual, seguida de questões orientadoras — “*Como as personagens mostraram empatia?*” e “*Como a gratidão mudou a situação?*” — possibilitou aos alunos analisar comportamentos concretos e refletir sobre as consequências positivas destes valores nas relações humanas. Esta estratégia mostrou-se eficaz ao combinar estímulo visual com diálogo e reflexão, promovendo uma aprendizagem significativa.

Posteriormente, os alunos participaram na construção de um Mural da Gratidão: cada um recebeu um *post-it* em forma de coração, onde escreveu uma situação em que tivesse manifestado gratidão. Os corações foram afixados numa cartolina, resultando numa representação visual e coletiva das práticas positivas partilhadas pela turma. Esta atividade constituiu um recurso simbólico de elevada pertinência pedagógica, pois materializou a experiência da gratidão e valorizou a dimensão comunitária da disciplina.

De seguida, foi distribuída aos alunos uma ficha representando um sapato, com a proposta de desenhar alguém que tivessem ajudado ou que os tivesse ajudado, complementando com um breve texto sobre a experiência e os sentimentos envolvidos. Apesar do entusiasmo demonstrado, a atividade não foi concluída integralmente, dado que os alunos dedicaram mais tempo à parte gráfica, não conseguindo desenvolver o registo escrito. Esta situação evidenciou a necessidade de ajustar a gestão do tempo e de equilibrar os momentos de expressão artística com os de reflexão verbal ou escrita.

O Professor Estagiário tinha previsto concluir a sessão com duas questões de síntese — “*O que aprenderam hoje sobre a empatia e a gratidão?*” e “*Como podemos demonstrar a empatia e a gratidão no nosso dia a dia?*”. Contudo, face à extensão do tempo dedicado às atividades práticas, optou por adiar estas questões para a aula seguinte, garantindo assim a oportunidade de retomar e consolidar os conteúdos de forma adequada.

De um ponto de vista global, a aula destacou-se pela diversidade metodológica — diálogo inicial, clarificação de conceitos, recurso audiovisual, atividades simbólicas e expressivas — que favoreceu a participação ativa e a interiorização dos valores da empatia e da gratidão. O principal desafio situou-se na gestão do tempo, evidenciando a necessidade de planificação flexível e ajustada ao ritmo da turma.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 19.03.2025
Aula: n.º 12/14

SUMÁRIO: Dia do Pai							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Identificar sinais que manifestem amor.	O papel das crianças junto dos pais, dos avós e dos vizinhos: - receber e dar amor.	<ul style="list-style-type: none"> • Relação da figura do pai com valores como o amor, a proteção e o cuidado • Expressar gratidão pelos pais e figuras paternas 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • Diálogo horizontal e vertical • Visualização do vídeo “O meu pai é o maior” https://youtu.be/mxv9zZGCTh4?si=WZoAs0QEU99Qs7vn • Guião de questões • Diálogo horizontal e vertical • Atividade: “O Meu Pai é especial” • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada 	<p>Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, C, I)</p> <p>Criativo (A, C, D, F)</p> <p>Crítico/Analítico (A, B, C, D)</p> <p>Sistematizador/organizador (A, B, C, I, J)</p> <p>Participativo/colaborador (B, C, D, E, F)</p>	<p>Quadro Branco</p> <p>Papel</p> <p>Marcadores</p> <p>Projetor</p> <p>Computador</p> <p>Caneta</p>	<p>5 min</p> <p>5 min</p> <p>20 min</p> <p>25 min</p> <p>5 min</p>	<p>Cumprimento das regras de sala de aula</p> <p>Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores</p> <p>Atenção/concentração</p> <p>Motivação/interesse</p>
Síntese de aula	A figura paterna como símbolo de gratidão e de amor.						

Relatório de Reflexão Individual: 12.^a aula

A aula iniciou-se com o acolhimento e a redação do sumário, seguindo-se a revisão dos conteúdos abordados na aula anterior. O Professor Estagiário aproveitou este momento para retomar as duas questões de reflexão que, por falta de tempo, não tinham sido exploradas na aula anterior, assegurando a continuidade e a consolidação das aprendizagens.

A partir desta contextualização, o Professor Estagiário reforçou a importância da gratidão, lançando à turma a questão: “*São gratos porquê?*” O diálogo desenvolvido permitiu que os alunos identificassem pessoas e situações pelas quais se sentem agradecidos, destacando-se, de forma recorrente, a família e os amigos como fontes de amor, de cuidado e de apoio. Esta estratégia revelou-se significativa, pois possibilitou a expressão de experiências pessoais e contribuiu para a valorização de laços afetivos como fundamento da vivência cristã.

Em seguida, foi proposta a questão: “*Quem é a pessoa mais importante para a vossa vida? O que é que essa pessoa faz por ti?*” O Professor Estagiário conduziu o diálogo de forma a salientar a figura do pai, ou de outras referências paternas relevantes, sublinhando a importância da presença, da dedicação e do afeto que estas figuras representam. Este momento pedagógico assumiu particular relevância, pois reforçou o reconhecimento e a valorização de vínculos familiares, promovendo a empatia e o respeito no seio das relações mais próximas.

Para aprofundar a reflexão, foi apresentado o vídeo “O meu Pai é o maior!”, ao qual os alunos assistiram com interesse. Após a visualização, foram convidados a responder por escrito às questões: “*O que faz um pai ser especial?*” e “*Como podemos mostrar o amor e a gratidão ao nosso pai ou a alguém que cuida de nós?*” Esta atividade permitiu associar o conteúdo audiovisual a uma produção individual de carácter reflexivo, favorecendo o desenvolvimento de competências de escrita, de introspeção e de expressão de sentimentos. A partilha posterior das respostas com a turma constituiu um momento de valorização das relações familiares e de aprendizagem colaborativa, ao promover a escuta mútua e o reconhecimento da diversidade de experiências.

Na fase conclusiva da aula, cada aluno recebeu uma folha com o objetivo de elaborar um cartão personalizado dirigido ao pai ou a uma figura paterna de referência. Esta atividade, de natureza criativa e expressiva, possibilitou a articulação entre a reflexão vivida em aula e uma manifestação concreta de afeto e gratidão. Para além do seu valor pedagógico, o exercício reforçou a dimensão relacional da disciplina de EMRC, ao incentivar os alunos a traduzirem em gestos reais os valores abordados.

De forma global, a aula destacou-se pela articulação equilibrada entre diálogo, recurso audiovisual, produção escrita e atividade criativa, permitindo aos alunos compreender e vivenciar de forma significativa os valores da gratidão e do amor.

Em suma, esta aula traduziu-se numa experiência didática que procurou evidenciar a importância de trabalhar a gratidão no contexto das relações familiares, valorizando figuras de referência como o pai, mas estendendo esta reflexão a todos os que desempenham papéis de cuidado e afeto.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 26.03.2025
Aula: n.º 13/14

SUMÁRIO: Acreditar que conseguimos vencer							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Assumir o valor da ação das crianças no relacionamento com os outros e com o mundo.	Assumir que devemos sempre agir com verdade para o bem comum.	<ul style="list-style-type: none"> Definição de autoconfiança e resiliência Importância da persistência perante os desafios Importância de ter pensamento positivo 	<ul style="list-style-type: none"> Acolhimento Registo do sumário Dinâmica: “O nó” Diálogo horizontal e vertical Vídeo: “As cinco ervilhas” https://youtu.be/DE5sSXU717s?si=JErEexA514QOyU5K Diálogo horizontal e vertical Atividade: “O muro de conquistas” Diálogo horizontal e vertical Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada 	<p>Conhecedor/sabedor/ culto/informado (A, B, C, I)</p> <p>Criativo (A, C, D, F)</p> <p>Crítico/Analítico (A, B, C, D)</p> <p>Sistematizador/organizador (A, B, C, I, J)</p> <p>Participativo/colaborador (B, C, D, E, F)</p>	<p>Quadro Branco</p> <p>Fio</p> <p>Papel</p> <p>Marcadores</p> <p>Projetor</p> <p>Computador</p> <p>Caneta</p>	<p>5 min</p> <p>5 min</p> <p>20 min</p> <p>25 min</p> <p>5 min</p>	<p>Cumprimento das regras de sala de aula</p> <p>Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores</p> <p>Atenção/concentração</p> <p>Motivação/interesse</p>
Síntese de aula	A persistência e autoconfiança como valorização da superação pessoal.						

Relatório de Reflexão Individual: 13.^a aula

A aula iniciou-se com o acolhimento da turma, a redação do sumário e a revisão dos conteúdos abordados na aula anterior, assegurando a continuidade do processo de aprendizagem.

Como dinâmica inicial, o Professor Estagiário distribuiu um fio a cada aluno, lançando o desafio de dar um nó mantendo o fio nas mãos. A tarefa revelou-se, à partida, impossível, provocando surpresa e frustração entre os alunos. Contudo, ao demonstrar que, cruzando os braços antes de segurar o fio, o nó poderia ser realizado com sucesso, o Professor Estagiário transmitiu a mensagem de que muitas dificuldades apenas podem ser superadas com pensamento positivo, criatividade e persistência. Esta atividade simbólica constituiu uma estratégia didática eficaz para introduzir a temática da resiliência, traduzindo em experiência prática uma ideia abstrata.

Posteriormente, foi apresentado o vídeo “As cinco ervilhas”, cuja narrativa explora a esperança e a superação em contextos de adversidade. No final da visualização, foram colocadas as seguintes questões: “*As ervilhas tiveram medo depois de saírem da vagem?*”; “*O que ajudou a menina a ficar boa?*”; “*Já tiveste um momento em que achaste que não ias conseguir algo, mas conseguiste? Que momento foi esse?*”; e “*O que significa nunca desistir?*”. Estas perguntas promoveram um momento de diálogo e reflexão, durante o qual os alunos partilharam experiências pessoais de superação. Este espaço de partilha revelou-se de grande valor pedagógico, pois favoreceu a empatia, a identificação com experiências vividas pelos colegas e a compreensão da importância da perseverança face aos desafios da vida.

No término da aula, foi desenvolvida a atividade “O Muro das Conquistas”. Cada aluno recebeu uma folha onde registou um desafio que já tivesse superado. Este exercício possibilitou a tomada de consciência das próprias capacidades, reforçando a autoestima e a valorização da trajetória pessoal de cada um. O momento culminou com uma partilha espontânea das conquistas, realizada num ambiente de respeito, empatia e reconhecimento mútuo.

De forma global, a aula destacou-se pela articulação de metodologias diversificadas — dinâmica prática, recurso audiovisual, diálogo/reflexão e atividade escrita — que possibilitaram aprendizagens significativas. A utilização de recursos simbólicos (o nó no fio), narrativos (As cinco ervilhas) e expressivos (O Muro das Conquistas) demonstrou-se particularmente importante para a interiorização do valor da resiliência. Em síntese, esta experiência pedagógica evidenciou a importância de trabalhar a resiliência como valor fundamental no crescimento pessoal dos alunos.

Ano: 3.º e 4.º ano
Data: 02.04.2025
Aula: n.º 14/14

SUMÁRIO: O sentido da Páscoa							
Aprendizagens Essenciais		Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
3.º ano	4.º ano						
Identificar a Páscoa como a festa da vida.	A Páscoa é símbolo da vida	<ul style="list-style-type: none"> • Importância de celebrar a Páscoa • Os símbolos e as tradições da Páscoa 	<ul style="list-style-type: none"> • Acolhimento • Registo do sumário • <i>Powerpoint</i> com imagens • Diálogo horizontal e vertical • Vídeo: “A verdadeira história da Páscoa” https://youtu.be/_INxRvQdoMk?si=4ITx-dXx_iNpnu8P • Diálogo horizontal e vertical • Atividade “Cruz com os momentos da Semana Santa” • Breve síntese/consolidação sobre a matéria lecionada 	Conhecedor/ sabedor/ culto/ informado (A, B, C, I) Criativo (A, C, D, F) Crítico/Analítico (A, B, C, D) Sistematizador/ organizador (A, B, C, I, J) Participativo/ colaborador (B, C, D, E, F)	Quadro Branco Papel Marcadores Projetor Computador Caneta	5 min 5 min 25 min 20 min 5 min	Cumprimento das regras de sala de aula Grelhas observação direta: assiduidade, pontualidade, empenho, participação, atitudes e valores Atenção/concentração Motivação/interesse
Síntese de aula	As tradições da Páscoa vividas no seio familiar como símbolo da vivência cristã.						

Relatório de Reflexão Individual: 14.^a aula

A aula iniciou-se com o acolhimento dos alunos, a redação do sumário e a revisão dos conteúdos abordados na aula anterior. Este momento inicial permitiu consolidar aprendizagens prévias e assegurar a continuidade pedagógica entre as sessões.

Seguidamente, o Professor Estagiário introduziu o tema da aula, destacando a proximidade de uma celebração central para os cristãos: a Páscoa. Com o intuito de despertar a curiosidade e ativar conhecimentos prévios, foi lançada a questão: “*Que símbolos vos fazem lembrar a Páscoa?*” Esta questão incentivou a participação ativa dos alunos e funcionou como diagnóstico inicial sobre aquilo que são as representações da Páscoa para cada um deles.

A partir das respostas obtidas, foi apresentada uma projeção em *PowerPoint* com imagens ilustrativas de símbolos pascais — como a cruz, o cordeiro, o pão e o vinho — acompanhada de explicações sobre o respetivo significado no contexto da tradição cristã. Este recurso multimédia permitiu articular o conhecimento prévio dos alunos com uma compreensão mais aprofundada dos elementos que estruturam a celebração da Páscoa.

Posteriormente, foi exibido um vídeo breve sobre a história da Páscoa, seguido de um diálogo orientado através das questões: “*Porque celebramos a Festa da Páscoa?*” e “*Qual a grande mensagem que Jesus pediu para fazermos?*” Este momento de interação promoveu a reflexão sobre o sentido da ressurreição de Cristo e sobre a mensagem cristã do amor e da fraternidade. A estratégia das questões revelou-se pedagógica, ao guiar os alunos na compreensão de que a Páscoa representa a vitória da vida sobre a morte e constitui o fundamento da fé cristã.

O Professor Estagiário prosseguiu explicando que a semana da Páscoa é designada Semana Santa, apresentando a sua estrutura e importância no calendário litúrgico. Como atividade final, cada aluno recebeu uma folha com os diversos momentos da Semana Santa, que foi colorida individualmente e, posteriormente, organizada de forma a compor uma cruz. Esta atividade simbólica possibilitou a apropriação visual e experiencial do conteúdo, promovendo a compreensão sequencial dos acontecimentos e reforçando o significado da cruz como símbolo central da fé cristã.

Em termos globais, a aula destacou-se pela utilização de metodologias diversificadas — diálogo inicial, recurso multimédia, exploração de símbolos e atividade prática — que favoreceram a motivação e a aprendizagem significativa. Em suma, esta aula revelou-se uma oportunidade para os alunos compreenderem o significado da Páscoa a partir de símbolos, narrativas e práticas concretas.

4.5 Desafio curricular: unidades letivas propostas e aulas desenvolvidas

A preparação da Unidade Letiva I, intitulada “Educar para a Verdade e Autenticidade: valores na infância”, teve como ponto de partida a compreensão de que a aprendizagem constitui um processo ativo e construtivo. Assim, os alunos não podem ser entendidos como “páginas em branco”, nem assumir um papel meramente passivo no seu percurso formativo. Pelo contrário, ao longo das diferentes unidades letivas de EMRC, os discentes vão construindo o seu conhecimento a partir das suas próprias experiências e das interações que estabelecem com o mundo que os envolve. Importa reforçar a ideia de que esta unidade letiva versa sobre valores e princípios que são fundamentais na vida das crianças, e, claro está, futuramente na sua vida enquanto adultos. Um outro princípio norteador na preparação desta unidade letiva, bem como da lecionação das respetivas aulas, prende-se com a motivação. Procurei abraçar o desafio de elaborar um currículo próprio para este grupo-turma com motivação, como também em todas as aulas procurei motivar os alunos para os conteúdos abordados. Considero que a motivação é um elemento essencial para a aprendizagem. Assim, se os alunos se sentirem motivados terão mais interesse em se esforçar nas diferentes tarefas, bem como “passar a palavra” aos colegas para se inscreverem nesta disciplina. Para isso, como professor tenho de criar um ambiente de aprendizagem que desperte o interesse e a curiosidade dos alunos a fim de os levar à descoberta. Ora exemplo disto, foram as atividades desenvolvidas ou as dinâmicas das aulas lecionadas que tinham como objetivo despertar o interesse dos alunos para os conteúdos que iam ser abordados, bem como procurar que cada um dos alunos fizesse parte deste processo de ensino-aprendizagem.

Um outro aspeto que importa referir relativamente à lecionação das aulas prende-se com o fomento da interação com os alunos a fim de promover o debate, a discussão, a partilha de ideias e do próprio relacionamento entre eles. Em todas as aulas procurei criar ambiente para o diálogo e partilha a fim de observar, de constatar, de acompanhar o processo de ensino-aprendizagem.

Considero que em todas as aulas desta unidade letiva criei ambiente/contexto para que a aprendizagem tivesse ocorrido, na medida em que considero que este fator tem influência no sucesso da aprendizagem.

Considero, igualmente, que a aprendizagem se concretiza através de um processo contínuo, o que implica, da parte do professor, a responsabilidade de proporcionar aos alunos instrumentos que lhes permitam prosseguir o seu desenvolvimento. Neste sentido, entendo que, ao longo desta unidade letiva, procurei assumir sobretudo o papel de mediador ou facilitador da aprendizagem, dado que, na maioria das aulas, os alunos desempenharam um papel ativo. Importa ainda salientar que a diversidade de atividades e de recursos pedagógicos mobilizados constituiu um contributo relevante

para a promoção de uma aprendizagem efetivamente significativa.

Em suma, e face ao exposto considero que os alunos compreenderam que agir sempre com verdade é fundamental para o seu crescimento moral e emocional. Além do referido, os alunos entenderam que se a sua conduta for sempre pautada pela verdade será possível evitar mal-entendidos e conflitos. Pelo contrário, os laços de amizade com os outros serão fortalecidos. Os alunos também apreenderam que na perspetiva da mundividência cristã Jesus valorizava muito as crianças, pois cada uma delas é o reflexo da inocência, da verdade, da autenticidade, pelo que devem ser orientadas para o bem. Considero que a “mensagem principal” desta unidade letiva se resume à importância de ensinar e praticar a verdade e autenticidade, pois desta forma auxiliamos os alunos (as crianças) a crescerem como indivíduos íntegros para contribuir positivamente para o mundo.

Por seu turno, a unidade letiva “Caminho de Amor e Coragem” teve como objetivo promover um percurso pedagógico com um determinado fio condutor. Como vimos na unidade letiva anterior, muitas das vezes, os alunos são confrontados com situações de agressividade ou desvalorização pessoal e, até mesmo, de desrespeito dos seus próprios direitos. Assim, esta unidade letiva procura auxiliar a formação do coração e carácter dos alunos e, ainda, convida a refletir sobre si e a melhorar as suas relações com os outros.

Por um lado, procura-se com esta unidade letiva que os alunos identifiquem e reflitam sobre situações em que magoaram ou foram magoados a fim de que compreendam que o perdão liberta e traz paz ao coração dos seres humanos. Por outro lado, procura-se que descubram e reflitam sobre a importância de se colocar no lugar do outro e de reconhecer o bem que dia após dia recebemos. E, ainda, procura-se que os alunos ao refletirem sobre a coragem se sintam encorajados a enfrentar os seus medos e a confiarem nas suas capacidades e no apoio dos outros para ultrapassar as dificuldades e problemas.

Esta unidade culminou com a temática da Páscoa a fim de demonstrar aos alunos que a Páscoa, na ótica cristã, é símbolo de renovação e de vitória do Amor sobre a morte a fim de ser uma forma de consolidar os conhecimentos acerca dos valores. Jesus Cristo é apresentado como exemplo de amor e de coragem, capaz de perdoar, acolher, confiar e entregar-se pelos outros. Sendo também uma forma de convidar os alunos a seguirem esse exemplo nas realidades concretas das suas vidas.

Em termos gerais procura-se com esta unidade letiva que os alunos compreendam não só que não estão sozinhos, que fazem parte de uma turma, de uma família, de uma sociedade, ..., mas também que os valores não são apenas conceitos teóricos, são traduzidos em ações concretas na realidade do dia a dia de cada um. Quer isto dizer, que esta unidade letiva foi construída não só para que os alunos reflitam sobre valores como o perdão, a empatia, a

gratidão, o amor ao próximo, a solidariedade, ... como também convida os alunos à vivência desses valores nas suas próprias vidas através do serviço aos outros.

Tal como referido na unidade letiva anterior, procurámos criar um ambiente de aprendizagem que conduza os alunos não só a reflexão, mas à aceitação de uma proposta de vida alicerçada em valores fundamentais. Daí que, na maioria das aulas se procurou desenvolver dinâmicas e atividades que não só despertasse o interesse dos alunos, como também contribuísse para o seu crescimento.

De referir que na lecionação das aulas procurou-se fomentar a interação entre os alunos através do debate, da discussão e da partilha de ideias. Tal como já referido na unidade letiva anterior, procurou-se acompanhar e auxiliar os alunos no seu processo de ensino-aprendizagem.

Em síntese, esta unidade letiva procurou, em certa medida, responder às necessidades específicas dos alunos desta faixa etária, proporcionando-lhes não apenas conhecimentos de natureza teórica, mas também experiências formativas com potencial para os acompanhar ao longo da vida. Em outras palavras, constituiu-se como uma preparação para o futuro, favorecendo o seu crescimento integral. Propondo-lhes um caminho pautado pelo amor e pela coragem, ajudando-os assim a crescer como pessoas conscientes, empáticas, agradecidas e prontas a construir uma sociedade e um mundo melhor. Procurámos, de certa forma, com esta unidade letiva reforçar as palavras do Papa Francisco: “educar é um ato de amor, é dar a vida”.

Já no que respeita a cada uma das aulas ministradas, como foi possível constatar ao longo da reflexão de cada aula anteriormente, os desafios pedagógicos e didáticos foram diversos. Ao longo das várias aulas, foi possível verificar que lecionar temáticas acerca de valores como a verdade, a amizade, a solidariedade, o perdão, a gratidão, a empatia ou a resiliência, bem como a celebração de momentos centrais da fé cristã, como o Natal e a Páscoa, exige uma constante articulação entre metodologias diversificadas e conteúdos curriculares. As escolhas didáticas revelaram-se intencionais e adequadas ao nível etário dos alunos, mas levantaram igualmente dificuldades, sobretudo ao nível da gestão do tempo, da ligação explícita entre valores éticos e mensagem bíblica e da sensibilidade às diferentes realidades pessoais e familiares presentes na sala de aula.

Um primeiro bloco de aulas foi dedicado à reflexão sobre a verdade e a honestidade como valores fundamentais para a vida em sociedade. Através de metáforas simples, como a árvore ou a teia da verdade, de atividades lúdicas, como o jogo dos corações felizes e tristes, ou ainda da exploração de histórias como O Pedro e o Lobo e O Sapo Mentiroso, procurou-

se transmitir aos alunos que a mentira fragiliza as relações e que a verdade é condição de confiança e amizade. Estas aulas mostraram-se eficazes na medida em que utilizaram símbolos acessíveis, canções participativas e narrativas apelativas para crianças, promovendo não apenas a compreensão, mas também a interiorização emocional do valor.

Outro conjunto de aulas incidiu sobre a amizade, o amor e a solidariedade. A partir da celebração do Dia de São Valentim, desconstruiu-se a ideia limitada de que esta festa é apenas para os namorados, alargando-a à valorização de todos os afetos, incluindo a amizade e o amor familiar. Através da Lenda de São Valentim, das atividades de verdadeiro e falso e da produção de corações com mensagens, os alunos foram conduzidos a refletir sobre o valor das relações e sobre a importância da gratidão. A solidariedade foi, também, explorada através da observação de imagens, da leitura de histórias e da escrita de situações concretas em que os alunos já tinham sido solidários, culminando com partilhas espontâneas que valorizaram os pequenos gestos quotidianos de ajuda e cuidado. Estas experiências mostraram-se motivadoras e significativas, mas também trouxeram desafios. A gestão curricular exigia que a solidariedade fosse não apenas apresentada como valor universal, mas também ligada explicitamente à fé cristã, o que foi feito de forma parcial. De igual modo, a forte carga emocional e lúdica das atividades, embora envolvente, necessitava de ser complementada por momentos de explicação de conceitos, de modo a assegurar progressão nas aprendizagens.

As aulas dedicadas ao perdão e à reconciliação revelaram-se momentos particularmente ricos. A dinâmica da mochila com livros, que simbolizava o peso das mágoas não ultrapassadas, permitiu aos alunos compreender de forma prática e corporal o impacto do perdão. A cada situação de conflito ou dor recordada, mais um livro era acrescentado, tornando a mochila pesada e difícil de transportar; à medida que os alunos sugeriam formas de pedir ou dar perdão, os livros iam sendo retirados, simbolizando a leveza interior que o perdão gera. Esta atividade simbólica teve um impacto visível nos alunos, que reconheceram no seu quotidiano situações em que perdoar poderia trazer paz. A parábola do Filho Pródigo, trabalhada em seguida, reforçou esta reflexão, colocando em evidência o amor incondicional do Pai como modelo para a reconciliação. Aqui, a EMRC manifestou claramente a sua especificidade curricular, ao articular valores universais com o núcleo bíblico e teológico da fé cristã. Contudo, também neste bloco se evidenciaram limitações: a linguagem bíblica exige adaptações significativas ao nível etário dos alunos.

Seguiu-se uma aula sobre a empatia e a gratidão, valores que foram explorados através da visualização de vídeos, da construção de um Mural da Gratidão, da atividade com o desenho de sapatos como metáfora de “*colocar-se no lugar do outro*” e da elaboração de

cartões personalizados para figuras paternas. Estas metodologias proporcionaram momentos de grande envolvimento afetivo e partilha, num clima de turma muito positivo. Os alunos mostraram-se motivados para expressar sentimentos e reconhecer o valor de quem cuida deles, em particular a família e os amigos. No entanto, a prática revelou novamente a dificuldade de gerir o tempo, dado que as atividades criativas e artísticas, como a elaboração de cartões ou desenhos, prolongaram-se além do previsto, obrigando a adiar momentos de síntese reflexiva. Outro desafio relacionou-se com a diversidade dos contextos familiares: nem todos os alunos possuem a mesma experiência de relação com o pai, o que exigiu uma condução cuidadosa da atividade para não excluir ninguém, valorizando outras figuras de referência e de cuidado.

O tema da resiliência foi igualmente abordado através de atividades práticas e narrativas. A dinâmica do nó no fio, que parecia impossível de realizar até que se cruzassem os braços, mostrou simbolicamente que com criatividade e persistência é possível superar dificuldades. A história das cinco ervilhas e o Muro das Conquistas permitiram aos alunos identificar situações concretas de superação pessoal e partilhar as suas conquistas com os colegas, num ambiente de empatia e valorização mútua. Estas aulas destacaram-se pela sua capacidade de ligar a reflexão ética à experiência concreta dos alunos, embora tivessem colocado novos desafios curriculares: por um lado, a partilha pessoal exigiu do professor uma atenção particular para garantir um ambiente de respeito e de participação de todos; por outro, a ligação explícita à esperança cristã poderia ter sido mais desenvolvida, de modo a situar a resiliência não apenas no plano humano, mas também no horizonte teológico da fé.

No que respeita às celebrações cristãs, o Natal e a Páscoa constituíram momentos importantes de reflexão. No Natal, as imagens, histórias e canções foram utilizadas para sublinhar a mensagem do nascimento de Jesus como tempo de amor, verdade e entreeajuda, em contraste com leituras meramente consumistas. Na Páscoa, os símbolos projetados em *PowerPoint*, a visualização de um vídeo e a atividade final de composição da cruz a partir dos momentos da Semana Santa permitiram que os alunos compreendessem o significado da Páscoa. O maior desafio consistiu em garantir que os alunos percebessem que a celebração cristã vai além da dimensão cultural ou comercial, constituindo um acontecimento de fé com impacto na vida quotidiana.

Da análise global das aulas podem retirar-se algumas sínteses. Em primeiro lugar, a gestão do tempo revelou-se um desafio recorrente: o entusiasmo dos alunos nas atividades práticas e criativas foi uma mais-valia, mas implicou reajustamentos da planificação. Em segundo lugar, a diversidade metodológica, que incluiu símbolos, narrativas, multimédia,

canções e atividades manuais, mostrou-se essencial para motivar os alunos e favorecer aprendizagens significativas. Em terceiro lugar, a articulação entre valores universais e mensagem cristã constituiu o desafio mais estrutural: foi possível trabalhar de forma clara valores como a amizade, a solidariedade ou a resiliência. Finalmente, emergiu a necessidade de uma atenção constante à realidade concreta dos alunos: falar de família, de amizade ou de perdão implica reconhecer as diferentes experiências pessoais e familiares, de modo a que todos se sintam incluídos e valorizados

Parte II: Referencial teórico, concetual e metodológico

Capítulo V: Referencial teórico, problema e questões de investigação

5.1 Metodologia

O presente estudo visa conhecer a perceção que os Encarregados de Educação e os alunos de uma turma com alunos do 3.º e 4.º anos de escolaridade do Agrupamento de Escola D. Maria II detém acerca da disciplina e dos conteúdos de EMRC, após a estruturação de um currículo adaptado a um grupo-turma do 1º ciclo constituídos por alunos de dois anos de escolaridade. A disciplina de EMRC procura enriquecer os alunos através de princípios e valores inspirados pela perspetiva cristã a fim de que se tornem mais responsáveis, quer na sua vida privada, quer no relacionamento com os outros²⁸. Em termos latos, é possível dizer-se que EMRC procura auxiliar o crescimento e desenvolvimento da pessoa humana. Em Portugal, com a publicação do Decreto-Lei n.º 329/98, de 2 de novembro oficializou-se o ensino desta disciplina, ainda que de carácter facultativo, EMRC desempenha um papel fundamental e central na formação ética e moral dos alunos. Porém, a controvérsia gerada em torno da inscrição em EMRC é clara e evidente. Em termos sintéticos, podemos dizer que a centralidade de EMRC no que respeita à formação ética e moral dos alunos mora na sua capacidade de oferecer um espaço para a construção de valores; na compreensão cultural; e no diálogo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social. Por outro lado, verificámos que, e tendo em conta o objeto de estudo, há alunos que não se inscrevem em EMRC. É nesta dualidade de factos que surge o objetivo principal deste estudo a fim de conhecer, as perceções quer dos alunos, quer dos Encarregados de Educação acerca da disciplina e detetando possíveis determinantes quanto à (não) inscrição. Dado que vivemos em tempo de uma crescente diversidade cultural e religiosa, importa assim, analisar estas perceções, de modo a perceber o valor, os conteúdos e a relevância de EMRC. E, por outro, contribuir para identificar razões, e, em sentido lato, encontrar soluções de modo a enfrentar a falta de adesão dos alunos à disciplina de EMRC.

²⁸ M. Muderredzwa, “Catholic Schools: Mission, Markets and Morality: A Comparative Study in Africa—the Case of Zimbabwe,” *International Studies in Catholic Education* 14, no. 1 (2022): 68–98.

Espera-se que o presente estudo revele se os alunos reconhecem a importância da disciplina²⁹ e se “a apontam para a possibilidade de uma abertura de horizontes que permite olhar a vida numa perspectiva que ultrapassa uma dimensão materialista ou economicista (não é só as coisas materiais), mas numa perspectiva humana, integral, que olha a pessoa (self e o outro) e a vê como o essencial (E que o mais importante é ter alguma dignidade)”³⁰; ou se fatores como os conteúdos e a organização do horário escolar influenciam aquando da tomada de decisão de inscrição.³¹ Por outras palavras, procura-se que o estudo revele aspetos positivos como a valorização da formação ética e moral e/ou, ainda, identificar críticas, como a perceção de falta de pluralidade religiosa ou relevância prática da disciplina.

Tendo em conta o descrito e a experiência vivenciada na Prática de Ensino Supervisionada colocámos o seguinte problema de investigação: **Qual a perceção dos alunos e Encarregados de Educação do 3.º e 4.º ano de escolaridade detêm acerca da disciplina de EMRC e do conteúdo do seu currículo?**

Assim, o presente estudo tem como objetivos:

- Aferir o impacto das opções pedagógico-didáticas assumidas (“gestão curricular”, “conteúdo do currículo”, “campos de decisão curricular”) junto de alunos e Encarregados de Educação;
- Conhecer a perceção que os alunos e Encarregados de Educação detêm acerca da disciplina e do currículo de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC);
- Identificar fatores que poderão condicionar a perceção que os alunos e Encarregados de Educação detêm acerca de EMRC;
- Perceber se as razões que sustentam a inscrição em EMRC depende da relevância dos seus conteúdos.

De modo a alcançar os objetivos propostos estabeleceram-se as seguintes questões:

Q1: Que impacto têm as opções pedagógico-didáticas na perceção dos alunos e Encarregados de Educação relativamente à disciplina de EMRC?

Q2: Qual a perceção dos encarregados de Educação e dos alunos sobre a disciplina e currículo de EMRC?

Q3: Quais os principais fatores que influenciam a perceção dos alunos e Encarregados de Educação relativamente à disciplina de EMRC?

²⁹ L. M. Silva Gonçalves, *A EMRC na Escola Pública na Diocese de Coimbra: Perceção de Alunos sobre a Relevância da Disciplina e o Perfil do Professor* (dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 2016).

³⁰ M. D. S. P. Peixoto, *Contributos Educativos da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica: Um Estudo de Caso com Alunos do Nono Ano* (tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, 2020).

³¹ Silva Gonçalves, *A EMRC na Escola Pública na Diocese de Coimbra*.

Q4: Em que medida a percepção da relevância dos conteúdos da disciplina influencia a decisão de inscrição em EMRC por parte dos alunos e Encarregados de Educação?

5.2 Método de recolha de dados

O instrumento de recolha de dados utilizado foi o questionário. Os questionários foram elaborados tendo em conta os objetivos do presente estudo, bem como da experiência obtida no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada. Nesse sentido, os questionários foram divididos em:

- **Caracterização de quem responde ao questionário** (Encarregados de Educação e alunos): idade, sexo, grau de escolaridade, religião;
- **Aulas de EMRC**: conteúdos;
- **Inscrição em EMRC**: razões que sustentaram a inscrição;
- **Não inscrição em EMRC**: razões que sustentaram a não inscrição.

A modalidade das questões presentes nos questionários foi variada, nomeadamente:

- ✓ Questões dicotómicas fechadas – escala nominal;
- ✓ Perguntas fechadas de resposta múltipla – escala ordinal;
- ✓ Perguntas fechadas de resposta múltipla – escala nominal;
- ✓ Perguntas com escala de Likert.

O questionário dos Encarregados de Educação foi remetido em junho de 2025, via email, através de um link criado a partir do *Google Forms*. Dado o número reduzido de respostas optámos por deixar o questionário na escola e solicitar aos pais o preenchimento presencial. Já o questionário dos alunos foi aplicado na aula. Obtiveram-se 82 respostas dos Encarregados de Educação de um total de 87 e obtiveram-se 72 respostas dos alunos, de um total de 82 alunos.

Parte III: Análise e discussão dos resultados

Capítulo VI: Resultados

6.1 Caracterização da amostra

A população alvo considerada neste estudo compreende 169 elementos, correspondentes aos Encarregados de Educação e alunos do 3.º e 4.º anos. Foi obtida uma taxa de resposta de 91,12%. Tendo em conta que a totalidade da população foi considerada e que a taxa de respostas é elevada, os dados obtidos são representativos. Esta representatividade confere robustez e consistência às conclusões do presente estudo.

No que respeita à distribuição etária dos Encarregados de Educação permitiu identificar uma maior concentração na faixa etária compreendida entre os 36 e os 45 anos. O intervalo dos 36 aos 40 anos apresenta-se como o mais representativo, abrangendo 29 indivíduos, o que corresponde a 35,4% do total da amostra. De seguida, verifica-se que 25 Encarregados de Educação se situam entre os 41 e os 45 anos, correspondendo a 30,5%.

Os Encarregados de Educação com idades compreendidas entre os 30 e os 35 anos representam uma proporção de 13,4% (11 indivíduos). Em contrapartida, os mais jovens, com idade inferior a 30 anos, constituem apenas 2,4% (2 indivíduos), evidenciando uma participação residual neste grupo etário. Já no extremo superior, os Encarregados de Educação com mais de 46 anos totalizam 15 indivíduos, o que equivale a 18,3%.

Tabela 13: Frequência absoluta e frequência relativa dos Encarregados de Educação acerca da idade

Idade	Encarregados de Educação	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
< 30 anos	2	2,4%
30 – 35 anos	11	13,4%
36 – 40 anos	29	35,4%
41 – 45 anos	25	30,5%
< 46 anos	15	18,3%
TOTAL	82	100%

Fonte: Elaboração Própria

No que respeita à variável sexo dos Encarregados de Educação, observa-se uma predominância clara do sexo feminino, que representa 65 indivíduos, correspondendo a 79,27% do total da amostra. Por sua vez, os Encarregados de Educação do sexo masculino totalizam 17 indivíduos, o que equivale a 20,73%.

Tabela 14: Frequência absoluta e frequência relativa à variável sexo dos Encarregados de Educação

Sexo	Encarregados de Educação	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Feminino	65	79,27%
Masculino	17	20,73%
TOTAL	82	100%

Fonte: Elaboração Própria

A análise das habilitações académicas dos Encarregados de Educação evidencia que a maioria possui o ensino secundário, contabilizando 32 indivíduos, o que representa 39,02% da amostra. Segue-se o grupo dos Encarregados de Educação com licenciatura, que corresponde a 28 indivíduos (34,15%).

Em menor proporção, encontram-se os Encarregados de Educação com o ensino básico, que totalizam 14 indivíduos (17,07%), e aqueles com grau de mestrado, que somam 7 indivíduos (8,54%). O nível de escolaridade mais elevado, o doutoramento, está representado por apenas 1 indivíduo, correspondendo a 1,22% do total.

Tabela 15: Frequência absoluta e frequência relativa dos Encarregados de Educação acerca das habilitações académicas

Habilitações académicas	Encarregados de Educação	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Doutoramento	1	1,22%
Mestrado	7	8,54%
Licenciatura	28	34,15%
Ensino secundário	32	39,02%
Ensino Básico	14	17,07%
TOTAL	82	100%

Fonte: Elaboração Própria

No que concerne à religião dos Encarregados de Educação, constata-se uma predominância da religião católica, professada por 51 indivíduos, o que corresponde a 62,20% da amostra. Em segundo lugar, destaca-se o grupo dos que se declaram sem religião, que totaliza 19 Encarregados de Educação (23,17%).

Outras denominações religiosas apresentam menor expressão: a religião muçulmana, com 4 indivíduos (4,87%), as igrejas evangélicas de tradição cristã, com 6 indivíduos (7,32%), e a religião pentecostal, com apenas 1 indivíduo (1,22%). Da mesma forma, a religião adventista luterana encontra-se representada por 1 indivíduo (1,22%).

Tabela 16: Frequência absoluta e frequência relativa dos Encarregados de Educação acerca da religião

Religião	Encarregados de Educação	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Adventista Luterana	1	1,22%
Católica	51	62,20%
Muçulmana	4	4,87%
Outra Cristã: Evangélica	6	7,32%
Outra Religião: Pentecostal	1	1,22%
Sem religião	19	23,17%
TOTAL	82	100%

Fonte: Elaboração Própria

Em suma, no que respeita à caracterização sociodemográfica e cultural dos Encarregados de Educação inquiridos podemos referir que, no que respeita à idade, a maioria dos Encarregados de Educação encontra-se entre os 36 e os 45 anos, totalizando aproximadamente 65,9% da amostra, o que confirma a predominância de indivíduos em fase adulta consolidada.

Relativamente ao sexo, verifica-se uma forte prevalência do sexo feminino (79,27%), o que indica que são maioritariamente as mães ou figuras femininas que assumem a responsabilidade formal pela educação dos alunos.

Quanto às habilitações académicas, observa-se que a maior parte possui ensino secundário (39,02%) ou licenciatura (34,15%), perfazendo conjuntamente cerca de 73% da amostra. Os níveis mais baixos de escolaridade (ensino básico) representam 17,07%, enquanto os graus académicos mais elevados (mestrado e doutoramento) apresentam uma expressão minoritária (9,76%).

Por fim, relativamente à religião, a maioria dos Encarregados de Educação identifica-se como católica (62,20%), seguindo-se um grupo significativo que declara não professar qualquer religião (23,17%). As demais crenças, incluindo a islâmica e outras tradições cristãs (evangélica, pentecostal e adventista luterana), apresentam expressão residual.

Após a apresentação e análise dos dados relativos aos Encarregados de Educação, procede-se, de seguida, à caracterização da amostra de alunos participantes no estudo, tendo em consideração as variáveis: idade, sexo, ano de escolaridade e frequência da catequese.

No que respeita à distribuição etária dos alunos do 3.º e 4.º anos, verifica-se uma maior concentração entre os 8 e os 10 anos de idade. A idade mais representativa é a dos 9 anos, englobando 27 alunos, o que corresponde a 37,5% do total da amostra.

De seguida, observa-se que 22 alunos têm 10 anos de idade, representando 30,6%. Por sua vez, os alunos com 8 anos totalizam 21 alunos, equivalendo a 29,2%.

Em contrapartida, os alunos de 11 anos constituem apenas 2,8% da amostra (2 alunos).

Tabela 17: Frequências absolutas e frequências relativas à idade dos alunos

Idade	Alunos	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
8 anos	21	29,17%
9 anos	27	37,50%
10 anos	22	30,55%
11 anos	2	2,78%
TOTAL	72	100%

Fonte: Elaboração Própria

No que respeita à variável sexo, observa-se que a amostra é composta maioritariamente por alunos do sexo feminino, com um total de 41 alunas, o que corresponde a 56,9% do total. Já os alunos do sexo masculino perfazem 31, representando 43,1% da amostra.

Tabela 18: Frequências absolutas e frequências relativas ao sexo dos alunos

Sexo	Alunos	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Feminino	41	56,9%
Masculino	31	43,1%
TOTAL	72	100%

Fonte: Elaboração Própria

No que respeita ao ano de escolaridade, verifica-se uma distribuição equilibrada entre os alunos do 3.º ano e do 4.º ano. Ambos os grupos reúnem 36 alunos cada, correspondendo, individualmente, a 50% do total da amostra.

Tabela 19: Frequências absolutas e frequências relativas acerca do ano de escolaridade dos alunos

Ano de escolaridade	Alunos	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
3.º ano	36	50%
4.º ano	36	50%
TOTAL	72	100%

Fonte: Elaboração Própria

No que respeita à frequência da catequese, observa-se que a maioria dos alunos não a frequenta, perfazendo 51 alunos, o que corresponde a 70,8% da amostra. Em contrapartida, apenas 21 alunos referiram frequentar a catequese, representando 29,2% do total.

Tabela 20: Frequências absolutas e frequências relativas acerca da frequência da catequese

Catequese	Alunos	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Sim	21	29,2%
Não	51	70,8%
TOTAL	72	100%

Fonte: Elaboração Própria

A amostra do estudo é composta por 72 alunos do 3.º e 4.º anos de escolaridade. Relativamente à distribuição etária, verifica-se uma maior concentração entre os 8 e os 10 anos de idade, sendo que a idade mais representativa é a dos 9 anos (37,5%). Seguem-se os alunos com 10 anos (30,6%) e com 8 anos (29,2%). Os alunos com 11 anos constituem apenas uma pequena minoria (2,8%).

No que se refere ao sexo, observa-se um predomínio do feminino, que corresponde a 56,9% da amostra, enquanto os alunos do sexo masculino representam 43,1%.

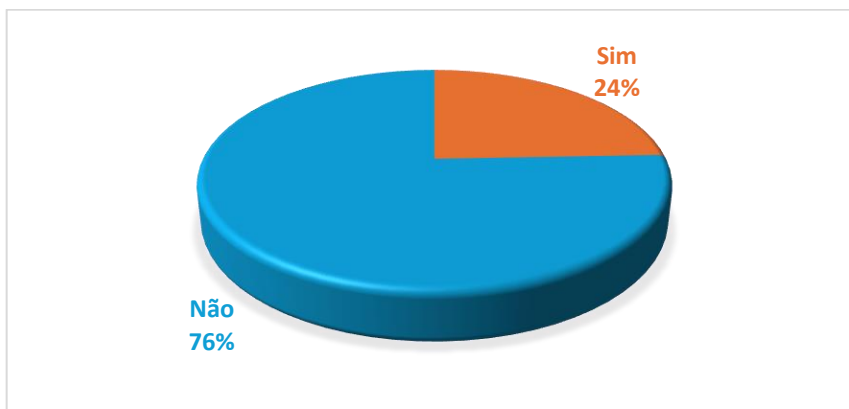
Relativamente ao ano de escolaridade, constata-se uma distribuição equilibrada, sendo que o 3.º ano e o 4.º ano reúnem cada um 36 alunos, correspondendo ambos a 50% da amostra.

Por fim, no que concerne à frequência da catequese, verifica-se que a maioria dos alunos não a frequenta (70,8%), enquanto apenas 21 alunos (29,2%) declararam participar na catequese.

6.2 Estatísticas descritivas

Os Encarregados de Educação ao serem questionados sobre a frequência de EMRC pelos seus educandos constatámos que apenas 24% se encontram inscritos na disciplina de EMRC, enquanto que a maioria, correspondente a 76%, não a frequenta. Este resultado evidencia uma baixa taxa de inscrição à disciplina de EMRC.

Gráfico 12: Inscrição em EMRC



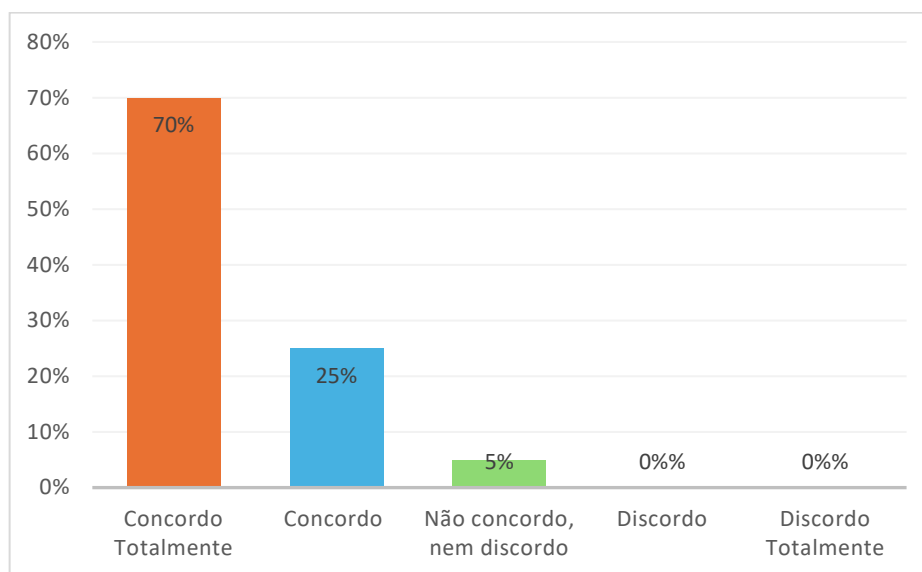
Fonte: Elaboração Própria

Importa, desde já, referir que o questionário foi estruturado em duas secções distintas: uma destinada aos Encarregados de Educação cujos educandos se encontram inscritos em EMRC, e outra dirigida aos que não frequentam a disciplina. Dado que apenas vinte Encarregados de Educação (24%) indicaram que os seus educandos estão inscritos, a maioria, correspondente a sessenta e dois Encarregados de Educação (76%), prosseguiu para a secção relativa à não inscrição. Assim, passaremos em primeiro lugar a apresentar os resultados dos Encarregados de Educação que têm os seus educandos inscritos em EMRC e, posteriormente, os resultados dos Encarregados de Educação que não tem os seus educandos inscritos em EMRC.

Relativamente à questão “EMRC promove valores essenciais para a formação pessoal, social e moral das crianças”, observa-se uma perceção globalmente positiva por parte dos

Encarregados de Educação. A maioria expressiva, correspondente a 70%, afirmou “concordo totalmente”, enquanto 25% responderam “concordo”. Apenas 5% optaram pela posição de neutralidade (“não concordo nem discordo”), não se registando qualquer resposta nas opções “discordo” ou “discordo totalmente”.

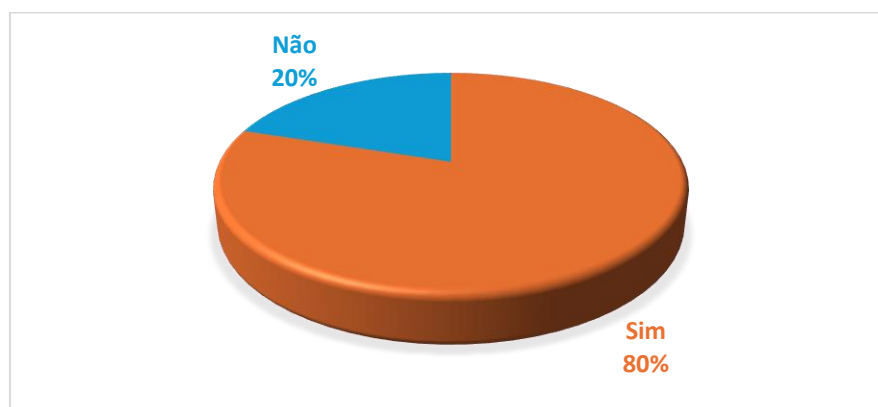
Gráfico 13: Opinião dos Encarregados de Educação acerca da finalidade de EMRC



Fonte: Elaboração Própria

No que se refere ao acompanhamento dos conteúdos das aulas de EMRC, designadamente das unidades letivas “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância” e “Caminho de Amor e Coragem”, os resultados indicam que apenas 20% dos Encarregados de Educação afirmaram acompanhar os conteúdos lecionados. Em contrapartida, a larga maioria, correspondente a 80%, declarou não acompanhar.

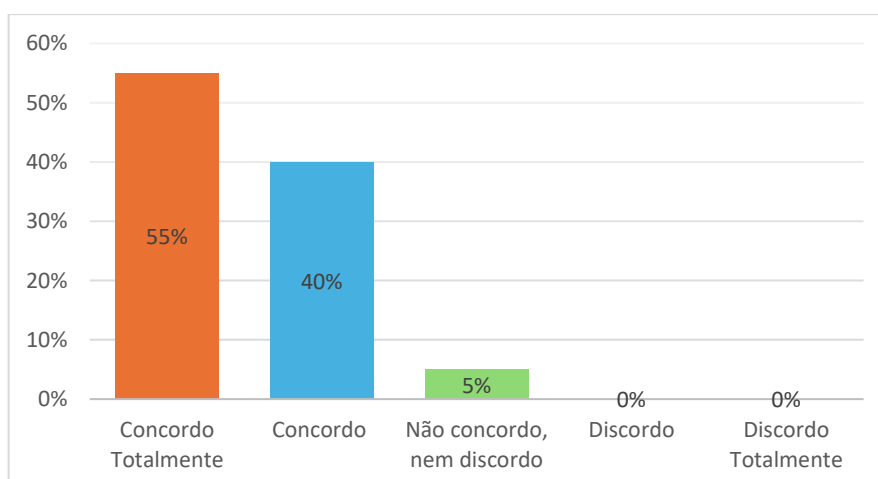
Gráfico 14: Acompanhamento dos conteúdos de EMRC por parte dos Encarregados de Educação



Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão “*Considera que as unidades letivas anteriormente referidas contribuem para a promoção das relações interpessoais fundamentadas no diálogo e para a capacitação do aluno tomar decisões livres e responsáveis?*”, verifica-se uma perceção amplamente positiva por parte dos Encarregados de Educação. A maioria afirmou “concordo totalmente” (55%) e outros 40% responderam “concordo”. Apenas 5% optaram pela posição de neutralidade (“não concordo nem discordo”), não se registando qualquer resposta nas opções “discordo” ou “discordo totalmente”.

Gráfico 15: Opinião dos Encarregados de Educação quanto às unidades letivas abordadas



Fonte: Elaboração Própria

No que respeita à questão “*Considera que as temáticas abordadas nas aulas de EMRC têm moldado o comportamento ou atitudes do seu educando?*”, os resultados evidenciam uma tendência marcadamente positiva. A grande maioria dos Encarregados de Educação,

correspondente a 95%, respondeu afirmativamente, enquanto apenas 5% consideraram que as temáticas não tiveram impacto nesse aspeto.

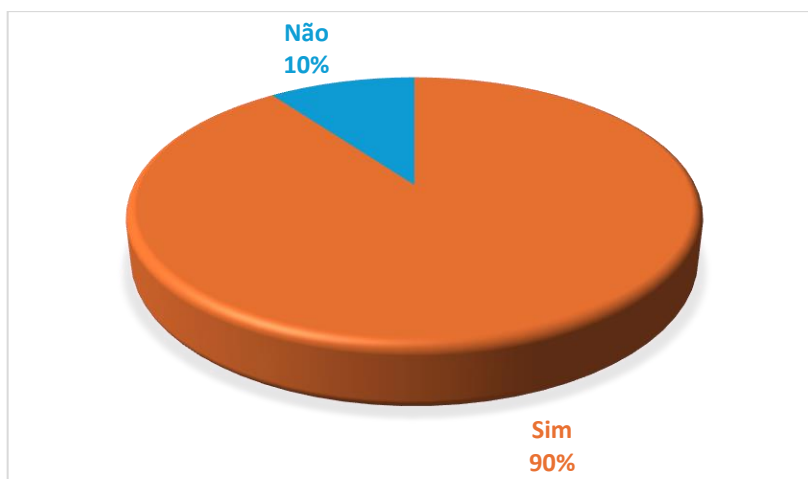
Gráfico 16: Opinião dos Encarregados de Educação acerca do impacto de EMRC nos educandos



Fonte: Elaboração Própria

No que se refere à questão “*O seu educando demonstra entusiasmo ou interesse pelas aulas de EMRC?*”, os resultados apontam para uma perceção predominantemente positiva. A grande maioria dos Encarregados de Educação, correspondente a 90%, afirmou que os seus educandos demonstram entusiasmo ou interesse pela disciplina, enquanto apenas 10% consideraram que tal não ocorre.

Gráfico 17: Opinião dos Encarregados de Educação quanto ao entusiasmo dos educandos relativo às aulas de EMRC

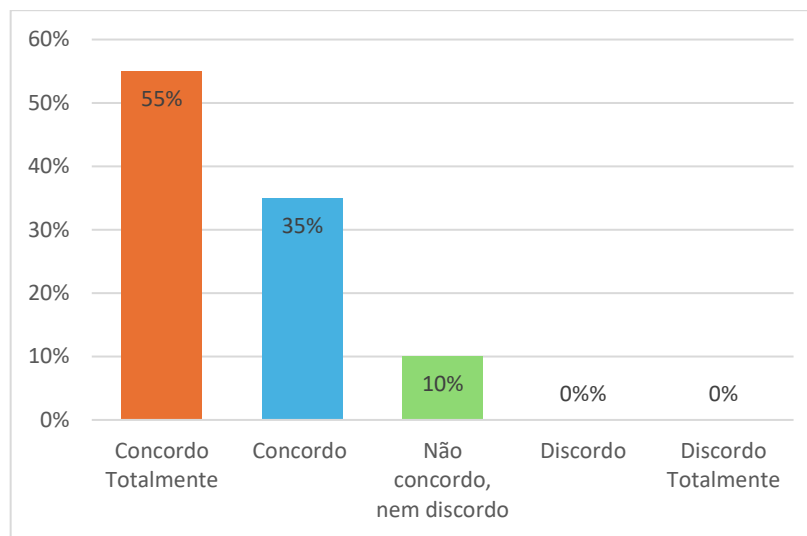


Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão “*Considera que em EMRC deva proporcionar as condições essenciais para que o aluno assuma a sua existência como relação pessoal com Deus e*

desenvolver uma fé aceita e vivenciada na comunidade?”, os resultados revelam uma percepção maioritariamente favorável. A maioria dos Encarregados de Educação afirmou “concordo totalmente” (55%) e outros 35% responderam “concordo”. Uma minoria, correspondente a 10%, optou pela posição de neutralidade (“não concordo nem discordo”), não se registando quaisquer respostas nas opções “discordo” ou “discordo totalmente”.

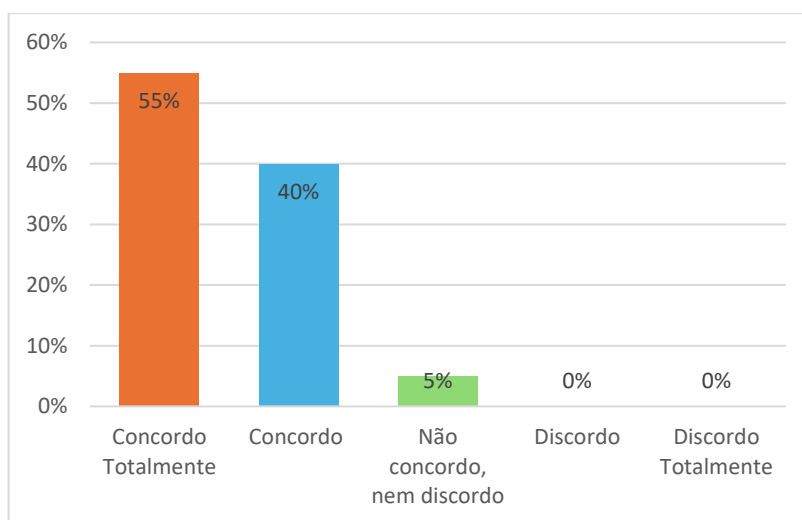
Gráfico 18: Opinião dos Encarregados de Educação relativamente às condições para proporcionar uma relação com Deus e com a fé



Fonte: Elaboração Própria

No que se refere à questão “*Considera que EMRC contribui para a promoção de uma atitude aberta e respeitosa diante da diversidade cultural?*”, os resultados evidenciam uma percepção amplamente positiva. A maioria dos Encarregados de Educação respondeu “concordo totalmente” (55%) e outros 40% afirmaram “concordo”. Apenas 5% optaram pela neutralidade (“não concordo nem discordo”), não se registando quaisquer respostas nas opções de discordância.

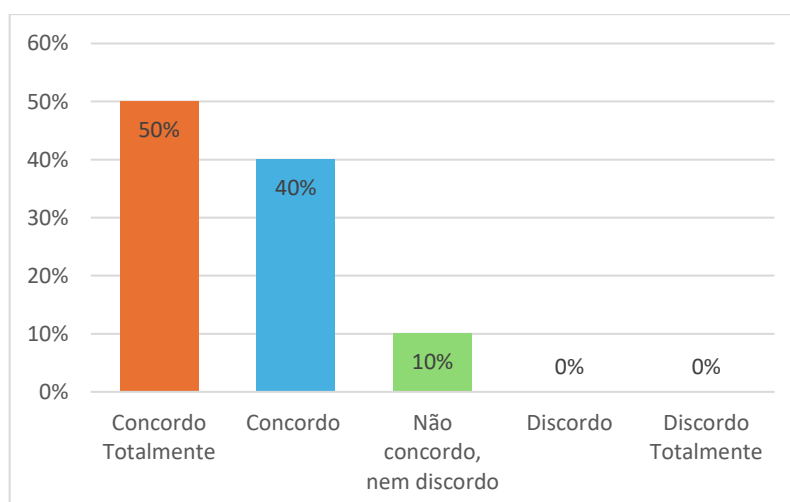
Gráfico 19: Opinião dos Encarregados de Educação quanto ao papel de EMRC no tocante à promoção de uma atitude aberta e respeitosa face à diversidade cultural



Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão “*Considera que EMRC contribui para a sensibilização dos problemas humanos e sociais, de modo que o aluno se comprometa a construir uma sociedade mais justa?*”, observa-se uma perceção predominantemente positiva por parte dos Encarregados de Educação. Metade dos inquiridos (50%) respondeu “concordo totalmente”, enquanto 40% afirmaram “concordo”. Uma minoria, correspondente a 10%, manteve-se neutra (“não concordo nem discordo”), não se registando quaisquer respostas de discordância.

Gráfico 20: Opinião dos Encarregados de Educação relativamente à relação de EMRC e a contribuição para a sensibilização de problemas humanos e sociais



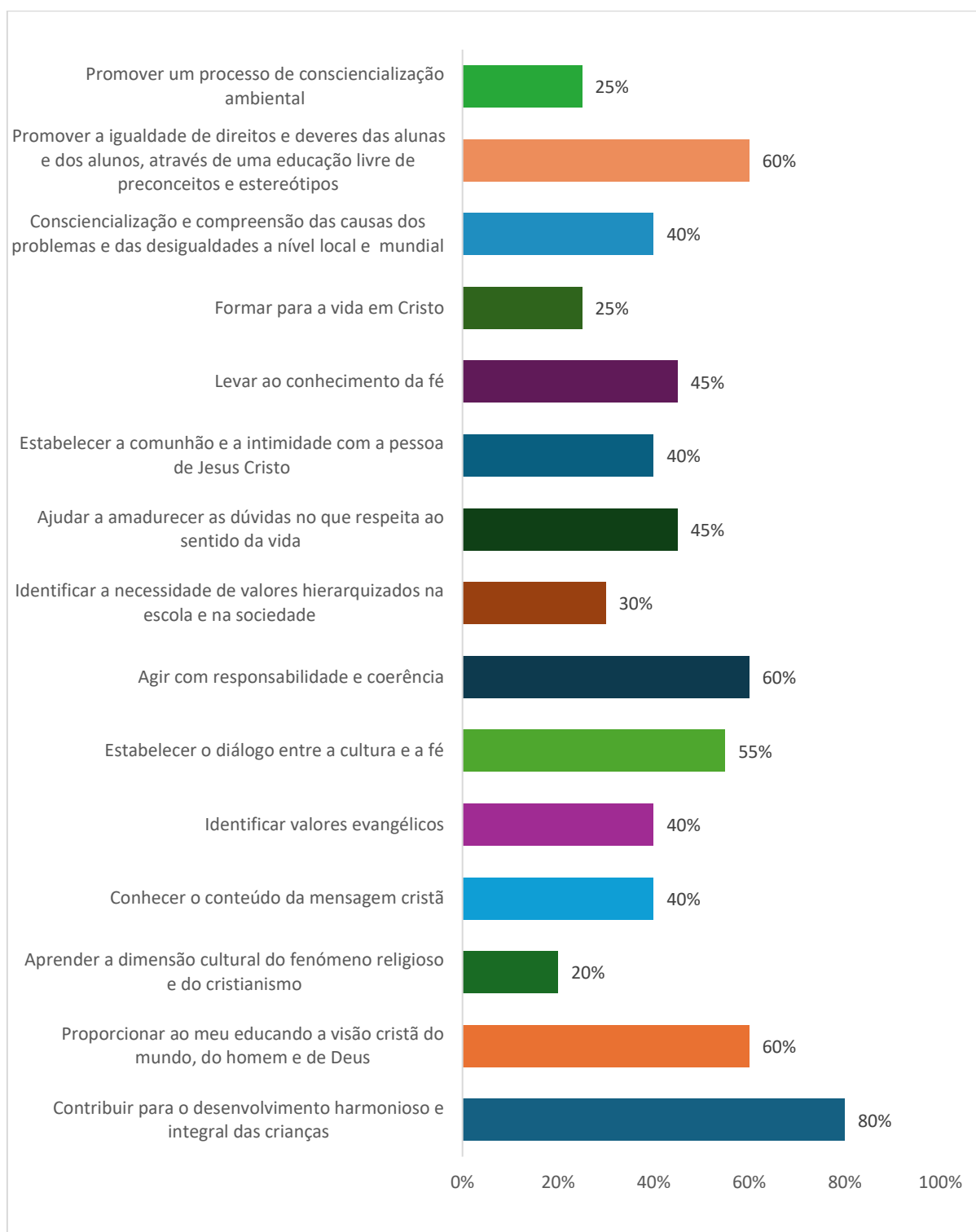
Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão “*Quais as razões que sustentaram a inscrição do seu educando em EMRC?*”, verificou-se que a motivação mais expressiva corresponde a “contribuir para o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças”, assinalada por 80% dos Encarregados de Educação. Em segundo plano, surgem as razões “proporcionar ao meu educando a visão cristã do mundo, do homem e de Deus” e “agir com responsabilidade e coerência”, ambas referidas por 60% dos inquiridos, bem como a opção “promover a igualdade de direitos e deveres das alunas e dos alunos, através de uma educação livre de preconceitos e estereótipos”, igualmente com 60%.

Com valores intermédios, destacam-se: “estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé” (55%), “ajudar a amadurecer as dúvidas no que respeita ao sentido da vida” (45%) e “levar ao conhecimento da fé” (45%). Razões como “conhecer o conteúdo da mensagem cristã”, “identificar valores evangélicos”, “estabelecer a comunhão e a intimidade com a pessoa de Jesus Cristo” e “consciência e compreensão das causas dos problemas e das desigualdades a nível local e mundial” foram assinaladas por 40% dos Encarregados de Educação.

Com menor expressão, surgem as opções “identificar a necessidade de valores hierarquizados na escola e na sociedade” (30%), “formar para a vida em Cristo” (25%) e “promover um processo de consciencialização ambiental” (25%). Finalmente, a razão menos valorizada foi “aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo”, escolhida por apenas 20%.

Gráfico 21: Razões apontadas pelos Encarregados de Educação para inscrever os educandos em EMRC

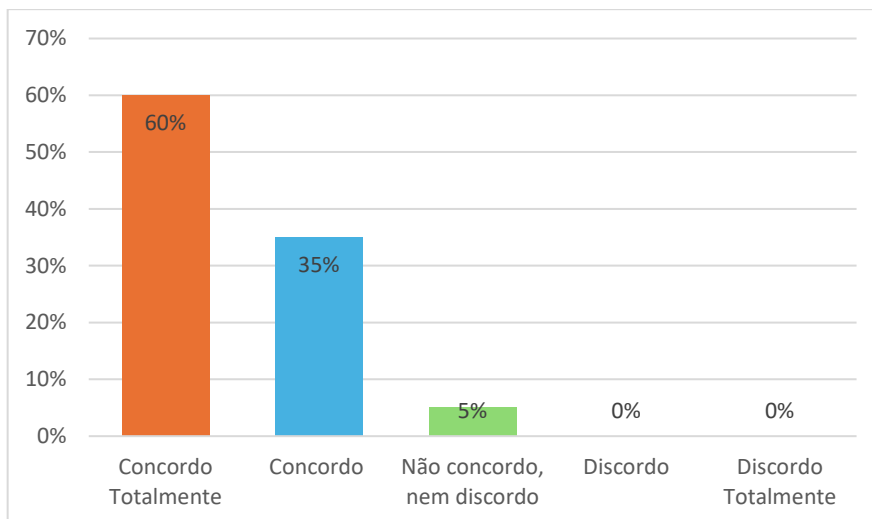


Fonte: Elaboração Própria

No que se refere à questão “*Os conteúdos lecionados em EMRC como: o respeito pelo outro; a empatia; a solidariedade; a verdade; a autenticidade; a coragem; e o conhecimento da mundividência e contributo das tradições cristãs são importantes e adequados para o desenvolvimento das crianças?*”, os resultados evidenciam uma percepção claramente positiva

por parte dos Encarregados de Educação . A maioria respondeu “concordo totalmente” (60%) e outros 35% indicaram “concordo”. Apenas 5% optaram pela posição de neutralidade (“não concordo nem discordo”), não se registrando qualquer resposta de discordância.

Gráfico 22: Opinião dos Encarregados de Educação quanto aos conteúdos de EMRC



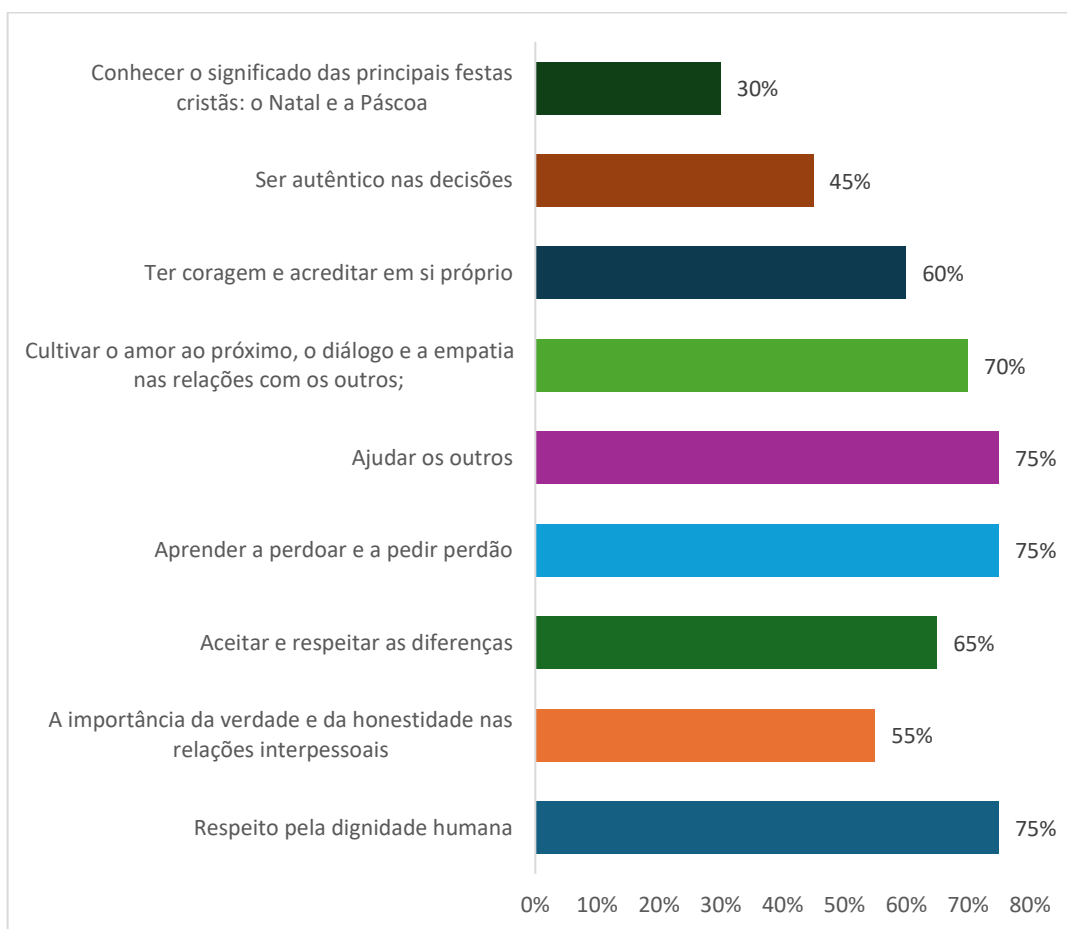
Fonte: Elaboração Própria

No que respeita à questão “*Selecione os temas que considera mais importantes para constarem do currículo de EMRC, tendo em conta a relevância para o desenvolvimento integral do aluno*”, os resultados revelam que os temas mais valorizados pelos Encarregados de Educação são “respeito pela dignidade humana” (75%), “aprender a perdoar e a pedir perdão” (75%) e “ajudar os outros” (75%), todos assinalados como prioritários por três quartos dos inquiridos.

Segue-se a temática “cultivar o amor ao próximo, o diálogo e a empatia nas relações com os outros”, selecionada por 70%, e “aceitar e respeitar as diferenças”, escolhida por 65%. Com menor, mas ainda significativa expressão, surgem os temas “ter coragem e acreditar em si próprio” (60%) e “a importância da verdade e da honestidade nas relações interpessoais” (55%).

Em posição mais baixa no ranking de prioridades encontram-se “ser autêntico nas decisões” (45%) e, por fim, “conhecer o significado das principais festas cristãs: o Natal e a Páscoa”, assinalado por apenas 30% dos Encarregados de Educação.

Gráfico 23: Opinião dos Encarregados de Educação acerca dos temas que devem integrar o currículo de EMRC

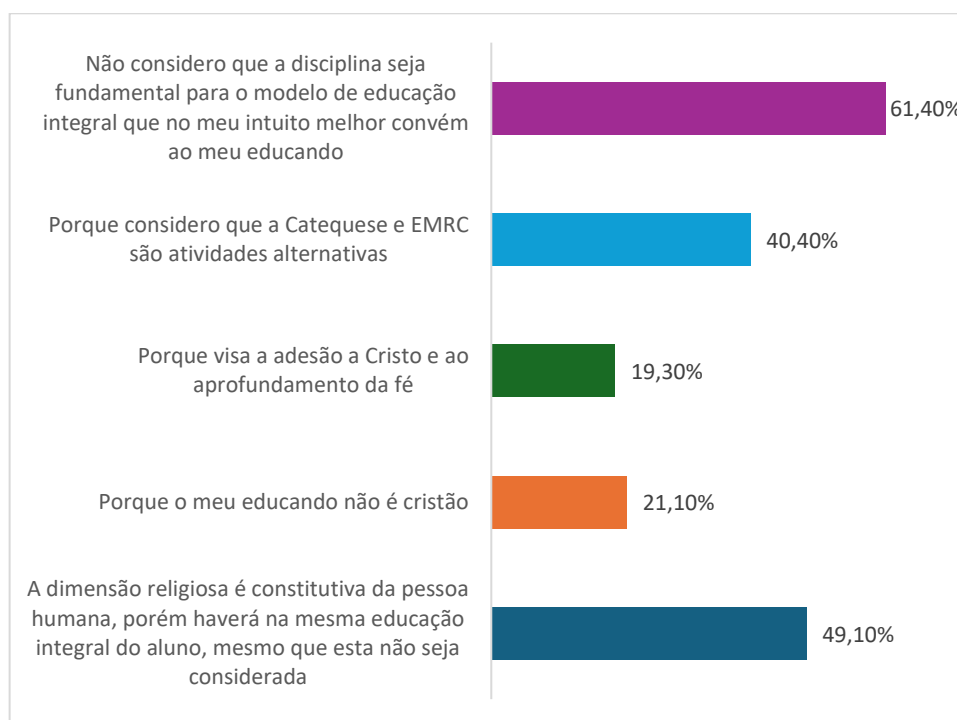


Os resultados que se apresentam a seguir correspondem exclusivamente às respostas dos Encarregados de Educação que não inscreveram os seus educandos na disciplina de EMRC, permitindo compreender as razões e perceções associadas a esta decisão de não inscrição.

No que respeita às razões que justificam a não inscrição dos educandos em EMRC, a mais apontada pelos Encarregados de Educação foi a perceção de que a disciplina não é fundamental para o modelo de educação integral considerado mais adequado, registando 61,40% das respostas. Em segundo lugar, destacou-se a afirmação de que a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, mas poderá ser assegurada na mesma educação integral do aluno sem recurso à disciplina de EMRC, assinalada por 49,10%.

Outros motivos igualmente relevantes foram: a ideia de que a Catequese e EMRC são atividades alternativas (40,40%) e o facto de o educando não ser cristão (21,10%). Por fim, uma minoria (19,30%) considerou que a não inscrição se deve ao facto de a disciplina visar a adesão a Cristo e ao aprofundamento da fé.

Gráfico 24: Razões apontadas pelos Encarregados de Educação para a não inscrição em EMRC

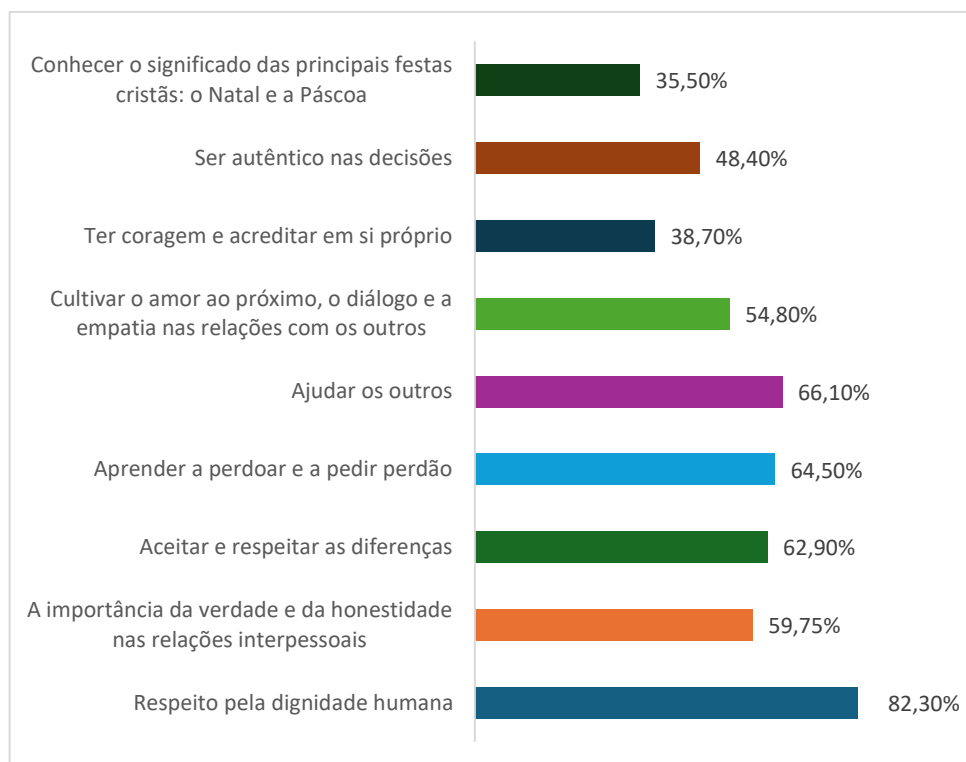


Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão “*Selecione os temas que considera mais importantes para constarem do currículo de EMRC, tendo em conta a relevância para o desenvolvimento integral do aluno*”, os Encarregados de Educação que não inscreveram os seus educandos na disciplina destacaram, em primeiro lugar, o respeito pela dignidade humana, assinalado por 82,30% dos inquiridos. Também receberam elevada valorização os temas “ajudar os outros” (66,10%), “aprender a perdoar e a pedir perdão” (64,50%) e “aceitar e respeitar as diferenças” (62,90%).

Com expressão intermédia, surgem as opções “a importância da verdade e da honestidade nas relações interpessoais” (59,75%) e “cultivar o amor ao próximo, o diálogo e a empatia nas relações com os outros” (54,80%). Em menor proporção, foram indicados os temas “ser autêntico nas decisões” (48,40%), “ter coragem e acreditar em si próprio” (38,70%) e, por último, “conhecer o significado das principais festas cristãs: o Natal e a Páscoa”, com 35,50%.

Gráfico 25: Opinião dos Encarregados de Educação que não inscreveram os seus educandos em EMRC quanto aos temas que devem constar no currículo de EMRC

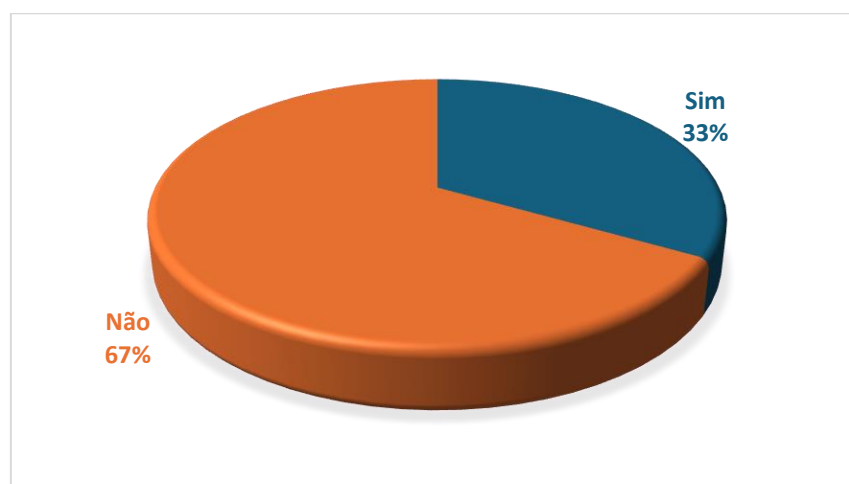


Fonte: Elaboração Própria

Em seguida, procede-se à análise das respostas dos alunos do 3.º e 4.º anos. À semelhança do que aconteceu com os Encarregados de Educação, o questionário aplicado encontrava-se estruturado em duas secções distintas: uma destinada aos alunos inscritos e outra direccionada aos não inscritos, o que implica que estes grupos tenham obrigatoriamente respondido a questões diferentes. Assim, a análise será organizada em duas etapas, apresentando-se, em primeiro lugar, os resultados relativos aos alunos inscritos e, posteriormente, os referentes aos alunos não inscritos.

Relativamente à questão “*Consideras que os temas de EMRC são iguais aos temas da Catequese?*”, os resultados apontam para uma clara distinção feita pelos alunos inquiridos. Apenas 33% responderam afirmativamente, enquanto a maioria, 67%, considera que os temas não são iguais.

Gráfico 26: Opinião dos alunos relativa à equivalência dos temas da Catequese e de EMRC



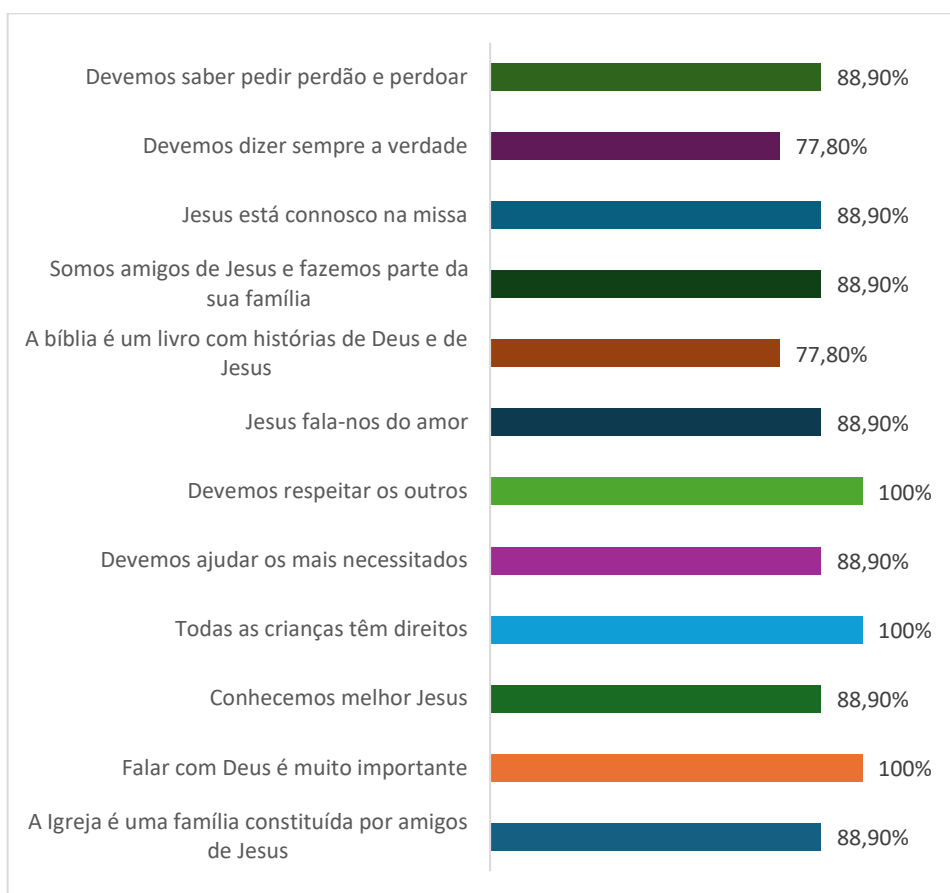
Fonte: Elaboração Própria

Os resultados mais elevados (100%) correspondem aos temas “Falar com Deus é muito importante”, “Todas as crianças têm direitos” e “Devemos respeitar os outros”. Este dado mostra que estes conteúdos são trabalhados de forma universal e lembrados por todos os inquiridos, assumindo-se como centrais na vivência da Catequese.

A maioria dos restantes temas situa-se nos 88,9%, como “A Igreja é uma família constituída por amigos de Jesus”, “Conhecemos melhor Jesus”, “Devemos ajudar os mais necessitados”, “Jesus fala-nos do amor”, “Somos amigos de Jesus e fazemos parte da sua família”, “Jesus está connosco na missa” e “Devemos saber pedir perdão e perdoar”. Estes temas demonstram que tais conteúdos também têm grande presença na Catequese, ainda que não tenham sido assinalados pela totalidade dos participantes.

Por fim, os temas com menor percentagem — “A Bíblia é um livro com histórias de Deus e de Jesus” e “Devemos dizer sempre a verdade” (77,8%) — revelam que, apesar de amplamente referidos, são menos destacados pelos inquiridos.

Gráfico 27: Opinião dos alunos quanto aos temas abordados na catequese



Fonte: Elaboração Própria

Na questão “*Gostas de EMRC?*”, os resultados revelam uma percepção globalmente positiva da disciplina. 81% dos inquiridos afirmaram que gostam de EMRC, enquanto 19% responderam “mais ou menos” e nenhum aluno indicou “não”.

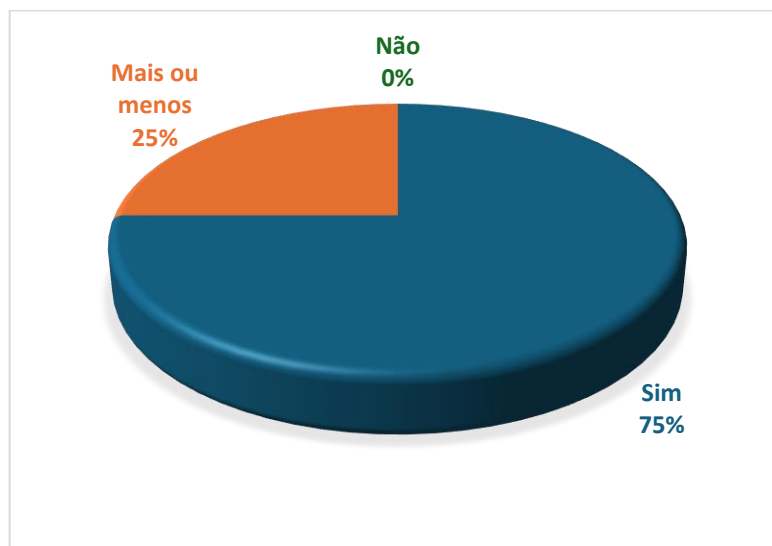
Gráfico 28: Opinião dos alunos acerca da disciplina de EMRC



Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão “*Achas que os temas de EMRC são interessantes?*”, os resultados demonstram uma perceção maioritariamente positiva. 75% dos inquiridos responderam “sim”, enquanto 25% afirmaram “mais ou menos” e nenhum aluno assinalou “não”.

Gráfico 29: Opinião dos alunos acerca dos temas de EMRC



Fonte: Elaboração Própria

Na questão “*Achas que as aulas de EMRC ajudam-te a ser uma pessoa melhor, a dar valor aos outros e a fazer o bem?*”, os resultados são claros: 100% dos inquiridos responderam “sim”, não havendo qualquer resposta negativa.

Gráfico 30: Opinião dos alunos acerca do contributo de EMRC na formação pessoal e social



Fonte: Elaboração Própria

Na questão “*Achas que as aulas de EMRC sobre o amor, a verdade e a coragem são interessantes?*”, observa-se uma percepção muito positiva. 94% dos alunos responderam “sim”, enquanto apenas 6% indicaram “não”.

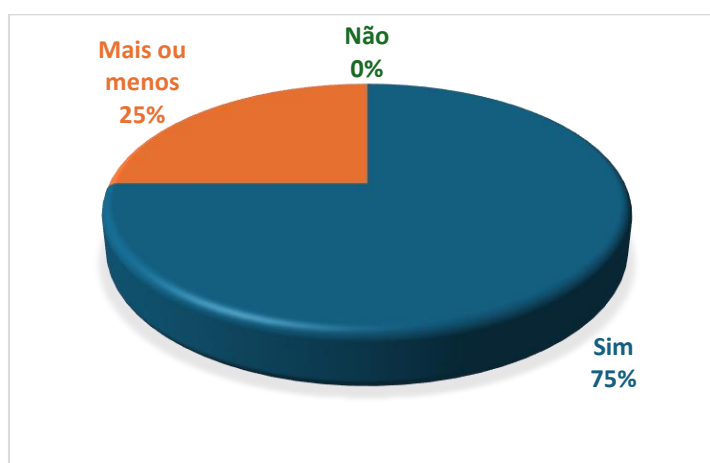
Gráfico 31: Opinião dos alunos acerca das temáticas abordadas em aula



Fonte: Elaboração Própria

Relativamente à questão “*Achas que as aulas te ajudam a falar melhor com os outros e a tomar boas decisões?*”, os resultados mostram uma percepção globalmente positiva. 75% dos inquiridos responderam “sim”, enquanto 25% indicaram “mais ou menos” e nenhum respondeu “não”.

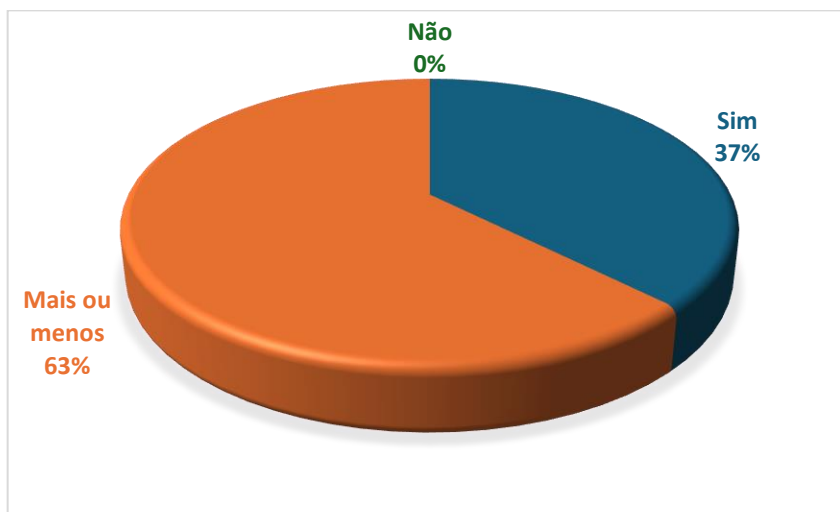
Gráfico 32: Opinião dos alunos acerca do papel de EMRC no que respeita às competências relacionais e tomada de decisão



Fonte: Elaboração Própria

Na questão “*Achas que as aulas de EMRC ajudam-te a conhecer a mensagem cristã?*”, os resultados mostram uma perceção moderada. Apenas 38% dos alunos responderam “sim”, enquanto a maioria, 63%, optou por “mais ou menos”. Importa sublinhar que nenhum aluno respondeu “não”.

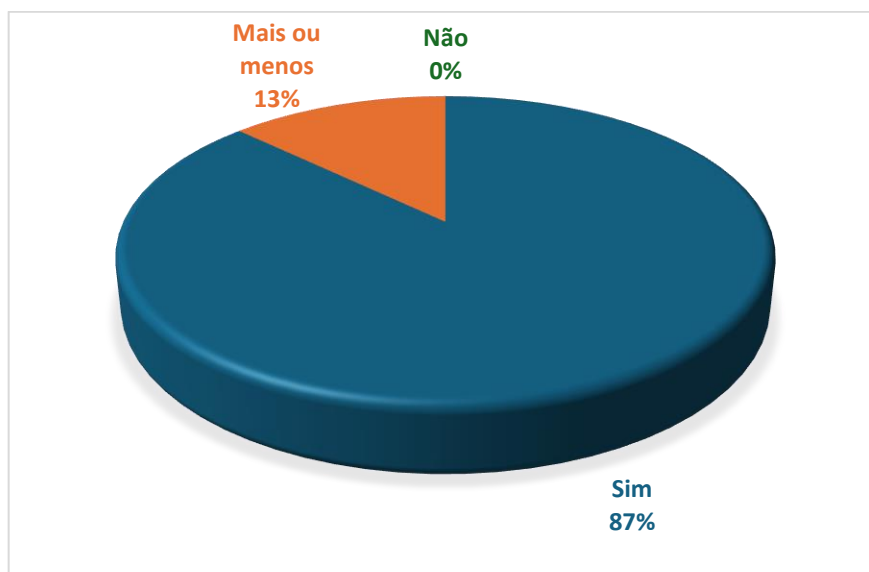
Gráfico 33: Opinião dos alunos quanto ao contributo de EMRC no tocante ao aprofundamento da mensagem cristã



Fonte: Elaboração Própria

Na questão “*Achas que as aulas de EMRC ajudam-te a respeitar as pessoas que são diferentes?*”, os resultados são claramente positivos. 88% dos alunos responderam “sim”, enquanto 13% indicaram “mais ou menos” e nenhum aluno respondeu “não”.

Gráfico 34: Opinião dos alunos quanto ao contributo de EMRC relativamente à promoção do respeito pela diversidade e dignidade das pessoas



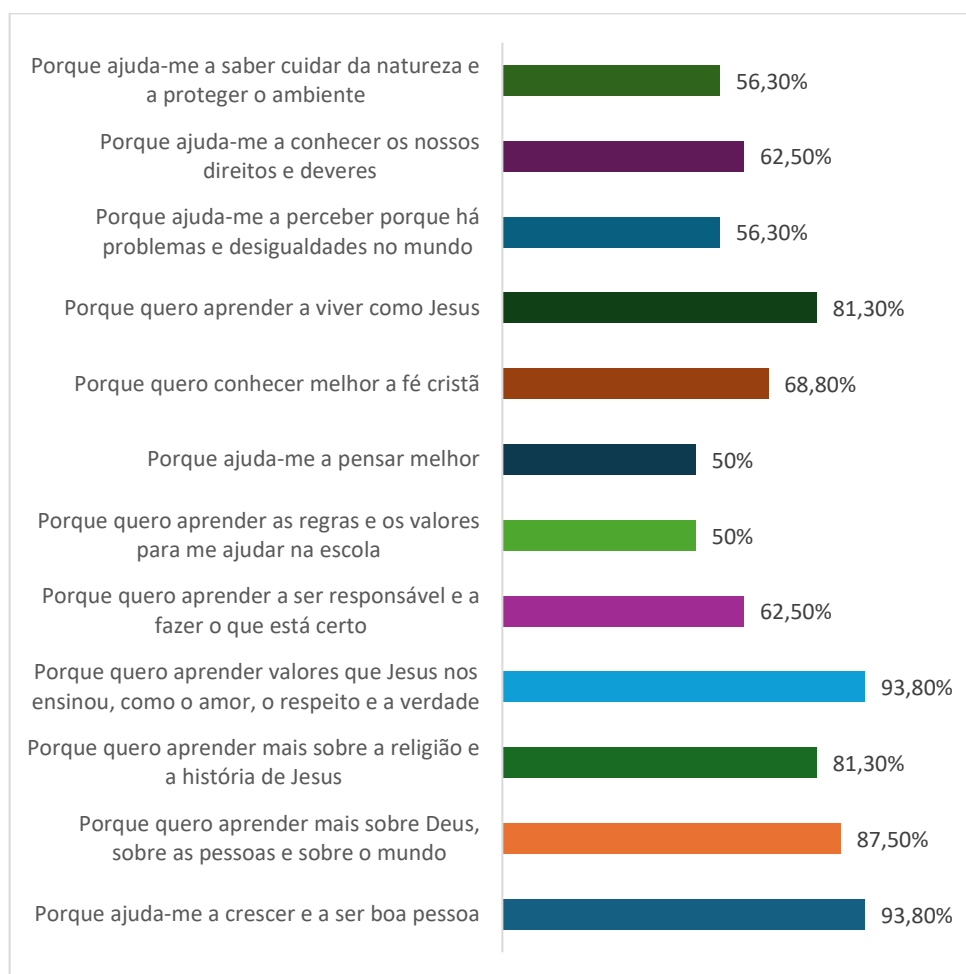
Fonte: Elaboração Própria

Na questão “*Porque estás inscrito em EMRC?*”, os resultados revelam diferentes motivações, sendo as mais destacadas o crescimento pessoal e a aprendizagem de valores. Para 93,8% dos alunos, a disciplina ajuda-os a crescer e a ser “boas pessoas”, e a mesma percentagem afirma que lhes permite aprender valores que Jesus ensinou, como o amor, o respeito e a verdade. Além disso, 87,5% referem que frequentam EMRC porque querem aprender mais sobre Deus, sobre as pessoas e sobre o mundo, enquanto 81,3% afirmam que o fazem para aprender mais sobre a religião e a história de Jesus e também para aprender a viver como Jesus.

Num nível intermédio, 68,8% dos alunos indicam que a disciplina os ajuda a conhecer melhor a fé cristã, e 62,5% mencionam que a frequentam porque querem aprender a ser responsáveis e a fazer o que está certo. Outros motivos são menos expressivos, mas ainda significativos: 56,3% afirmam que EMRC os ajuda a perceber porque existem problemas e desigualdades no mundo e a cuidar da natureza e a proteger o ambiente, enquanto 62,5% destacam que contribui para conhecer melhor os direitos e deveres.

Por fim, 50% dos alunos consideram que a disciplina os ajuda a aprender regras e valores que lhes são úteis na escola e outros 50% referem que os ajuda a pensar melhor.

Gráfico 35: Opinião dos alunos quanto às razões por que estão inscritos em EMRC



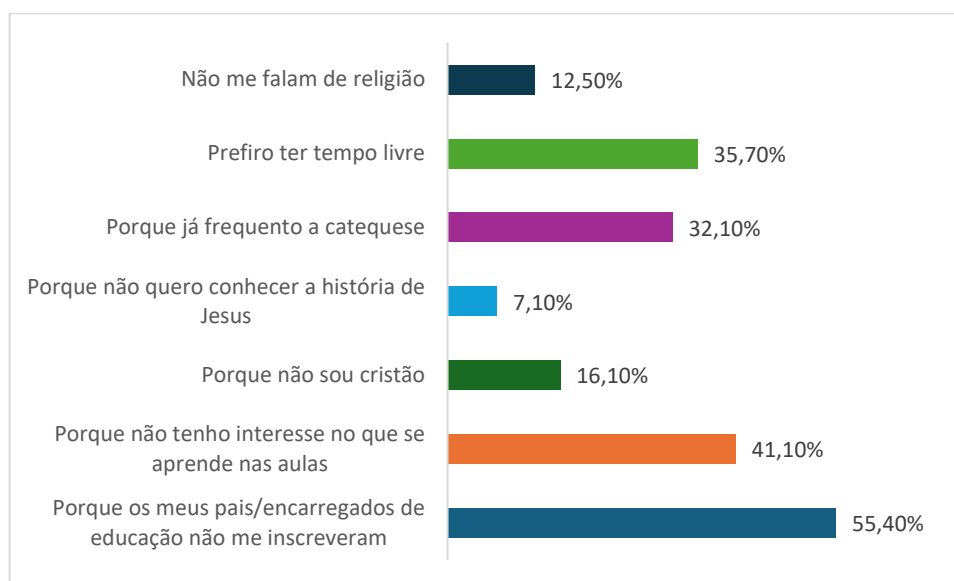
Fonte: Elaboração Própria

Os resultados que se apresentam de seguida dizem respeito exclusivamente aos alunos que não estão inscritos na disciplina de EMRC, permitindo assim conhecer também a perceção e opinião deste grupo relativamente à disciplina e aos seus conteúdos.

Na questão “*Porque não estás inscrito em EMRC?*”, os resultados mostram que a principal razão apontada pelos alunos é o facto de os pais ou Encarregados de Educação não os terem inscrito, opção assinalada por 55,4% dos inquiridos. Em seguida, surgem motivos ligados ao desinteresse pessoal, já que 41,1% referem não ter interesse nos conteúdos das aulas e 35,7% preferem aproveitar esse tempo como tempo livre.

Outras justificações relevantes prendem-se com o facto de 32,1% dos alunos frequentarem a catequese. Já 16,1% afirmam não ser cristãos e 7,1% declaram não querer conhecer a história de Jesus. Por fim, 12,5% dos alunos afirmam não falar de religião.

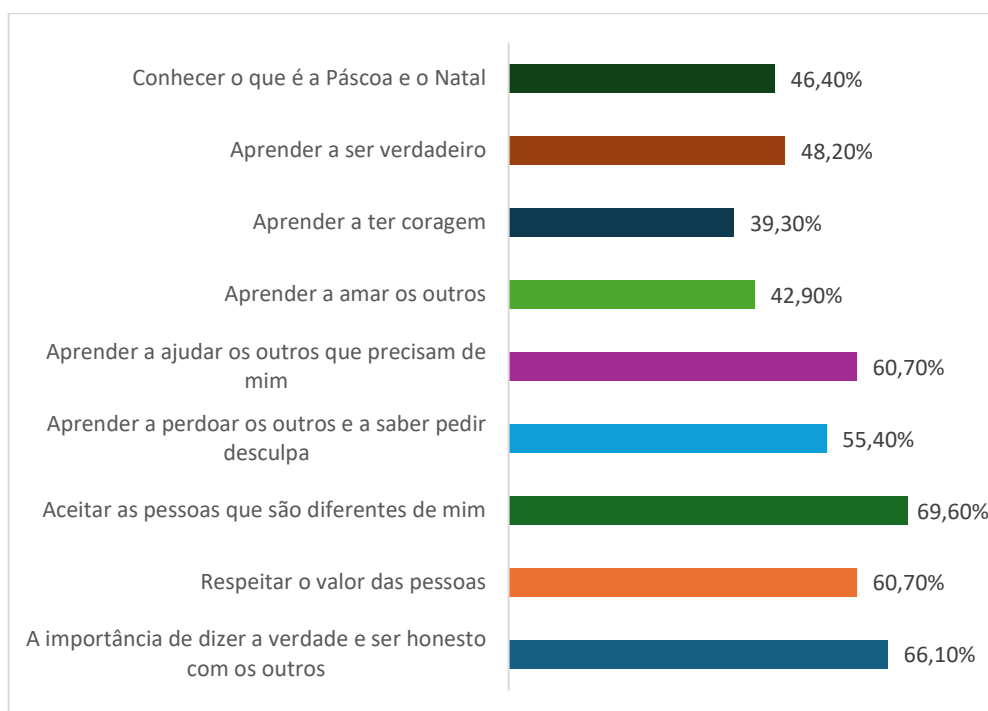
Gráfico 36: Opinião dos alunos acerca da sua não inscrição em EMRC



Fonte: Elaboração Própria

Na questão dirigida aos alunos que não estão inscritos em EMRC — “*Quais os temas que devem fazer parte das aulas de EMRC?*” —, os resultados revelam que os conteúdos mais valorizados estão relacionados com os valores humanos e o respeito pelos outros. O tema mais referido foi “Aceitar as pessoas que são diferentes de mim”, indicado por 69,6% dos alunos, seguido de “A importância de dizer a verdade e ser honesto com os outros” (66,1%) e “Aprender a ajudar os outros que precisam de mim” e “Respeitar o valor das pessoas”, ambos com 60,7%. Outros temas também se destacam, ainda que com percentagens mais moderadas: “Aprender a perdoar os outros e a saber pedir desculpa” (55,4%), “Conhecer o que é a Páscoa e o Natal” (46,4%), “Aprender a ser verdadeiro” (48,2%) e “Aprender a amar os outros” (42,9%). Já os conteúdos com menor destaque foram “Aprender a ter coragem”, escolhido por 39,3% dos inquiridos.

Gráfico 37: Opinião dos alunos não inscritos acerca dos temas que devem integrar o currículo de EMRC



Fonte: Elaboração Própria

Capítulo VII: Análise e discussão dos resultados

Importa desde logo referir que a caracterização sociodemográfica dos Encarregados de Educação revelou que a maioria se encontra na faixa etária entre os 36 e 45 anos, representando aproximadamente dois terços do total da amostra. Já no que concerne ao sexo, a amostra evidencia uma esmagadora predominância de Encarregados de Educação do sexo feminino (cerca de 80%). Este resultado corrobora a ideia de que são maioritariamente as mães, ou outras figuras femininas da família, que assumem o papel formal de responsáveis pela educação dos alunos e que mais frequentemente se envolvem em atividades escolares.

No que respeita às habilitações académicas verificou-se que a maioria dos Encarregados de Educação possui ensino secundário (39%) ou licenciatura (34%). Este dado mostra uma amostra com um nível de escolaridade relativamente elevado. Perante este facto, podemos referir que quase três quartos dos encarregados apresentarem qualificações intermédias ou superiores pode influenciar as suas perceções sobre a disciplina de EMRC. Isto porque, “o ensino superior liberaliza as preocupações morais para a maioria dos estudantes, mas também se afasta do perfil liberal padrão ao promover o absolutismo moral em vez do relativismo”³² Por outras palavras, significa que a universidade faz com que os estudantes sejam mais abertos, tolerantes e liberais nas suas visões. Assim, níveis de escolaridade mais altos tendem a estar associados a uma maior valorização da diversidade cultural e a uma postura mais crítica perante a transmissão confessional da fé em contexto escolar.

Já no que respeita à religião, os resultados indicam que a maioria dos Encarregados de Educação se identifica como católica (62%), seguindo-se um grupo significativo de sem religião (23%). Outras pertenças religiosas, como muçulmana, evangélica, pentecostal ou adventista luterana, apresentam expressão residual. Estes dados refletem, por um lado, a persistência do catolicismo como religião maioritária em Portugal, mas também a crescente importância do grupo dos que se declaram sem religião, fenómeno que acompanha a tendência de secularização observada em muitas sociedades europeias. Saliente-se, ainda que quase um quarto dos Encarregados de Educação não se identifica com nenhuma religião.

Um dos primeiros dados de relevo para esta análise diz respeito à inscrição dos educandos na disciplina de EMRC. Os resultados mostram que apenas 24% dos alunos do 3.º e 4.º anos da amostra frequentam a disciplina, enquanto a esmagadora maioria, correspondendo

³² M. Bročić and A. Miles, “College and the ‘Culture War’: Assessing Higher Education’s Influence on Moral Attitudes,” *American Sociological Review* 86, no. 5 (2021): 856.

a 76%, não se encontra inscrita. Este dado, por si só, revela que a não inscrição constitui a opção predominante das famílias inquiridas.

A leitura crítica destes resultados convida a considerar múltiplos fatores. Em primeiro lugar, a baixa taxa de inscrição em EMRC pode ser explicada pelo processo de secularização crescente que atravessa a sociedade portuguesa.³³ Se, por um lado, o catolicismo continua a ter peso identitário, por outro, a prática religiosa efetiva e a adesão a espaços institucionais de transmissão da fé têm vindo a diminuir. A opção por não inscrever os filhos em EMRC pode refletir esta tendência mais ampla de afastamento da religião organizada ou, como poderemos constatar face aos resultados a um desconhecimento quer da finalidade, quer dos conteúdos de EMRC. Se nos detivermos sobre as razões para a não inscrição dos seus educandos em EMRC verificámos que a não inscrição não deve ser interpretadas apenas como um sinal de rejeição da disciplina. Isto porque, entre os motivos mais mencionados, destaca-se o facto de não considerarem a disciplina fundamental para o modelo de educação integral que entendem ser o mais adequado para os seus educandos (61,4%). Este argumento sugere que, para muitos pais, EMRC não acrescenta um valor único ou indispensável ao percurso educativo das crianças, uma vez que acreditam que os princípios de formação integral poderão ser assegurados noutras instâncias.

Outra razão de peso foi a convicção de que a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, mas que pode ser integrada noutras experiências educativas sem recurso à disciplina escolar (49,1%). Esta perceção revela uma visão segundo a qual a educação religiosa e moral pode ser cultivada em ambientes familiares, comunitários ou catequéticos, não necessitando de ser formalizada em contexto escolar.

A ideia de que a Catequese e EMRC são atividades alternativas também foi assinalada por 40,4% dos Encarregados de Educação, reforçando a noção de que a disciplina é vista por muitos como redundante face a outros espaços já existentes de iniciação e formação religiosa.

Motivos de natureza mais confessional ou identitária apresentaram menor expressão: apenas 21,1% justificaram a não inscrição pelo facto de o educando não ser cristão, e 19,3% por entenderem que a disciplina visa a adesão explícita a Cristo e ao aprofundamento da fé. Estes valores, embora minoritários, evidenciam a presença de famílias que, por razões religiosas ou de consciência, optam por não inscrever os seus filhos em EMRC.

Face ao exposto considera-se importante esclarecer os pais quanto a efetiva finalidade e conteúdos de EMRC, pois os resultados tendem a demonstrar que os Encarregados de

³³ Teresa Toldy, review of *A religião no espaço público português*, by Helena Vilaça and Maria João Oliveira, *Lusitania Sacra*, no. 43 (2021): 247–251.

Educação não inscrevem os seus filhos por falta de conhecimento do currículo e da finalidade de EMRC, bem como por de certo modo considerarem que EMRC e Catequese são sinónimos. Situação esta que, anteriormente, esclarecemos, que EMRC e Catequese não são sinónimos.

Embora constituam apenas 24% da amostra, os Encarregados de Educação que optaram pela inscrição dos filhos em EMRC fornecem informações importantes acerca das razões que sustentaram essa escolha e da forma como percebem a relevância da disciplina. Entre as motivações mais expressivas, destaca-se a valorização de EMRC como espaço que contribui para o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, assinalada por 80% dos inquiridos. Este resultado é particularmente relevante, pois mostra que, para estes Encarregados de Educação, a disciplina não é vista apenas numa perspetiva confessional, mas como um contributo essencial para a formação global da criança, abrangendo dimensões pessoais, sociais, morais e espirituais. Leva-nos a crer, este resultado, que os Encarregados de Educação que inscreveram os seus educandos em EMRC conhecem de facto a finalidade de EMRC.

Também com elevada relevância surgem as razões relacionadas com a visão cristã do mundo, do homem e de Deus (60%), com a promoção de responsabilidade e coerência (60%) e com o objetivo de promover a igualdade de direitos e deveres das alunas e alunos, através de uma educação livre de preconceitos e estereótipos (60%). Estes dados indicam que, além da formação religiosa, os Encarregados de Educação valorizam a disciplina como espaço de transmissão de valores universais e de desenvolvimento da cidadania. Outros motivos, embora com menor percentagem, reforçam esta perceção: estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé (55%), ajudar a amadurecer as dúvidas no que respeita ao sentido da vida (45%) e levar ao conhecimento da fé (45%). Estes resultados sugerem que os Encarregados de Educação que inscreveram os seus educandos não veem a EMRC apenas como catequese escolarizada, mas como um espaço de reflexão cultural, ética e espiritual. Saliente-se ainda que, a motivação menos assinalada foi a de aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo (20%), o que pode indicar que os Encarregados de Educação podem compreender a disciplina principalmente numa ótica de valores e de fé.

No que respeita às perceções sobre o impacto da disciplina, os resultados revelam um impacto positivo. A maioria absoluta dos Encarregados de Educação concorda que a EMRC promove valores essenciais para a formação pessoal, social e moral (95%), que as unidades letivas abordadas contribuem para a promoção das relações interpessoais e para a capacitação de decisões livres e responsáveis (95%) e que as temáticas lecionadas têm efetivamente moldado o comportamento ou atitudes dos educandos (95%).

Além disso, 90% dos Encarregados de Educação afirmaram que os filhos demonstram entusiasmo e interesse pelas aulas, e 90% consideram que a disciplina proporciona condições para que os alunos desenvolvam uma relação pessoal com Deus e uma fé vivida em comunidade. Ainda, 95% reconhecem que a EMRC contribui para a promoção de atitudes de respeito diante da diversidade cultural, e 90% acreditam que sensibiliza os alunos para os problemas humanos e sociais, incentivando-os a construir uma sociedade mais justa.

Saliente-se ainda que a maioria significativa da amostra (76%) corresponde a Encarregados de Educação que optaram por não inscrever os seus educandos na disciplina de EMRC. Ao nos debruçarmos sobre as razões para a não inscrição leva-nos a crer que os Encarregados de Educação não rejeitam de forma absoluta a relevância da dimensão religiosa ou moral, mas colocam em causa a necessidade da disciplina em contexto escolar. Assim, a motivação mais mencionada foi a de que a disciplina não é fundamental para o modelo de educação integral que, no seu entendimento, melhor convém ao educando (61,4%). Este argumento traduz uma conceção segundo a qual a formação moral e religiosa pode ser assegurada por outras vias, sejam elas familiares, comunitárias, culturais ou religiosas, não devendo ser necessariamente parte do currículo escolar. Ora, esta constatação conduz-nos novamente ao referido anteriormente, os Encarregados de Educação desconhecem a verdadeira finalidade de EMRC enquanto disciplina integrante do percurso escolar.

Outra justificação relevante, assinalada por 49,1%, defende que a dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, mas que pode estar presente no desenvolvimento integral do aluno mesmo sem recurso à disciplina de EMRC. Esta perceção parece indicar uma valorização da espiritualidade ou da religiosidade como dimensão humana, mas dissociada da obrigatoriedade de a trabalhar formalmente na escola.

A ideia de que Catequese e EMRC são atividades alternativas foi referida por 40,4%, sugerindo que algumas famílias entendem que a formação cristã pode ser garantida fora da escola, nomeadamente no espaço paroquial ou comunitário, sendo a disciplina escolar vista como redundante.

Finalmente, razões mais identitárias ou confessionais surgem com menor expressão: 21,1% não inscreveram os filhos por estes não serem cristãos, e 19,3% por considerarem que a disciplina visa a adesão explícita a Cristo e ao aprofundamento da fé, o que não corresponde às suas opções familiares.

Um dos resultados mais interessantes desta investigação é que, mesmo os Encarregados de Educação que não inscreveram os seus filhos em EMRC, reconhecem a pertinência de diversos temas que poderiam constar do currículo da disciplina. E mais interessante ainda, é

que os temas que selecionaram como pertinentes são de facto temas que integram o currículo de EMRC. Novamente, temos mais uma constatação que nos permite concluir a falta de conhecimento dos Encarregados de Educação face ao currículo, finalidade e objetivos de EMRC enquanto disciplina integrante do percurso escolar dos seus educandos.

Assim, entre mais valorizados encontram-se: respeito pela dignidade humana (82,3%), ajudar os outros (66,1%), aprender a perdoar e a pedir perdão (64,5%) e aceitar e respeitar as diferenças (62,9%). Também com expressão significativa, surgem os temas “a importância da verdade e da honestidade nas relações interpessoais” (59,75%) e “cultivar o amor ao próximo, o diálogo e a empatia” (54,8%). Aqui reforça-se a ideia de que os Encarregados de Educação consideram a escola como um espaço que promova competências relacionais e valores humanos fundamentais para a vida em sociedade.

Por outro lado, temas de carácter mais confessional ou diretamente associados à fé cristã tiveram menor valorização: “ser autêntico nas decisões” (48,4%), “ter coragem e acreditar em si próprio” (38,7%) e, sobretudo, “conhecer o significado das principais festas cristãs: Natal e Páscoa”, que foi assinalado apenas por 35,5%.

Por sua vez, ao analisarmos os resultados dos alunos do 3.º ano e 4.º ano que estão inscritos em EMRC quando questionados sobre a semelhança de conteúdos abordados em EMRC e a Catequese verificámos que 33% responderam afirmativamente, mas 67% responderam negativamente. Ora, desta feita, verificámos que, para a maioria dos alunos, existe uma distinção clara entre estes dois contextos. Indo assim, de encontro ao anteriormente referido, que a Catequese é habitualmente associada a um espaço mais pastoral, confessional e ligado diretamente à vivência da fé cristã, enquanto a EMRC é entendida como uma disciplina escolar, de carácter mais formativo, cultural e ético.

Porém, não podemos deixar de enfatizar que a percentagem de um terço de alunos que considera que os conteúdos são iguais demonstra que existe, aos olhos de muitos, uma sobreposição de temas significativa, o que, como referido anteriormente, através da análise dos temas presentes no Guia do Catecismo e no currículo de EMRC do 3.º e 4.º ano, essa sobreposição não ocorre, uma vez que os temas abordados e, essencialmente, a forma como os temas são abordados são bastante distintas. Basta para isto, nos determos nas respostas dos alunos quanto aos temas abordados na Catequese: “Falar com Deus é muito importante”, “Todas as crianças têm direitos” e “Devemos respeitar os outros”. Todas estas respostas obtiveram 100%, o que poderá denotar uma certa confusão dos alunos quanto aos temas abordados na Catequese e em EMRC. Ora, desta forma, do ponto de vista pedagógico, poderá ser importante clarificar junto dos alunos, e até das famílias, as especificidades de cada espaço, sublinhando

que a EMRC se insere no contexto escolar e assume uma perspectiva aberta, cultural e que promove o diálogo e a reflexão, enquanto a Catequese se centra no itinerário de fé comunitária e de adesão a Jesus Cristo.

Quando questionados sobre se gostam da disciplina de EMRC, 81% dos alunos afirmaram que sim, 19% responderam “mais ou menos” e nenhum respondeu “não”. Este dado revela um índice de satisfação elevado, que demonstra a boa aceitação da disciplina por parte dos alunos. A inexistência de respostas negativas reforça a ideia de que a experiência em EMRC é globalmente positiva, mesmo que haja uma minoria que não se sente totalmente envolvida.

Questionados se os temas de EMRC são interessantes, 75% responderam “sim”, 25% “mais ou menos” e novamente nenhum indicou “não”. A nossa atenção, face a estes resultados, enquanto docentes, não se deverá fixar tanto nos 75%, mas nos 25% por forma a repensarmos as aulas, no seu aspeto metodológico e didático a fim de que o interesse pelas aulas de EMRC não se perca.

Particularmente relevante é a unanimidade obtida quando se perguntou se as aulas de EMRC ajudam os alunos a ser melhores pessoas, a valorizar os outros e a fazer o bem: 100% responderam afirmativamente. Este resultado é um dos mais significativos do estudo, pois demonstra que os alunos reconhecem na disciplina o impacto positivo na sua formação humana, ética e social.

Do mesmo modo, quando questionados se as aulas sobre o amor, a verdade e a coragem são interessantes, 94% responderam “sim” e apenas 6% disseram “não”. Estes valores confirmam que as unidades letivas desenvolvidas para este grupo-turma foram apelativas e relevantes para os alunos.

À questão sobre se as aulas ajudam a falar melhor com os outros e a tomar boas decisões, 75% responderam “sim”, 25% “mais ou menos” e nenhum disse “não”. Embora menos expressivo do que noutros indicadores, este dado mostra que a maioria reconhece a utilidade prática da disciplina na vida quotidiana. Este resultado vai de encontro com a resposta dos alunos acerca da sua perceção quanto ao papel de EMRC no auxílio da compreensão da mensagem cristã. Apenas 37,5% responderam “sim”, ao passo que 62,5% responderam “não”. Ora isto demonstra que, os alunos reconhecem que EMRC está mais associada ao desenvolvimento humano e ético do que ao aprofundamento da fé cristã.

Porém, ao analisarmos as respostas dos alunos no que respeita aos motivos para sua inscrição esta clareza desvanece-se, na medida em que os alunos deram respostas muito variadas. Destacam-se sobretudo razões ligadas ao crescimento pessoal e espiritual: 93,8% afirmaram que frequentam a disciplina porque os ajuda a crescer e a ser boas pessoas, e

exatamente a mesma percentagem indicou que o fazem para aprender os valores de Jesus, como o amor, o respeito e a verdade. Além disso, 87,5% referem que querem aprender mais sobre Deus, sobre as pessoas e sobre o mundo, enquanto 81,3% valorizam a aprendizagem sobre a religião, a história de Jesus e a forma de viver como Ele.

Num nível intermédio, 68,8% indicam que a disciplina os ajuda a conhecer melhor a fé cristã, e 62,5% dizem que frequentam para aprender a ser responsáveis e a fazer o que está certo.

Outras razões menos expressivas, mas ainda relevantes, incluem 56,3% que veem em EMRC uma ajuda para compreender problemas e desigualdades no mundo e também para cuidar da natureza e do ambiente, e 50% que destacam o contributo da disciplina para pensar melhor ou para aprender regras e valores úteis na escola.

Por sua vez, ao analisar os motivos que os alunos indicaram para não estarem inscritos em EMRC verificámos que são apontados uma diversidade de motivos. Desde logo, o mais referido, é o facto de 55,4% afirmarem que os pais ou Encarregados de Educação não os inscreveram, o que revela que muitas vezes a decisão não depende diretamente dos alunos. Em segundo lugar, 41,1% dizem que não têm interesse no que se aprende nas aulas, e 35,7% preferem utilizar esse tempo como tempo livre. Outras justificações incluem 32,1% que afirmam já frequentar a Catequese, considerando-a suficiente, 16,1% que não se identificam como cristãos, e 7,1% que dizem não querer conhecer a história de Jesus. Por fim, 12,5% afirmam que não falam de religião no seu contexto, o que pode estar associado à falta de valorização familiar desse tema.

Por último, e tal como ocorreu com os Encarregados de Educação, os alunos não inscritos sobre temas que devem fazer parte da disciplina, apontam temas que, de facto, integram o currículo de EMRC. O tema mais apontado foi “Aceitar as pessoas que são diferentes de mim”, escolhido por 69,6% dos alunos. Seguiram-se “A importância de dizer a verdade e ser honesto com os outros” (66,1%) e “Aprender a ajudar os outros que precisam de mim” e “Respeitar o valor das pessoas”, ambos com 60,7%.

Outros temas também se destacam: “Aprender a perdoar e a pedir desculpa” (55,4%), “Conhecer o que é a Páscoa e o Natal” (46,4%), “Aprender a ser verdadeiro” (48,2%), “Aprender a amar os outros” (42,9%) e “Aprender a ter coragem” (39,3%).

Conclusões, limitações e pistas de investigação futura

O presente estudo teve como objetivo conhecer qual a percepção dos Encarregados de Educação e dos alunos do 3.º e 4.º anos de escolaridade acerca de EMRC e do conteúdo do seu currículo. Desde logo, no que concerne às opções pedagógicas didáticas adotadas na disciplina de EMRC têm um impacto direto e significativo, quer na percepção dos Encarregados de Educação, quer na percepção dos alunos. A valorização de EMRC, tanto por parte dos Encarregados de Educação como dos alunos, está relacionada com opções pedagógicas adotadas e pela forma como os conteúdos são trabalhados em sala de aula. Mais do que a natureza dos conteúdos em si, é a metodologia, a relação pedagógica e a forma como os valores são transmitidos que determinam a percepção social e escolar da disciplina, especialmente no que se refere à sua relevância, pertinência e impacto no desenvolvimento integral dos alunos.

Entre os Encarregados de Educação, constata-se que a EMRC ganha particular legitimidade quando se centra na promoção de valores universais como o respeito, a solidariedade, a diversidade cultural e a justiça social. Nessa medida, a disciplina deixa de ser entendida apenas na sua dimensão confessional, aproximando-se de um espaço de formação para a cidadania, para a convivência democrática e para a construção de um sentido de responsabilidade social. Os dados recolhidos confirmam esta percepção: 90% dos Encarregados de Educação afirmam que os seus educandos demonstram entusiasmo pelas aulas, e 95% reconhecem que os conteúdos trabalhados contribuem para adaptar atitudes e comportamentos. Estes indicadores revelam que metodologias participativas e centradas no aluno potenciam não apenas a aquisição de conhecimentos, mas sobretudo a transformação de atitudes e comportamentos, dimensão que os pais consideram essencial no processo educativo.

Mesmo entre os Encarregados de Educação que não inscrevem os filhos em EMRC, há um reconhecimento claro da pertinência de vários conteúdos, sobretudo os ligados à ética e às relações interpessoais. Isto demonstra que a resistência à EMRC não resulta, em primeiro lugar, da rejeição dos valores trabalhados, mas sim da percepção de que a disciplina permanece demasiado próxima da lógica catequética, o que, em contexto escolar público e plural, gera reservas. Assim, o que afasta alguns pais não é a discordância com os valores transmitidos, mas a convicção de que a disciplina mantém uma ligação confessional.

No que respeita à percepção dos alunos, os resultados apontam na mesma direção, ainda que com características próprias. Também para eles a motivação, o interesse e a atribuição de significado à disciplina estão diretamente ligados às opções pedagógicas e à relação

estabelecida em sala de aula. A maioria dos alunos inscritos (81%) afirma gostar da EMRC, nenhum declarou não gostar, e 75% consideram os temas interessantes, contrastando com apenas 25% que os classificam como “mais ou menos”. Estes números revelam que, quando os conteúdos são apresentados de forma dinâmica, participativa e próxima da realidade dos jovens, EMRC proporciona um envolvimento positivo. Mais relevante ainda é a unanimidade dos dados: 100% dos alunos afirmam que EMRC os ajuda a serem melhores pessoas, a valorizar os outros e a praticar o bem. Esta unanimidade confirma que a disciplina não é percebida apenas como espaço de transmissão de conhecimentos, mas sim como uma oportunidade de desenvolvimento integral, capaz de influenciar diretamente atitudes e comportamentos na vida cotidiana. Além disso, 88% dos alunos reconhecem que EMRC contribui para o respeito e valorização da diferença, o que reforça a sua função como promotora de uma cidadania inclusiva, capaz de preparar os jovens para viver em sociedades plurais.

A percepção menos clara quanto ao contributo da disciplina para conhecer a mensagem cristã é significativa: apenas 37,5% dos alunos responderam “sim” a essa questão, enquanto 62,5% indicaram “mais ou menos”. Isto coloca em evidência a necessidade de encontrar um equilíbrio delicado: por um lado, a EMRC deve preservar a sua especificidade confessional, transmitindo com clareza a identidade cristã que lhe dá fundamento; por outro, deve fazê-lo de forma dialogante, crítica e não impositiva, para que não se afaste do contexto escolar plural. Se a disciplina se centrar demasiado na dimensão ética e cultural, corre-se o risco de diluir a sua identidade e de se confundir com uma moral genérica, que poderia ser trabalhada noutras áreas curriculares. Se, pelo contrário, a ênfase recair demasiado sobre a dimensão confessional, a EMRC perderá adesão entre os alunos e Encarregados de Educação que não se identificam com essa proposta, comprometendo a sua relevância em contexto público.

Os dados relativos aos alunos não inscritos reforçam esta leitura. Muitos deles atribuem importância a valores trabalhados na EMRC, como aceitar as diferenças (69,6%), dizer a verdade (66,1%) e ajudar os outros (60,7%). A valorização destes conteúdos por parte de quem não frequenta a disciplina confirma que a sua rejeição não está associada aos temas abordados, mas à percepção de que, em alguns contextos, a disciplina ainda está demasiado vinculada a uma lógica catequética. Isto demonstra mais uma vez que a pedagogia e a forma de apresentação são elementos decisivos para a aceitação EMRC no seio dos Encarregados de Educação.

Assim concluímos, em primeiro lugar, que as opções pedagógicas e didáticas têm impacto direto na percepção da disciplina por parte de Encarregados de Educação e alunos. Quando as metodologias são participativas, interativas e centradas nos alunos, orientando-se

para a vivência de valores universais, a disciplina é amplamente valorizada. Pelo contrário, quando é percebida como “catequese na escola”, gera resistência e menor adesão.

Em segundo lugar, observa-se que tanto alunos como Encarregados de Educação atribuem grande valor à dimensão ética, social e cultural de EMRC, reconhecendo nela um contributo efetivo para a formação integral, para a convivência democrática e para o desenvolvimento de atitudes positivas.

Por fim, a análise evidencia que a decisão dos Encarregados de Educação relativamente à inscrição dos seus educandos está fortemente condicionada pela imagem pública da disciplina, que resulta sobretudo das opções pedagógicas. Quando EMRC é entendida como espaço de formação integral, aberta ao diálogo e promotora de valores universais, é amplamente valorizada; quando é percebida como “catequese na escola”, tende a gerar resistência.

Ao determos a nossa atenção no que respeita à perceção dos Encarregados de Educação e dos alunos no que se refere à disciplina e currículo de EMRC concluímos que é, em termos gerais, positiva. Os Encarregados de Educação que inscreveram os seus educandos em EMRC reconhecem que a disciplina é um espaço formativo importante e relevante. Ou seja, é uma forma de promover valores pessoais, sociais e morais; capaz de despertar interesse e entusiasmo nos seus educandos e, ainda, contribuir para atitudes de respeito e solidariedade. Aliado a isto, os Encarregados de Educação valorizam a dimensão espiritual, entendendo que EMRC pode proporcionar condições para o desenvolvimento da fé. Assim, o nosso estudo vai de encontro com as conclusões do estudo desenvolvido por L. M. Silva Gonçalves (2016), na medida em que quer os Encarregados de Educação que têm os seus educandos inscritos em EMRC, quer os alunos inscritos reconhecem importância de EMRC.

Por seu turno, os Encarregados de Educação que não inscreveram os seus educandos em EMRC têm uma posição mais crítica. Esta posição não é tanto em relação aos conteúdos, mas quanto à pertinência da disciplina no contexto escolar, devido à sua ligação confessional. Importa, ainda ressaltar que, ainda assim, reconhecem a importância de vários temas do currículo sobretudo os de caráter ético, como a dignidade humana, o perdão, a aceitação da diferença e a empatia. Esta importância reconhecida nos temas enumerados conduz-nos a concluir que os Encarregados de Educação desconhecem o currículo de EMRC, uma vez que os temas apontados são, de facto, temas abordados no âmbito de EMRC.

Do ponto de vista dos alunos, a perceção mantém-se bastante positiva, traduzindo-se em elevados níveis de satisfação com a disciplina e com os conteúdos abordados. A grande maioria dos alunos afirma gostar de EMRC e considerar interessantes os temas lecionados, reconhecendo que estes contribuem para o seu crescimento pessoal e social. Os alunos

sublinham, ainda, que a disciplina os ajuda a ser melhores pessoas, a valorizar o bem, assim como a respeitar as diferenças. Este aspeto permite reforçar a dimensão ética e social do currículo de EMRC.

Já no que respeita aos alunos não inscritos verifica-se, de igual modo, o reconhecimento da importância de temas como a aceitação da diferença, a honestidade e a solidariedade.

A perceção dos alunos relativamente à disciplina de EMRC é influenciada por um conjunto de fatores que se relacionam tanto com a experiência pedagógica vivida em sala de aula como com o contexto familiar e religioso em que estão inseridos. Do ponto de vista interno, os dados mostram que a metodologia adotada, a proximidade dos temas com a vida quotidiana e a valorização de dimensões humanas e sociais são elementos determinantes. A maioria dos alunos inscritos reconhece que a disciplina os ajuda a crescer como pessoas, a respeitar os outros e a tomar boas decisões, o que revela o impacto direto das opções pedagógico-didáticas na construção de uma imagem positiva de EMRC. A forma como os professores tornam os conteúdos significativos, apelando ao diálogo, à reflexão e à ligação entre fé e vida, contribui fortemente para esta perceção favorável.

Paralelamente, existem fatores externos que também influenciam esta perceção, nomeadamente a decisão dos pais ou Encarregados de Educação, o envolvimento em contextos paroquiais (como a Catequese) e a própria identidade religiosa ou ausência dela. Entre os alunos não inscritos, a principal razão apontada para não frequentarem EMRC foi a decisão familiar (55,4%), seguindo-se a perceção de desinteresse pelos conteúdos (41,1%) e a preferência por utilizar o tempo livre (35,7%). Isto mostra que, ainda que os alunos reconheçam a pertinência de muitos temas associados à disciplina — como a aceitação da diferença, a honestidade e a solidariedade —, a perceção de relevância depende não apenas da sua experiência direta, mas também das orientações do seu contexto social e familiar.

Assim, podemos referir que os principais fatores que influenciam a perceção dos alunos em relação à EMRC são de natureza pedagógica (metodologias, proximidade dos temas, impacto no desenvolvimento pessoal), mas também familiar e religiosa (decisão dos pais, pertença cristã, alternativas formativas).

Concluimos ainda que, a perceção dos Encarregados de Educação relativamente à disciplina de EMRC é influenciada por um conjunto de fatores de natureza sociodemográfica, cultural e pedagógica. Entre os mais determinantes encontram-se a ligação religiosa ou confessional das famílias, o nível de escolaridade, bem como a forma como interpretam o papel da escola na formação integral dos seus educandos. Para os Encarregados de Educação que inscrevem os filhos, a disciplina é valorizada pelo contributo que dá ao desenvolvimento

peçoal, social e moral das crianças, pela promoção de valores universais como o respeito, a solidariedade e a justiça social, e ainda pela sua capacidade de fomentar uma vivência comunitária da fé. Pelo contrário, para os que não inscrevem, a perceção crítica está menos ligada aos conteúdos e mais à associação da disciplina a uma matriz confessional, que consideram pouco ajustada ao espaço escolar público. Ainda assim, mesmo estes reconhecem a importância de temas centrais do currículo, sobretudo os de caráter ético e relacional.

Neste sentido, a perceção da relevância dos conteúdos da disciplina exerce um impacto direto na decisão de inscrição. Sempre que os Encarregados de Educação reconhecem a pertinência pedagógica dos temas abordados — em particular os ligados à formação em valores humanos e sociais —, tendem a atribuir maior legitimidade à disciplina e a considerá-la benéfica para o desenvolvimento integral dos alunos, o que se traduz numa maior probabilidade de adesão. Inversamente, quando a disciplina é percecionada como demasiado próxima da catequese ou da transmissão confessional da fé, prevalece a decisão de não inscrição, mesmo que os valores trabalhados sejam considerados relevantes.

Porém, o presente estudo apresenta algumas limitações, nomeadamente no que se refere à generalização das conclusões para outras escolas, em sentido estrito, como para outros agrupamentos de escolas, em sentido mais lato; a não permitir a generalização dos resultados para diferentes contextos, na medida em que foi analisada apenas a Escola n.º 2 de Lamações; e, ainda, quanto à metodologia seria útil o recurso à entrevista por forma a conseguir fazer a comparação entre os dados recolhidos via questionário e análise das próprias entrevistas.

Por último, no que concerne a pistas de investigação futura apontámos: alargar a amostra e o contexto escolar por forma a identificar possíveis diferenças entre escolas urbanas e rurais ou entre diferentes agrupamentos de escolas; avaliar a perceção dos diretores de agrupamentos e/ou diretores de turma relativamente à importância e pertinência do contributo de EMRC quer para o desenvolvimento dos alunos, quer para os eixos estratégicos do Projeto Educativo; e, ainda, realizar um estudo que nos permite perceber qual a perceção dos alunos no que respeita à disciplina de EMRC ao longo do seu percurso escolar de modo a conhecer se os conteúdos da disciplina continuam a ser relevantes e significativos à medida que os alunos vão evoluindo no seu percurso académico.

Bibliografia

- Agrupamento de Escolas D. Maria II. *Agrupamento de Escolas D. Maria II. “Patrono.”*, in: <https://www.aedonamaria.pt/content/patrono> (consultado em 16 de abril de 2025)
- Agrupamento de Escolas D. Maria II. *Projeto Educativo 2022–2026*, in: <https://www.aedonamaria.pt/content/projeto-educativo>. (consultado em 25 de agosto de 2025)
- Bročić, M., and A. Miles. “College and the ‘Culture War’: Assessing Higher Education’s Influence on Moral Attitudes.” *American Sociological Review* 86, no. 5 (2021): 856–880.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, Educação - Direito e dever - missão nobre ao serviço de todos, in: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/> (consultado no dia 26 de Outubro de 2024).
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade, in: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/> (consultado no dia 26 de Outubro de 2024).
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *A Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, in: <https://www.educris.com/v3/101-conferencia-episcopal-portuguesa/891-a-educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade> (consultado no dia 26 de Outubro de 2024).
- Miranda, Jorge. “A legitimidade da EMRC na Escola do Estado.” in I Congresso de Professores de EMRC: Um contributo essencial aos desafios educativos, [1-226]. Lisboa: 2001.

- Moreira, J. A., S. Henriques, e D. M. V. Barros. 2020. “Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.” *Dialogia*, 351–64.
- Moreira, José António, e Maria João Horta. 2020. “Educação e Ambientes Híbridos de Aprendizagem: Um Processo de Inovação Sustentada.” *Revista UFG* 20: 2.
- Moreira, M. D. A. L., F. L. dos Santos Zanelato, M. C. Callegari, M. M. Gregório, M. Bassini, S. de Azevedo Lima, and S. M. A. V. Santos. “Metodologias ativas na educação: desafios e oportunidades para o docente na transformação do ensino.” *Cuadernos de Educación y Desarrollo* 16, no. 10 (2024): e5943–e5943
- Muderedzwa, M. “Catholic Schools: Mission, Markets and Morality: A Comparative Study in Africa—the Case of Zimbabwe.” *International Studies in Catholic Education* 14, no. 1 (2022): 68–98.
- Peixoto, M. D. S. P. *Contributos Educativos da Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica: Um Estudo de Caso com Alunos do Nono Ano*. Tese de doutoramento, Universidade Católica Portuguesa, 2020.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Lisboa: Gráfica Almedina, 2014
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. Ao Encontro: Manual do aluno de Educação Moral e Religiosa Católica 3.º ano do Ensino Básico. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2022.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. Caminho Contigo: Manual do aluno de Educação Moral e Religiosa Católica 4.º ano do Ensino Básico. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2023.
- Silva Gonçalves, L. M. *A EMRC na Escola Pública na Diocese de Coimbra: Perceção de Alunos sobre a Relevância da Disciplina e o Perfil do Professor*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 2016.

Roldão, Maria do Céu, e Sara Almeida. *Gestão Curricular para a Autonomia das Escolas e Professores*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação, 2018.

Toldy, Teresa. Review of *A religião no espaço público português*, by Helena Vilaça and Maria João Oliveira. *Lusitania Sacra*, no. 43 (2021): 247–251.

Anexos

Anexo 1: Questionário aos Encarregados de Educação acerca da disciplina de EMRC

Estimado(a) Encarregado(a) de Educação,

Este questionário surge no âmbito do Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada desenvolvida no Agrupamento de Escolas D. Maria II o qual procura conhecer as perceções dos alunos e dos encarregados de educação acerca da disciplina de EMRC.

As suas respostas serão tratadas de forma anónima e confidencial e destina-se exclusivamente a fins de investigação e melhoria educativa.

Agradecemos muito a sua colaboração.

1. Idade

- () < 30 anos
- () 30-35 anos
- () 36-40 anos
- () 41-45 anos
- () > 46 anos

2. Sexo

- () Masculino
- () Feminino

3. Grau de escolaridade

- () Ensino Básico
- () Ensino Secundário
- () Licenciatura
- () Mestrado
- () Doutoramento

4. Religião

- () Sem religião
- () Católica
- () Muçulmana

- () Judaica
- () Outra Cristã Qual? _____
- () Outra religião Qual? _____

5. O seu educando está inscrito nas aulas de EMRC?

- () Sim
- () Não

Se o seu educando não estiver inscrito avance para a pergunta 16 e 17

6. Considera que EMRC promove valores essenciais para a formação pessoal, social e moral das crianças.

- () Concordo totalmente
- () Concordo
- () Não concordo, nem discordo
- () Discordo
- () Discordo Totalmente

7. As unidades letivas lecionadas nas aulas de EMRC designaram-se de “Educar para a verdade e autenticidade: valores na infância” e “Caminho de Amor e Coragem”. Tem acompanhado os conteúdos abordados nas aulas de EMRC??

- () Sim
- () Não

8. Considera que as unidades letivas anteriormente referidas contribuem para a promoção das relações interpessoais fundamentadas no diálogo e para a capacitação do aluno tomar decisões livres e responsáveis.

- () Concordo totalmente
- () Concordo
- () Não concordo, nem discordo
- () Discordo
- () Discordo Totalmente

9. Considera que as temáticas abordadas nas aulas de EMRC têm moldado o comportamento ou atitudes do seu educando??

() Sim

() Não

10. O seu educando demonstra entusiasmo ou interesse pelas aulas de EMRC?

() Sim

() Não

11. Considera que em EMRC deva proporcionar as condições essenciais para que o aluno assuma a sua existência como relação pessoal com Deus e desenvolver uma fé aceite e vivenciada na comunidade.

() Concordo totalmente

() Concordo

() Não concordo, nem discordo

() Discordo

() Discordo Totalmente

12. Considera que EMRC contribui para a promoção de uma atitude aberta e respeitosa diante da diversidade cultural

() Concordo totalmente

() Concordo

() Não concordo, nem discordo

() Discordo

() Discordo Totalmente

13. Considera que EMRC contribui para a sensibilização dos problemas humanos e sociais, de modo que o aluno se comprometa a construir uma sociedade mais justa.

() Concordo totalmente

() Concordo

() Não concordo, nem discordo

() Discordo

() Discordo Totalmente

14. Quais as razões que sustentaram a inscrição do seu educando em EMRC? (poderá selecionar mais do que uma opção)

- Contribuir para o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças
- Proporcionar ao meu educando a visão cristã do mundo, do homem e de Deus
- Aprender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã
- Identificar valores evangélicos
- Agir com responsabilidade e coerência
- Identificar a necessidade de valores hierarquizados na escola e na sociedade
- Ajudar a amadurecer as dúvidas no que respeita ao sentido da vida
- Estabelecer a comunhão e a intimidade com a pessoa de Jesus Cristo
- Levar ao conhecimento da fé
- Formar para a vida em Cristo
- Consciencialização e compreensão das causas dos problemas e das desigualdades a nível local e mundial
- Promover a igualdade de direitos e deveres das alunas e dos alunos, através de uma educação livre de preconceitos e estereótipos
- Promover um processo de consciencialização ambiental

15. Os conteúdos lecionados em EMRC como: o respeito pelo outro; a empatia; a solidariedade; a verdade; a autenticidade; a coragem; e o conhecimento da mundividência e contributo das tradições cristãs são importantes e adequados para o desenvolvimento das crianças.

- Concordo totalmente
- Concordo
- Não concordo, nem discordo
- Discordo
- Discordo Totalmente

16. Selecione os temas que considera mais importantes para constarem do currículo de EMRC, tendo em conta a relevância para o desenvolvimento integral do aluno.

- Respeito pela dignidade humana
- A importância da verdade e da honestidade nas relações interpessoais
- Aceitar e respeitar as diferenças

- Aprender a perdoar e a pedir perdão
- Ajudar os outros
- Cultivar o amor ao próximo, o diálogo e a empatia nas relações com os outros
- Ter coragem e acreditar em si próprio
- Ser autêntico nas decisões
- Conhecer o significado das principais festas cristãs: o Natal e a Páscoa

17. Quais as razões que sustentaram a não inscrição do seu educando em EMRC?

(poderá seleccionar mais do que uma razão)

- A dimensão religiosa é constitutiva da pessoa humana, porém haverá na mesma educação integral do aluno, mesmo que esta não seja considerada
- Porque o meu educando não é cristão
- Porque visa a adesão a Cristo e ao aprofundamento da fé
- Porque considero que a Catequese e EMRC são atividades alternativas
- Não considero que a disciplina seja fundamental para o modelo de educação integral que no meu intuito melhor convém ao meu educando

18. Selecione os temas que considera mais importantes para constarem do currículo de EMRC, tendo em conta a relevância para o desenvolvimento integral do aluno.

- Respeito pela dignidade humana
- A importância da verdade e da honestidade nas relações interpessoais
- Aceitar e respeitar as diferenças
- Aprender a perdoar e a pedir perdão
- Ajudar os outros
- Cultivar o amor ao próximo, o diálogo e a empatia nas relações com os outros
- Ter coragem e acreditar em si próprio
- Ser autêntico nas decisões
- Conhecer o significado das principais festas cristãs: o Natal e a Páscoa

Anexo 2: Questionário aos alunos do 3.º e 4.º anos acerca de EMRC

Estamos a fazer um estudo para saber a tua opinião sobre as aulas de EMRC. Queremos perceber se estás inscrito, se gostas das aulas, do que mais gostas nas aulas e, ainda, quais são os temas que achas mais importantes.

As tuas respostas vão ajudar os professores a melhorar as aulas e a escolher atividades e temas que sejam mais interessantes para ti e para os teus colegas.

Este questionário não tem respostas certas ou erradas! As tuas respostas são secretas e ninguém vai saber o teu nome! Responde com atenção e sinceridade!

Obrigada!

1. Quantos anos tens? _____

2. És:

Rapaz

Rapariga

3. Em que ano estás?

3.º ano

4.º ano

4. Vais à catequese?

Sim

Não

5. Estás inscrito nas aulas de EMRC?

Sim

Não

Se não estiveres inscrito avança para a pergunta 13.

6. Consideras que os temas de EMRC são iguais aos temas da catequese?

Sim

Não

7. Selecciona de entre os temas apresentados o que já falaste na Catequese?

A Igreja é uma família constituída por amigos de Jesus

- Falar com Deus é muito importante
- Conhecemos melhor Jesus
- Todas as crianças têm direitos
- Devemos ajudar os mais necessitados
- Devemos respeitar os outros
- Jesus fala-nos do amor
- A bíblia é um livro com histórias de Deus e de Jesus
- Somos amigos de Jesus e fazemos parte da sua família
- Jesus está connosco na missa
- Devemos dizer sempre a verdade
- Devemos saber pedir perdão e perdoar

8. Gostas de EMRC?

- Sim
- Mais ou menos
- Não

9. Achas que os temas de EMRC são interessantes?

- Sim
- Mais ou menos
- Não

10. Achas que as aulas de EMRC ajudam-te a ser uma pessoa melhor, a dar valor aos outros e a fazer o bem?

- Sim
- Não

11. Achas que as aulas de EMRC sobre o amor, a verdade e a coragem são interessantes?

- Sim
- Não

12. Achas que as aulas de EMRC ajudam-te a falar melhor com os outros e a tomar boas decisões?

- Sim
- Não

13. Achas que as aulas de EMRC ajudam-te a conhecer a mensagem cristã?

- Sim
- Mais ou menos
- Não

14. Achas que as aulas de EMRC ajudam-te a respeitar as pessoas que são diferentes?

- Sim
- Mais ou menos
- Não

15. Porque estás inscrito em EMRC? (podes seleccionar mais do que uma resposta)

- Porque ajuda-me a crescer e a ser boa pessoa
- Porque quero aprender mais sobre Deus, sobre as pessoas e sobre o mundo
- Porque quero aprender mais sobre a religião e a história de Jesus
- Porque quero aprender valores que Jesus nos ensinou, como o amor, o respeito e a verdade
- Porque quero aprender a ser responsável e a fazer o que está certo
- Porque quero aprender as regras e os valores para me ajudar na escola
- Porque ajuda-me a pensar melhor
- Porque quero conhecer melhor a fé cristã
- Porque quero aprender a viver como Jesus
- Porque ajuda-me a perceber porque há problemas e desigualdades no mundo
- Porque ajuda-me a conhecer os nossos direitos e deveres
- Porque ajuda-me a saber cuidar da natureza e a proteger o ambiente

16. Porque não estás inscrito em EMRC? (podes seleccionar mais do que uma resposta)

- Porque os meus pais/encarregados de educação não me inscreveram
- Porque não tenho interesse no que se aprende nas aulas
- Porque não sou cristão
- Porque não quero conhecer a história de Jesus
- Porque já frequento a catequese
- Prefiro ter tempo livre
- Não me falam de religião

17. Quais os temas que achas que devem fazer parte das aulas de EMRC? (podes selecionar mais do que uma resposta)

- () A importância de dizer a verdade e ser honesto com os outros
- () Respeitar o valor das pessoas
- () Aceitar as pessoas que são diferentes de mim
- () Aprender a perdoar os outros e a saber pedir desculpa
- () Aprender a ajudar os outros que precisam de mim
- () Aprender a amar os outros
- () Aprender a ter coragem
- () Aprender a ser verdadeiro
- () Conhecer o que é a Páscoa e o Natal